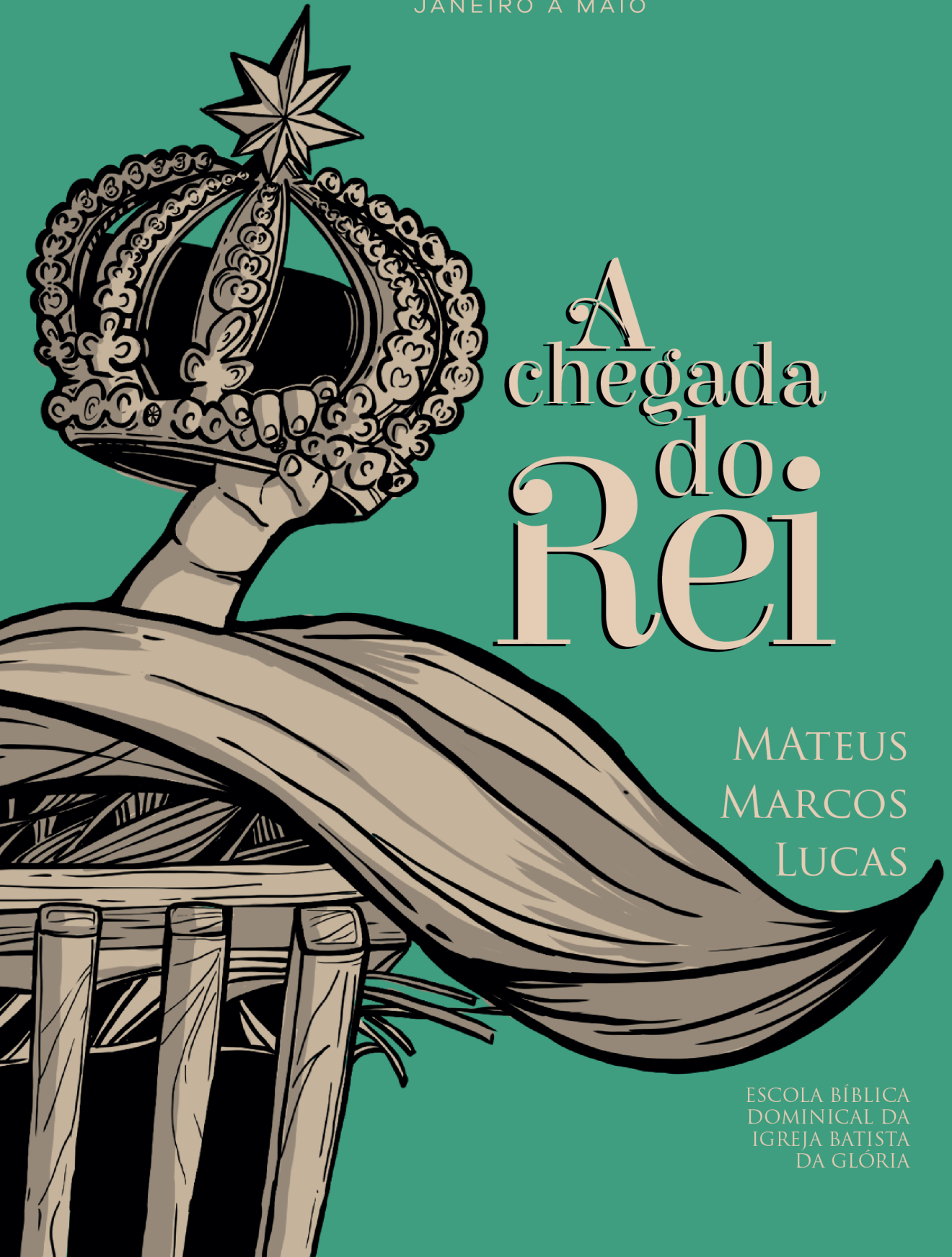


REVISTA EBD | ANO 3 | No.6 | 2025

JANEIRO A MAIO



A chegada do Rei

MATEUS
MARCOS
LUCAS

ESCOLA BÍBLICA
DOMINICAL DA
IGREJA BATISTA
DA GLÓRIA



**IGREJA BATISTA
DA GLÓRIA**

IGREJA BATISTA DA GLÓRIA
Rua Santa Cruz, 61, Glória
29122-310 - Vila Velha - ES
www.ibgloria.com | ibgloria@ibgloria.com

REVISTA EBD | ANO 3 | Nº 6 | 2025

JANEIRO A MAIO

COORDENAÇÃO

Bruno Faé
Márcia Oliveira
Joel Félix

REVISÃO ORTOGRÁFICA E GRAMATICAL

Rosângela Ribeiro
Eloisa Zerboni

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Helber Lopes
Moacyr Baldi

REDAÇÃO

Bruno Faé
Danúbia Rocha
Filipe Vieira
Halley Jhason
Iaracy Rodrigues
Márcia Oliveira
Moacyr Baldi
Penha Azevedo
Renan Azevedo
Sandra Pinheiro
Silvio Rios
Vitor Baldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista EBD. - v. 1, n. 6 (2025-). - Vila Velha, ES: Igreja
Batista da Glória, 2023-

Publicação periódica, 2023-
ISSN: 2966-4764

1. Educação cristã - periódicos. 2. Escola bíblica dominical -
periódicos. I. Título. II. Igreja Batista da Glória.

CDD: 205

Bibliotecário/a: Hermelinda Peixoto Pereira Martins CRB6-ES n.º 522

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Brasil.



EDITORIAL

As revistas da Escola Bíblica Dominical produzidas na Igreja Batista da Glória surgiram a partir do desejo de ter um material voltado para as necessidades da igreja. Por isso, as lições são elaboradas pelos próprios professores, membros da igreja.

Embora o formato das lições seja padronizado, a produção a partir de diferentes autores permite agregar uma rica diversidade de experiências e de conhecimentos. Para garantir a qualidade e a fidelidade às Escrituras, as lições são revisadas pelos pastores.

O formato das lições foi pensado de maneira que haja um equilíbrio entre os diferentes aspectos do processo de ensino-aprendizado, contemplando explicações, aplicações, atividades de fixação e aprofundamento e perguntas para reflexão e compartilhamento.

O currículo foi pensado de forma a privilegiar o texto Bíblico em si, equilibrando o Antigo e o Novo Testamento, relacionando a Antiga e a Nova Aliança e mostrando como toda Escritura apresenta um plano de Deus para a criação e a redenção da humanidade, em Cristo.

Nosso desejo é que essas revistas sejam bênção para o povo de Deus na Igreja Batista da Glória e onde mais forem utilizadas para edificação de pessoas e salvação de vidas.

Pr. Bruno Faé

SUMÁRIO

	REDAÇÃO	PÁG.
01 - O ANÚNCIO DA CHEGADA DE JESUS	Sandra Pinheiro	05
02 - NASCIMENTO E INFÂNCIA DE JESUS	Vitor Baldi	08
03 - MINISTERIO DE JOAO BATISTA	Márcia Oliveira	11
04 - O BATISMO E A TENTAÇÃO DE JESUS	Moacyr Baldi	14
05 - A PESCA MARAVILHOSA E O CHAMADO DOS PRIMEIROS DISCÍPULOS	Iaracy Rodrigues	17
06 - PREGAÇÃO NA GALILEIA	Danúbia Rocha	20
07 - BEM AVENTURANÇAS E AIS	Halley Jhason	23
08 - SAL DA TERRA E LUZ DO MUNDO	Penha Azevedo	26
09 - HOMICIDIO, ADULTÉRIO E JURAMENTO	Sandra Pinheiro	30
10 - VINGANÇA E AMOR AOS INIMIGOS	Vitor Baldi	33
11 - ORAÇÃO DO PAI NOSSO	Renan Azevedo	36
12 - TESOURO NO CÉU E ANSIEDADE	Danúbia Rocha	39
13 - OS JULGAMENTOS E A BONDADE DE DEUS	Silvio Rios	42
14 - SERMÃO DO MONTE	Moacyr Baldi	45
15 - PRIMEIRAS CURAS	Halley Jhason	48
16 - JESUS ACALMA A TEMPESTADE	Iaracy Rodrigues	51
17 - O CHAMADO DE LEVI (MATEUS)	Filipe Vieira	54
18 - O JEJUM	Bruno Faé	57
19 - OUTRAS CURAS	Bruno Faé	60
20 - O SÁBADO	Bruno Faé	63
21 - JOAO BATISTA ENVIA DISCÍPULOS	Márcia Oliveira	66
RESPOSTAS DAS ATIVIDADES		69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E LEITURAS AUXILIARES		71

A chegada do. Rei



1. APRESENTAÇÃO

O livro de Mateus (1.1-17) inicia sua escrita com a genealogia de Jesus, estabelecendo sua linhagem familiar e revelando sua verdadeira identidade. Os nomes citados na ancestralidade de Jesus refletem a fidelidade de Deus ao seu povo. Dessa maneira, não houve dúvidas sobre a origem do Messias, o Rei dos Judeus, apontando para o cumprimento das promessas de Deus.

Os nomes referenciais na genealogia trazem uma sequência de promessas. Abraão, por exemplo, seria o pai de muitas nações (Gn 15.4-5) e seu nome se tornaria grande, abençoando todos os povos da terra (Gn 12.2-3). Embora Abraão não tenha presenciado o cumprimento total dessas promessas, ele acreditou nelas, como Jesus revela em Jo 8:56. Assim, vivemos hoje o cumprimento de uma promessa que atravessou milênios (Rm 4.16-17).

Da mesma forma, Davi, que estava longe da perfeição, tinha ouvidos atentos, um coração sincero e inclinado a Deus. Ainda que não o visse, creu e teve a realização da promessa de restauração do seu reinado através de Jesus (2Sm 7.16).

A linhagem de Jesus revela também a fragilidade humana na condição de pecador: Abraão se precipita em cumprir a promessa que Deus havia feito (Gn 16); Judá trata sua nora Tamar como prostituta (Gn 38); Boaz, na condição de DESCENDENTE de Raabe, prostituta em Jericó (Js 2.1); Davi comete adultério com Bate-Seba e assassinato contra Urias (2Sm 12). No entanto, Deus demonstra que se interessa por pessoas que creem e confiam nEle, relacionam-se com Ele, vivem em sua dependência e se arrependem (Sl 103.10-14).

Todo o Antigo Testamento aponta para Cristo. Vemos isso nas promessas, nas advertências, nos reinos e nas libertações. Desde Gênesis, a vinda do Messias é anunciada de maneira implícita, e a presença de Cristo reverbera através das gerações.

Em suas cartas, Paulo descreve bem que as boas novas sobre Jesus foram determinadas antes mesmo da fundação do mundo. Ele derrotou a morte, trouxe luz e vida eterna (2Tm 1.9-10). Na carta aos Efésios, diz que Deus nos adotou em Jesus antes do início de tudo (Ef 1.4-5). O próprio Jesus fala com o Pai sobre sua eleição antes da criação do mundo (Jo 17.24).

A Bíblia nos diz que os planos de Deus jamais serão frustrados (Jó 42.2). Dessa forma, as profecias apontadas se cumpriram. Isaías profetiza: “O mesmo Senhor vos dará um sinal”. Ele declarou: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel” (Is 7.14). No capítulo 52, Isaías anuncia as boas novas falando de salvação e esperança.

Mateus não relata como ocorreu o anúncio a Maria, mas Lucas descreveu a visita do anjo Gabriel e a atitude dela diante dessa revelação (Lc 1.26-38). Essa profecia foi cumprida de maneira literal, levando-nos a refletir sobre a difícil missão de Maria (Mt 1.18). Seu chamado foi único, sem precedentes na história. Ao carregar em seu ventre a própria transcendência do Deus vivo, Maria enfrentou grandes desafios, correu o risco de ser humilhada, estigmatizada, de viver um divórcio ou de ser apedrejada, mas assumiu seu chamado e permitiu que Deus cumprisse seu querer.

Mateus e Lucas relatam a mesma história, porém, com uma ênfase diferente em José e Maria. Ambos deixam de lado os aspectos culturais da época para destacar a fidelidade, a obediência e o comprometimento dos servos de Deus. Mateus foca mais em José; Lucas enfatiza mais Maria, mas ambos com o mesmo objetivo, colocar Jesus no centro.

José, do mesmo modo que Maria (v. 19), foi surpreendido com a notícia e logo refletiu sobre quais atitudes deveria tomar. Em seguida, ele recebeu a visita do anjo, tornando-se mais compreensivo e tolerante. Da concepção, nascimento e pós-nascimento, José teve cinco sonhos nos quais o anjo o guiou, orientando-o a tomar decisões

cruciais para proteger a vida do Salvador do mundo (v. 20; 2.12-13,19,22). Naquela época, o sobrenatural era comum entre o povo de Deus. A presença do anjo era inquestionável, exigindo apenas a obediência.

Nessa parte da história, Mateus deseja que os leitores não tenham dúvidas de que o Messias chegou e o assunto agora são as boas novas. A esperança para um povo sofrido, para aqueles que conheciam as Escrituras, havia retornado. A espera acabou. Como diz em **Is 9.6**: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”.

Na história narrada por Mateus, tanto Zacarias e Isabel (**Lc 1.5-25**) quanto José e Maria são reconhecidos como “justos”, que vem de um hebraísmo, sugerindo que eles tinham uma vida de retidão e de compromisso com Deus. E foi desse povo que Ele escolheu o verdadeiro “Justo”, que justificou a humanidade diante de Deus (**Rm 3.22-26**)!



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mt 1

Ter: Lc 1

Qua: Jo 1

Qui: Ef 1.4-5

Sex: 2 Co 5.14-21

Sáb: Rm 4

2. ATIVIDADES

01. O significado do nome de Jesus (“Emanuel”) é Deus conosco, promessa eterna que nos mantém em acesso com o Pai. Temos o seu consolo, sua amizade, seu conselho e sua intercessão. Dessa forma, Deus nos convida a transcender Sua essência aos que não O conhecem. Reflita e responda: Como é possível você transcender Deus em sua caminhada?

02. Acesse QR Code e conheça a história.



3. APLICAÇÕES

O nosso Deus fez cumprir em seu próprio filho Seu propósito, não o poupou. Viveu, morreu e ressuscitou para a exaltação e glorificação do nosso Deus. Uma história prometida no passado e cumprida através da transcendência do próprio Deus em uma mulher e no filho cem por cento homem e cem por cento Deus.

A partir do cumprimento desse propósito, foi concedido aos filhos de Deus um novo nascimento que os permitiu contar uma nova história. O novo e vivo caminho (**Hb 10.20**), oferecido para os que creem. Um caminhar de fé, esperança e amor. Como diz em João, não o nascer da carne ou da vontade do homem, mas os que nasceram em Deus (**Jo 3.12-13**).

Antes mesmo de Jesus vir ao mundo, Deus nunca se agradou da natureza pecaminosa da humanidade. Sempre providenciou meios para que o homem fosse oportunizado em ter uma vida com Ele de comunhão, obediência e rendição. No passado, usou patriarcas, juizes e profeta. Como foi escrito em Ezequiel, o próprio Deus falou do desejo de purificar seu povo, dando-lhes não apenas um novo espírito, mas o Seu Espírito e um coração de carne (**Ez 36.25-27**).

Paulo fala que, quando os filhos de Deus estão em Cristo, são novas criaturas, ou seja, nova criação, um novo nascimento (**2Co 5.17**). Durante a jornada na Terra, somos oportunizados a viver o processo do desenvolvimento desse nascimento, mudança de rota, transformação da velha natureza e vida devota a Deus.

A partir do momento que nascemos de novo, somos transformados também no nosso entendimento, acerca de nós mesmos e do mundo que nos cerca. Jesus veio anunciar que o Reino de Deus havia chegado com Ele. A vida verdadeira e a redenção já eram possíveis, mesmo que momentaneamente, apenas em parte.

A partir da vinda de Jesus e sua consumação em sua crucificação e ressurreição, o Reino havia sido consumado. Não há mais espaço para trevas, morte, pecado e escravidão, o poder de Jesus já opera para redimir o mundo.

Tudo que Jesus fez em sua carreira pública não foi apenas para demonstrar que Ele podia fazer o que fez, mas que esses eram sinais visíveis de que agora algo novo estava sendo feito. “Digam a ele, disse Jesus, os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho” (Mt 11.4-6).

Precisamos dizer aos que estão à nossa volta que, por meio de Jesus, há um novo poder de vida, de libertação e de cura. Uma nova realidade de redenção foi inaugurada em Cristo. Como uma luz que desponta na escuridão, Cristo veio iluminar as trevas do viver da humanidade. O ano do perdão, da reconciliação e do resgate finalmente chegou em Jesus e, com Ele, um reino de paz, de justiça e de esperança foi inaugurado.

Diante do exposto, como essa verdade pode impactar seu viver diário?

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Você nasceu de novo? Se sim, como tem sido sua jornada de crescimento no Reino de Deus?
- ◆ Somos convidados a viver a experiência de morrer no velho homem e nascer nova criatura em Cristo. Nesse processo de nascimento, como anda seu crescimento e desenvolvimento? Tem consciência dessa importância na sua vida?

5. DESAFIO PRÁTICO

Observe as pessoas que você convive e repare se há alguma que não vive essa novidade de vida. Fale para elas sobre o novo nascimento em Cristo Jesus.

1. APRESENTAÇÃO

A infância e a adolescência de Jesus estão envoltas em mistérios, pois os evangelhos relatam poucos episódios desse período de sua vida, deixando espaço para dúvidas e especulações. No entanto, é essencial nos atermos ao que está registrado nas Escrituras, que nos apresentam o suficiente para compreender a natureza divina e humana de Jesus e o propósito de sua missão redentora.

O relato bíblico da vida de Jesus se inicia em **Lc 2.1-7**, com o registro de seu nascimento. Trata-se de um cenário bastante conhecido. Jesus nasceu em um estábulo e foi colocado em uma manjedoura, por não haver lugar na hospedaria. É provável que quase todos já tenham assistido a alguma encenação de Natal ou visto ao menos um presépio ilustrando o nascimento de Jesus. Por conta disso, somos levados a romantizar a cena, porém, qualquer pessoa que já se aproximou de um local onde animais de fazenda se alimentam ou dormem sabe que não é um espaço adequado para um recém-nascido.

Em seguida, Lucas traz mais alguns relatos do início da vida do Salvador. **Lc 2.8-20** narra o anúncio aos pastores no campo, logo após o nascimento de Jesus. Em **Lc 2.21-40**, Jesus é levado para ser consagrado no templo. Nessa ocasião, o Espírito Santo direciona Simeão e Ana à adoração, tendo sido revelado a eles que aquele pequeno bebê seria a fonte de redenção para todos os povos.

Um ponto de destaque nestes relatos é a quebra de expectativa em relação às circunstâncias do nascimento e àqueles a quem Deus revelou a chegada do Salvador. Ao contrário do que muitos esperavam para a vinda do Messias, Ele não nasceu em um palácio ou entre os ricos e poderosos e seu nascimento não foi revelado aos reis das nações ou ao sumo sacerdote para que direcionassem o povo à adoração. Essa simplicidade revela a natureza de Deus, que valoriza o que é interior e não as aparências ou o status social (**1Sm 16.7**). Ao nascer em um estábulo, Ele se mostra acessível a todos, até a simples pastores, que jubilosos seguiram a contar a todos as boas novas. Simeão e a Ana não eram líderes nem possuíam posição de destaque no meio do povo, mas, por toda a vida, aguardaram a vinda do Messias. Deus conheceu seus corações e os recompensou por sua justiça e devoção com a revelação do Salvador.

Seguindo a ordem cronológica, a narrativa é assumida pelo evangelista Mateus em **Mt 2**. Os **vs. 1-12** narram a aparição dos magos vindo do Oriente. A interpretação mais usual para a expressão “magos” é a de que eles seriam astrólogos. Trata-se de mais uma participação sempre presente nas apresentações natalinas e nos presépios espalhados pelas casas mundo afora, no entanto, o texto deixa claro que os magos não chegaram para o nascimento de Jesus. Na verdade, eles não o encontraram no estábulo, mas já numa casa (**Mt 2.11**). Além disso, ao executar seu plano maligno, Herodes mandou executar todas as crianças de dois anos para baixo, “segundo o tempo que inquirira dos magos” (**Mt 2.16**). Então, entende-se que Jesus possuía ao menos alguns meses durante esse evento.

Ainda nesta passagem, há outra interpretação tradicional que é passível de questionamentos: a de que os visitantes eram três reis magos. Algumas tradições, inclusive, os nomeiam como Baltasar, Belquior e Gaspar. O número três está naturalmente ligado à quantidade de presentes e há possibilidade de estar correto, já que a quantidade de visitantes não é descrita. A informação “extra” de que seriam reis pode estar relacionada com **SI 72.10**: “Os reis de Társis e das ilhas trarão presentes; os reis de Sabá e de Seba oferecerão dons”. Porém, sendo essa uma profecia que se cumpriu no nascimento de Cristo, provavelmente Mateus a teria mencionado, tendo em vista que um dos grandes propósitos de seu Evangelho é justamente mostrar Jesus como o Messias prometido que cumpriu as profecias judaicas. Ao longo de seu Evangelho, Mateus narra explicitamente o cumprimento de várias profecias (**1.22,23; 8.17; 12.17,18**; e mais várias outras), mas, no **capítulo 2**, só há a menção das profecias de que Belém era o lugar predestinado para o nascimento de Jesus (**v.6; Mq 5.2**) e de que o Messias iria se abrigar no Egito (**v.18; Os 11.1**).

Apesar disso, a realeza é um tema dominante na narrativa, mas a ênfase está no contraste entre a realeza de Jesus e a dos príncipes do mundo. A criança, nascida da linhagem de Davi, foi reconhecida ainda na infância por representantes do mundo não judeu como sendo o Rei dos Judeus por excelência. Outra verdade espiritual que podemos tirar desta passagem é a abrangência global da revelação de Cristo: primeiro aos judeus, mas também aos gentios. Foi revelado aos pastores pobres e ignorantes, mas também aos magos ricos e instruídos. A revelação chegou aos magos por um método compatível com suas aptidões e eles buscaram o Messias não para vantagens pessoais, mas com o intuito de adorá-lo.

Após se refugiarem por certo período no Egito, a família de Jesus vai para Nazaré. **Lc 2.40-52** traz a última narrativa da infância do Senhor. Após irem para Jerusalém, José e Maria não se dão conta de que Jesus não estava na peregrinação para retornar. Tendo procurado por Ele, O encontraram no templo, assentado entre os mestres. Lucas deixa explícito que Jesus era submisso aos seus pais (**2.51**), até porque desobediência é pecado. Todavia, Jesus também tinha um Pai Celestial e deveria obedecê-Lo, mesmo que essa obediência representasse dar menor prioridade à preocupação de seus pais terrenos. Ao afirmar “me cumpria estar na casa de meu Pai”, Jesus causa confusão em José e Maria. O relacionamento de Jesus com o Pai não tem paralelo na história e é diferente do que qualquer coisa que José e Maria haviam escutado. O Messias não apenas se relaciona com Deus face a face, como Moisés e Jó, mas Ele é o Filho Unigênito de Deus (**Jo 3.16; 17.21**). Lucas, por duas vezes, menciona que Maria guardava todas estas coisas no coração (**2.19,51**). Aos poucos, ela ia aprendendo, na prática, o que significava o messiado de Jesus.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mq 5.2

Ter: Sl 72.10

Qua: Is 7.14

Qui: Os 11.1

Sex: 1 Sm 16.7

Sáb: Jo 3.16; 17.21

2. ATIVIDADES

Relacione a profecia com o endereço bíblico adequado:

- | | |
|---|-------------------|
| 1. O Messias nascerá de uma virgem. | A. Is 53.9 |
| 2. O Messias nascerá em Belém. | B. Os 11. |
| 3. O Messias retornará do Egito. | C. Mq 5.2 |
| 4. O Messias realizará curas no meio do Povo. | D. Is 53.4 |
| 5. O Messias será condenado injustamente. | E. Is 7.14 |

3. APLICAÇÕES

O relato do nascimento e da infância de Jesus traz algumas lições práticas importantes para você aplicar em sua vida. Em primeiro lugar, está a simplicidade e a humildade. Caso Jesus nascesse em um palácio, apenas os ricos e os poderosos teriam acesso a ele, mas o Senhor escolheu que seu Filho nascesse numa manjedoura, acessível até mesmo aos mais simples. Deus prioriza os mais humildes e rejeitados. Então, é importante que você também faça o mesmo. Esteja atento aos menos afortunados, seja acessível àqueles que passam necessidade.

Em segundo lugar, é importante viver uma vida de oração e dedicação a Deus, independentemente das circunstâncias. Simeão e Ana viveram décadas aguardando a vinda do Messias e, mesmo assim, não desanimaram, mas mantiveram sua fé e devoção, indo ao templo e confiando no Senhor. Pode ser que você também esteja esperando uma resposta de Deus para algo em sua vida. Independente do tempo que você está aguardando, é fundamental manter sua rotina de devoção e de dedicação à obra de Deus.

A terceira lição prática está relacionada ao valor que você deve dar à redenção de pecados por meio de Jesus Cristo. A vinda do Messias que iria trazer libertação do pecado era tão aguardada que apenas a visão de Jesus como bebê foi suficiente para Simeão dizer que a vida dele estava completa. Você deve entender que nada para você é tão importante como a salvação e o livre acesso que você tem para se relacionar com Deus. Jamais faça pouco caso desse privilégio. E a partir do momento que você dá o devido valor para a salvação por meio de Cristo, você passa a entender a necessidade de compartilhar as boas novas. Tanto os pastores como Simeão e Ana não guardaram para si a preciosa revelação que receberam, mas a anunciaram a todos ao seu redor. O desejo de compartilhar a mensagem do Evangelho é um sinal de que você entendeu a fundo a mensagem e que teve seu coração genuinamente transformado.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ De que forma você acha que podemos viver com mais simplicidade e como isso é positivo para nossa vida espiritual?
- ◆ Alguma vez você achou que Deus “demorou” a responder alguma oração? Isso te afastou de Deus? Como permanecer firme na fé quando nossas orações não são respondidas?
- ◆ O que você acha que é necessário para aumentar nossa disposição para compartilhar as boas novas com as pessoas ao nosso redor?
- ◆ Quais aspectos da infância de Jesus mais te intrigam?

5. DESAFIO PRÁTICO

Essa semana você deverá compartilhar a mensagem do Evangelho com ao menos uma pessoa que você conheça.

1. APRESENTAÇÃO

Depois de 400 anos de silêncio profético entre o Antigo e o Novo Testamento, no deserto da Judéia, veio a Palavra de Deus a João Batista e, em toda a região ao redor do Rio Jordão, ele pregava o batismo de arrependimento (**Lc 3.2-3**). Na voz do que clama no deserto, João convocava o povo a arrepender-se de seus pecados, porque era chegado o Reino dos Céus. Sua missão era preparar o caminho de Jesus e endireitar suas veredas.

Preparar o caminho, nesse contexto, significava criar condições favoráveis para receber O Rei; endireitar as veredas consistia em realizar ajustes e mudanças para assumir uma nova vida. Portanto, a voz de João chamava o povo a preparar o caminho de Jesus com arrependimento e a endireitar-se com a santificação, sem a qual ninguém verá a Deus (**Hb 12.14**).

Para compreender a beleza da história de João Batista, inserida no cenário entre o deserto da Judeia e o Rio Jordão, é preciso trazer à memória o que Deus vem ensinando ao seu povo, ao longo da história de Israel, a partir do Jordão, dos profetas e de João Batista, sabendo que *“A lei e os profetas duraram até João; desde então é anunciado o reino de Deus, e todo o homem emprega força para entrar nele”* (**Lc 16.16**).

A passagem pelo Jordão teve um significado muito importante para os filhos de Israel, pois representava a conquista da terra prometida e a vida nova depois de muitas tribulações sofridas e lições aprendidas no deserto. Entretanto, é importante lembrar que, antes da travessia do Jordão, Josué orientou o povo a seguir, mas mantendo distância, a arca da aliança, que representava a presença de Deus no meio do seu povo, para que eles soubessem o caminho pelo qual deveriam ir (**Js 3:1-4**). Aqui, um caminho era preparado por meio de sacerdotes e levitas.

Josué também disse ao povo: *“Santificai-vos, porque amanhã fará o Senhor maravilhas no meio de vós”* (**Js 4.5**). Depois da passagem em seco pelo Jordão, Deus queria que essa história fosse sempre lembrada. Por isso, ordenou que, um homem de cada uma das doze tribos de Israel, tirasse uma pedra do meio do Jordão (**Js 4.7**). As dozes pedras fariam o povo trazer à memória os feitos do Senhor e o que lhe dá esperanças.

O profeta Elias, como João Batista, vestia-se com roupas de pelo de animal e usava um cinto de couro. Elias, quando buscou refúgio do rei Acabe, junto ao ribeiro de Querite, a leste do Jordão, foi sustentado com pão e carne trazidos pelos corvos (**1Re 17.1-7**). Algum tempo depois, partindo desta vida para uma melhor, Elias foi elevado ao Céu, depois de atravessar o Jordão em seco junto com Eliseu (**2Re 2.6-12**). Já Naamã, capitão do exército sírio, teve que mergulhar sete vezes no Jordão para ser purificado da lepra e do orgulho (**2Re 5.1-14**).

Os profetas do Antigo Testamento, que antecederam João Batista, anunciaram-no como o precursor de Jesus ou como o arauto de um novo êxodo, que preparava o povo para a vinda do seu Rei. Isaías anunciou a profecia: *“Uma voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor e endireitai no ermo vereda a nosso Deus”* (**Is 40.3**). Amós convidou Israel a preparar-se para se encontrar com o Senhor seu Deus (**Am 4.12**). Já Malaquias proferiu as últimas profecias, que anunciavam o mensageiro que prepararia o caminho diante do Senhor (**Ml 3.1**) e a volta de Elias, antes do grande e terrível dia do Senhor (**Ml 4.5-6**).

Conforme o Evangelho de Lucas, o anjo Gabriel anunciou ao sacerdote Zacarias o nascimento de seu filho, João Batista. Nas palavras do anjo, João Batista seria grande diante do Senhor, converteria muitos dos filhos de Israel e, indo adiante do Senhor, no espírito e virtude de Elias, prepararia o povo para a vinda do Senhor (**Lc 1.11-17**).

Isabel, mulher de Zacarias, era estéril e idosa. Como se cumpriria a mensagem do anjo? Todavia, para Deus, não haverá impossíveis em todas as suas promessas (**Lc 1.37**). Assim, a palavra do Pai Eterno, anunciada pelo anjo Gabriel, se cumpriu em Isabel, para ela ser a mãe de João Batista. E, como o anjo também disse, o menino seria cheio do Espírito Santo, desde o ventre de sua mãe. Essa palavra tornou-se real em uma memorável expressão da Glória de Deus no encontro de duas primas grávidas: Maria, mãe de Jesus, e Isabel, mãe de João Batista.

Depois de seis meses que Isabel engravidara, Maria foi visitá-la nas montanhas. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, João Batista saltou de alegria no ventre de sua mãe. Isabel, cheia do Espírito Santo, exclamou, em alta voz, que bendita era Maria entre as mulheres e bendito era o fruto de seu ventre (**Lc 2.40-42**). Na sua sensibilidade ao Espírito Santo e na sua humildade diante da grandeza do filho que Maria daria à luz, Isabel pergunta cheia de alegria: *“E de onde me provém isto a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?”* (**Lc 2.43**).

João Batista cresceu em Espírito e perambulou pelos desertos, até o dia em que apareceu, no deserto da Judéia, pregando o arrependimento e a chegada do Reino dos Céus (**Mt 3.1-2**). E muitas pessoas vinham de Jerusalém, da Judeia e dos arredores do Jordão para serem batizadas por João. O povo de Deus, um remanescente de Israel, estava de volta ao Jordão, encontrando lá a sua história, uma chamada de Deus ao arrependimento e à esperança na vinda do Messias, anunciadas pela voz profética de um homem vestido como Elias.

Entre as pessoas que vinham a João, estavam os publicanos, os soldados do exército romano, os fariseus e os saduceus. Os publicanos e soldados, sinalizando arrependimento, perguntavam a João o que eles deveriam fazer. E João os orientava a abandonarem os pecados cometidos em suas práticas. Mas os fariseus e saduceus, mesmo sendo conhecedores da lei e dos profetas, endureciam-se em soberba e legalismo e não produziam frutos de arrependimento. Por isso, João os alertou de uma condenação futura, dizendo-lhes que toda árvore que não produz frutos é cortada e lançada no fogo (**Mt 3.10**). Muitos deles não se converteram, nem com João e nem com Jesus. Eles sequer conseguiram responder a Jesus se o batismo de João era do céu ou dos homens (**Mc 11.30-32**).

A pregação e o batismo de João levaram muitas pessoas a passarem pelas águas do Jordão em pública profissão de arrependimento e de reconciliação com Deus. Contudo, ainda havia nessas pessoas uma dúvida: se João seria um profeta, Elias ou o próprio Messias. Observe que essa dúvida persistiu quando João já tinha morrido e Herodes queria saber quem era Jesus: *“Uns diziam que João Batista tinha sido ressuscitado, outros diziam que Elias tinha aparecido, e outros que um dos antigos profetas havia ressuscitado”* (**Lc 9.7-8**).

Todavia, João dizia que não era o Messias e que não era digno sequer de, como escravo, carregar as sandálias de Jesus, aquele que batizaria não com água, mas com o Espírito Santo e com fogo, indicando uma experiência espiritual profunda, fervorosa e transformadora de mente e de coração de quem ficou cheio do Espírito Santo (**At 1.5; At 2.4**).

O ministério de João terminou na prisão, com a sua cabeça servida em uma bandeja (**Mt 14.1-12**), mas ele deixou como legado o caminho preparado para a vinda de Jesus, reconciliando muitas pessoas de Israel com o seu Deus. Ele, enfim, saiu da vida para, como precursor do Messias, entrar na história da salvação e no Reino dos Céus.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Lc 1.10-17

Ter: Mt 4.4-6

Qua: Is 40.3

Qui: Lx 16.16

Sex: Js 3.1-5

Sáb: Mt 11.7-15

2. ATIVIDADES

i. O ministério de João Batista consistiu na preparação do caminho do Senhor Jesus, levando o povo a confessar seus pecados, arrepender-se e a batizar-se. Faça um acróstico com palavras que lembram essa preparação.

P	
R	
E	
P	
A	
R	
A	
R	

ii. Descubra a palavra misteriosa. Dica: Água e Fogo.

_____ | _____

iii. Relacione as colunas

- | | |
|---------------------------|------------------|
| (a) Morava nas montanhas | () João Batista |
| (b) Pregava no deserto | () Isabel |
| (c) Batizava-se no Jordão | () Povo |
| (d) Trabalhava no templo | () Zacarias |

3. APLICAÇÕES

Na história de João Batista, vemos como Deus é didático para ser lembrado por meio de imagens marcantes de sua história, como a passagem do Jordão, e também por meio de rituais com significados espirituais, como o batismo. Do Antigo ao Novo Testamento, Deus espera do seu povo obediência aos seus mandamentos e a santificação pela internalização da Palavra de Deus na mente e no coração. Isso significa, arrepender-se de seus pecados e assumir uma vida conforme a vontade de Deus. Essas decisões, para Deus, representam uma aliança. Como alguém que se casa e quer tornar público e memorável a sua união (ou aliança) com outra pessoa, através de uma cerimônia de casamento, Deus também espera que tornemos pública e memorável a nossa aliança com Ele. Por isso, quando uma pessoa decide formar uma aliança com o Senhor, reconhecendo-o como Salvador e Senhor, ela memora e celebra essa aliança passando pelo batismo. Da mesma forma, Jesus, quando estabeleceu a nova aliança com o seu sangue, ensinou o memorial da Ceia, para que seu sacrifício fosse sempre lembrado, até a sua volta. Portanto, faça história e memória da sua aliança com o Senhor, renovando-a sempre em expressão de louvor e amor.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ O que mais chama a sua atenção na vida ou na mensagem de João Batista?
- ◆ O que você traz à memória da história de João Batista que te dá esperança?
- ◆ O que o seu batismo significou para você?

5. DESAFIO PRÁTICO

Lembre-se da sua conversão ou batismo e expresse para Deus (escrevendo, orando, cantando, etc.) o quanto esses momentos foram importantes na sua vida.

1. APRESENTAÇÃO

Os textos-base de nosso estudo mostram a importância do batismo de Jesus e como esse evento marcou o início do Seu ministério, mas, antes de analisarmos o batismo, é importante entender o contexto histórico e religioso da época. O batismo era um rito de purificação praticado pelos judeus daquela época, porém, em um sentido meramente ritualístico, ou seja, eles acreditavam que a própria água promoveria uma purificação espiritual. João, por outro lado, deixava clara a necessidade de arrependimento, assim, preparava o caminho para a vinda do Messias, apontando para a necessidade de uma transformação interna, simbolizada por um ato externo, que era o batismo nas águas.

Os evangelhos apresentam registros com diferentes detalhes a respeito do episódio do batismo de Jesus Cristo. Mateus relata Jesus se aproximando de João para ser batizado, mas mostra que João Batista hesita por saber exatamente quem era Jesus, afirmando que ele é quem deveria ser batizado. Jesus insiste, dizendo que é necessário cumprir toda a justiça. Após o batismo, os céus se abrem, o Espírito Santo desce como uma pomba e uma voz do céu declara que Jesus é o Filho Amado de Deus.

Marcos é mais conciso e direto, relatando que Jesus veio de Nazaré e foi batizado por Jesus no Jordão. Em seguida, o Espírito desce sobre Ele e a voz divina confirma Sua identidade como Filho de Deus. Lucas registra que Jesus também foi batizado com outras pessoas, mostrando sua identificação com a humanidade e sua solidariedade para aqueles que necessitam de arrependimento e perdão.

Ao ser batizado, Jesus não precisou se arrepender. Seu ato serviu para cumprir a vontade de Deus e estabelecer um exemplo a ser seguido. O batismo marca também um ponto chave em Seu ministério, quando Ele é ungido pelo Espírito de Deus e inicia publicamente sua missão.

O relato da tentação de Jesus no deserto é um dos eventos mais marcantes do início do Seu ministério terreno. Ele nos ensina como Jesus, em sua natureza humana, sendo plenamente Deus e plenamente homem, enfrentou e venceu as tentações usando como base a palavra de Deus. O batismo de Jesus e, em seguida, a sua experiência de ser tentado no deserto, marcam a preparação para a missão que Ele viria a cumprir. Ao refletirmos sobre os acontecimentos dessa história, aprendemos sobre a importância de confiar em Deus, de obedecer a Sua vontade e de sabermos como usar a palavra de Deus como defesa contra as tentações e alicerce para a nossa fé.

Após o Seu batismo, Jesus é “conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo” (**Mt 4.1**). A figura do deserto nos textos bíblicos representa, por diversas vezes, um lugar de provação e solidão, mas também representa um lugar de preparação e de fortalecimento espiritual. Antes de iniciar o seu ministério público de grande impacto e demonstração do poder de Deus, Jesus passou quarenta dias e quarenta noites jejuando no deserto. É exatamente nesse contexto de fragilidade física que Satanás aproveita para tentar Jesus.

A primeira tentação enfrentada por Jesus foi a provisão material. O tentador se aproxima Dele e diz: “Se és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se transformem em pães” (**Mt 4.3**). Após quarenta dias sem comer, Jesus está faminto. Satanás coloca à prova a Sua identidade como Filho de Deus, utilizando o Seu poder divino para a satisfação de Suas necessidades físicas pessoais e imediatas. Essa tentação apela para a satisfação material e para o uso egoísta do poder para benefício próprio. Jesus responde ao inimigo fazendo uso da palavra de Deus, citando Dt 8.3: “nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca do Senhor”. Jesus nos ensina que a nossa vida não deve estar pautada pela busca de realizações pessoais, materiais e financeiras, mas devemos viver na dependência total da vontade de Deus e da Sua palavra.

A segunda tentação apela para a presunção espiritual. “Se és o Filho de Deus, joga-te daqui para baixo. Pois está escrito: ‘Ele dará ordem aos anjos dele a seu respeito; com as mãos eles o segurarão’”. Satanás leva Jesus ao ponto mais alto do templo de Jerusalém e desafia seu caráter como sendo o Messias. Para isso, ele cita o texto

do **Sl 91.11-12** como base da sua argumentação distorcida. Também citando as Escrituras, Jesus responde o que está em **Dt 6.16** que diz: “Também está escrito: não tentarás o Senhor teu Deus”. Jesus não cede à sugestão de colocar Deus à prova e exigir uma prova de Sua proteção. Ele sabe que a verdadeira fé e confiança em Deus não dependem de demonstrações dramáticas de poder ou segurança.

A terceira tentação oferece a Jesus poder e glória terrena. “Tudo isto te darei, se prostrado, me adorares” (**Mt 4.8-10**). Satanás apresenta todos os reinos do mundo e a sua glória em troca de adoração, oferecendo poder e controle sem necessidade de se passar por sofrimento e pela cruz. Em sua resposta, Jesus rejeita qualquer oferta que envolva adoração a alguém ou a algo além do próprio Deus. Para isso, Ele faz uso novamente da palavra de Deus citando o texto de **Dt 6.13**.

Depois das três tentações, Satanás deixa Jesus e “os anjos vieram e o serviram” (**Mt 4.11**). A vitória de Jesus não foi somente para si, mas para nos mostrar que também somos capazes de vencer as tentações através da Palavra de Deus e de uma fé madura. Na vida, já fomos, somos e seremos tentados, mas essa passagem nos mostra que, mesmo sendo tentados, podemos confiar que Deus está sempre conosco e nos dá força para vencer as batalhas.

É interessante notar que Mateus, com essas passagens, traça um paralelo entre Jesus e o povo de Israel. Enquanto o povo passou pelas águas do mar Vermelho, Jesus passou pelo batismo. Enquanto o povo peregrinou 40 anos no deserto, Jesus foi tentado após 40 dias no deserto. Enquanto o povo recebeu os dez mandamentos por meio de Moisés, no monte Sinai, os discípulos receberam os primeiros ensinamentos de Jesus no sermão do monte. Assim, Mateus quer mostrar, logo no princípio do seu Evangelho, que Jesus está inaugurando uma nova aliança.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Jo 6.66-69

Ter: Is 55.9-13

Qua: Jr 29.11

Qui: 1Co 10.13

Sex: Hb 4.15-16

Sáb: Hb 2.18

2. ATIVIDADES

Vencendo as tentações: pense em situações em que você pode se sentir tentado a priorizar o material sobre o espiritual. Como você pode usar a Palavra de Deus para resistir a isso?

Situação 01: _____

Palavra de Deus: _____

Situação 02: _____

Palavra de Deus: _____

3. APLICAÇÕES

O batismo de Jesus não é apenas um rito de passagem, mas um evento marcante que estabelece Sua identidade como Filho de Deus e inicia Seu ministério terreno. Os evangelhos nos ensinam três pontos importantes por meio do episódio do batismo de Jesus. Primeiro: “a identificação”. Assim como Jesus se identifica com a humanidade, devemos nos identificar e nos conectar com aqueles à nossa volta. Segundo: “a obediência”. O batismo de Jesus nos ensina a obediência à vontade de Deus, mesmo quando não a entendemos completamente. Terceiro: “o início de um chamado”. O batismo pode simbolizar o início de uma nova fase em nossa vida cristã, na qual somos chamados a servir e viver para Deus.

A primeira tentação enfrentada por Jesus no deserto nos ensina que devemos confiar em Deus para prover aquilo que precisamos, ao invés de buscarmos soluções rápidas e atalhos para resolvermos as nossas necessidades

pessoais e imediatas. A experiência com Deus nos dá uma perspectiva mais ampla da nossa caminhada. Ela nos mostra que os planos do Senhor são sempre melhores que os nossos. Devemos viver com sensibilidade e disponibilidade para o próximo e com o senso de eternidade. Como ilustrou bem C.S. Lewis: “Tudo que não é eterno, é eternamente inútil”.

A resposta de Jesus à tentação de se jogar do alto do templo para ter uma prova da segurança de Deus nos ensina muito: que devemos não apenas resistir à tentação de colocar Deus à prova, mas também que não devemos tentar manipular situações com o interesse de que Deus intervenha em nosso favor. Assim, confiar em Deus presume agir com sabedoria, sem exigir que Ele prove constantemente o Seu amor por nós. A nossa fé e as nossas experiências com Deus devem ser fruto de intimidade com Ele. Fé não é somente crer, conhecer ou vivenciar a prática diária. Como disse Pedro: “nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus”. O resultado disso é se colocar sempre na dependência do Pai, permitindo ser usado por Ele, ao invés de buscar sempre que Ele haja em seu favor.

A última tentação, que oferece a Jesus poder e glória, mostra-nos que o verdadeiro poder e a verdadeira autoridade vêm da obediência a Deus e não da busca pela glória terrena. Devemos adorar somente ao Senhor, resistindo às tentações de buscar status, o que coloca os holofotes sobre nós. Que a nossa relação com Cristo seja semelhante à de João Batista, que, ao ter o seu trabalho comparado ao de Jesus, afirmou: “importa que Ele cresça e eu diminua” (Jo 3.30).

A tentação é uma realidade em nossas vidas. Todos nós enfrentamos momentos de tentação. Não é pecado ser tentado, mas ceder às tentações, sim. Para isso, a palavra de Deus é a arma mais poderosa que podemos usar. Jesus combateu todas as tentações através do uso eficaz dos textos bíblicos. Então, devemos conhecer a Bíblia e aplicar os seus ensinamentos em nossas vidas.

O estudo das tentações de Jesus nos ensina que a confiança em Deus é chave para a nossa caminhada. Não precisamos provar nada para ninguém e nem buscar atalhos e soluções rápidas para resolver os nossos problemas ou satisfazer as nossas vontades imediatas. Devemos confiar que Deus cuida de nós em cada detalhe e que a sua vontade é sempre a melhor para a nossa vida.

Satanás ofereceu a Jesus os reinos desse mundo, mas o preço seria adorar outro além de Deus. Nenhuma promessa desse mundo, nenhum poder temporal compensa uma vida longe de Deus. Afastar-se do Pai para buscar as coisas do mundo é pecar contra a sua própria identidade. Quem não entendeu que é filho de Deus, continua a viver como um escravo.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Em quais situações você lembra de ter priorizado o material sobre o espiritual? Como você reagiu?
- ◆ Em quais áreas da vida você é mais tentado? Tem vencido ou tem se deixado vencer?
- ◆ Quais versículos ou passagens bíblicas já te ajudaram na luta contra tentações?
- ◆ O batismo pode simbolizar um momento de virada e renovo na vida espiritual. Você está precisando passar por um momento assim? Você se recorda de algum momento marcante de virada na sua vida espiritual?

5. DESAFIO PRÁTICO

Em uma folha, escreva os seus maiores desafios e reflita sobre as áreas nas quais você tem sido mais tentado(a). Vá e não esqueça mais.

1. APRESENTAÇÃO

A pesca maravilhosa, ou grande pesca, é muito mais que um relato histórico, porque traz consigo profundas reflexões a respeito da importância do obedecer e do confiar. Registra o convite feito aos primeiros discípulos de Jesus, pessoas com profissões e frustrações comuns, revelando que o elemento fundamental para o discipulado de Cristo é ser submisso aos seus mandamentos.

A experiência vivenciada pelos pescadores, o reconhecimento de que apenas um ser superior poderia efetuar tal milagre, o profundo temor e respeito do que se abateu naqueles homens, assim como o atender ao chamado do “Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens” (**Mt 4.19**), fez com que eles deixassem o anonimato de uma vida mediana para viver uma vida de milagres e intimidade com Jesus.

O episódio da pesca revela muito mais que um jogar de rede para a realização de um milagre, é um desenrolar de lições, em que tanto o Mestre quanto os discípulos ensinam. Jesus, entre tantas outras coisas, ensina que o obedecer gera recompensa. Ensina também que o poder do efetuar todas as coisas está em Suas mãos, assim como o de solucionar qualquer problema. Os pescadores, por sua vez, ensinam a respeito da obediência, da fé e da confiança.

Cabe aqui lembrar que os irmãos Simão (Pedro) e André, assim como seus sócios, os irmãos Tiago e João, filhos de Zebedeu, ainda não eram discípulos, mas meros profissionais da pesca, portanto, conhecedores daquelas águas, da mudança dos ventos, das marés e das técnicas de pesca. Contudo, nada pescaram. Mesmo cansados e frustrados após uma noite de trabalho sem sucesso, eles permaneceram abertos a sugestões e sensíveis às necessidades alheias, ao permitirem que Jesus entrasse no barco e fizesse dele um púlpito improvisado para falar a multidão.

Outro ponto a ser considerado é que a Bíblia não fala que o fracasso da noite foi um propósito de Deus, nem mesmo diz ter sido um teste para o cargo de discípulo, mas permite observar que as frustrações não impediram Pedro de crer que, ao obedecer às instruções de Jesus em lançar as redes, talvez, no mesmo lugar que as lançou por toda a noite, desse a ele a oportunidade de vivenciar um milagre. O obedecer de Pedro, além de ter sido um preparo para o que estava por vir, também foi uma lição poderosa para os dias atuais, nos quais seguir a Cristo requer obediência, mesmo quando não entendemos o que está acontecendo no momento.

O foco central desse episódio não é o milagre, mas a autoridade de Jesus sobre a natureza, permitindo ao leitor concluir que o esforço humano sem a direção de Deus está fadado ao fracasso. Outro fator coadjuvante do foco principal, que pode ser observado, é o elemento “sobre a tua palavra, lançarei a rede” (**Lc 5.5**). Aqui se vê o submeter-se à ordem de Jesus, ensinado à geração cristã de hoje que obedecer é necessário. Mesmo em situações adversas e aparentemente impossíveis, Jesus nos surpreende com respostas inimagináveis.

A reação de Pedro, ao perceber que havia presenciado um milagre, é de temor e tremor diante de tamanho poder e santidade que emanava de Jesus. O comportamento de Pedro diante do ocorrido pode ser comparado ao do profeta Isaías, quando teve a visão que precedeu ao seu chamado para o ministério de profeta (**Is 6.5**). Ambos reconhecem que são pecadores, sentem-se indignos e temem por suas vidas. Pedro faz um pedido que não foi atendido. Ao cair aos pés de Jesus, ele exclama: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador!”. Nesse ponto, fica claro que Pedro reconheceu sua necessidade de render-se à soberania de Jesus.

Jesus, ao contrário do que Pedro esperava, não se afasta. Contudo, faz-lhe o convite, seguido de uma promessa vista em **Mt 4.19** e **Mc 1.17**. Entretanto, no Evangelho de Lucas (**5.10**), Jesus apenas comunica a Pedro: “não temas; doravante serás pescador de homens”. O convite “vinde após mim” tem por certo um chamado urgente para que eles O seguissem de forma integral, deixassem seus afazeres seculares e seguissem a Jesus em uma

caminhada de intimidade, comunhão, aprendizado com o Mestre e dependência exclusiva do ministério de “pescar” almas para o Reino de Deus. A promessa do convite veio a se cumprir algum tempo depois, quando o Mestre já não mais estava pessoalmente entre eles, quando, no dia de Pentecostes, Pedro, cheio do Espírito Santo, falou a uma grande multidão, da qual, quase três mil pessoas se converteram (**At 2.41**).

Em obediência ao chamado de Jesus, os discípulos deixam tudo para segui-Lo, dando início ao ministério dos discípulos. Agora eles não eram mais pescadores, não comandavam mais seus barcos; agora eles eram dependentes das orientações do Mestre. Eram alunos sendo preparados para o serviço, os quais, mesmo tendo momentos difíceis em executar algumas tarefas, como é o caso do jovem possesso, o qual não foi curado devido à falta de fé (**Mt 17.20**), não puderam apagar a alegria das vitórias conseguidas quando executadas debaixo da autoridade do nome de Jesus (**Lc 10.17**).



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Jo 2.11

Ter: Mt 11. 2-5

Qua: At 2. 37-41

Qui: At 2. 42-47

Sex: At 4.18-20

Sáb: At 4.18-20

2. ATIVIDADES

Na sua opinião, os discípulos agiram impulsivamente ou de forma consciente ao deixar tudo e seguir Jesus?

O que mais lhe chamou atenção na história da Grande Pesca?

3. APLICAÇÕES

O resultado da grande pesca foi a transformação daqueles pescadores em discípulos submissos e obedientes aos ensinamentos de Jesus, tornando-os servos tão dedicados que nem mesmo as adversidades da perseguição que assolou aquela região fez com que eles desistissem de compartilhar o que eles viram e ouviram. A sua transformação em verdadeiro discípulo de Jesus acontece quando você escolhe obedecer aos mandamentos de Jesus e quando sua vida se torna um púlpito para aqueles que estão à sua volta possam perceber as maravilhas que Jesus faz na vida da pessoa que se permite ser transformada por Ele.

O discípulo era um aprendiz. Era alguém que acompanhava o Mestre para todos os lugares e, dessa forma, sob a orientação dEle, as tarefas eram executadas e eles aprendiam na prática do dia a dia. Jesus é o Mestre por excelência. Assim como no passado, a partir do momento que você se torna um discípulo, você precisa caminhar com o Mestre para absorver o estilo de vida dEle.

A Bíblia é o nosso Livro de Regras e Conduta. É dela que você irá retirar o seu aprendizado quando você deixar tudo para fazer a sua caminhada de intimidade com o Mestre. É fundamentado nela que você irá tomar as suas decisões, escolher os amigos e, acima de tudo, reconhecer a sua condição de pecador e entender que a busca pela santidade não é uma opção; é uma ordem direta de Deus: “Porque eu sou o SENHOR, que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus, e para que sejais santos; porque eu sou santo” (**Lv 11.45**).

Diante de uma ordem desta e do “vinde após mim”, não podemos manter as redes que nos prendem aos fracassos do pecado ou viver uma vida espiritual medíocre e infrutífera, porque o Senhor chamou a mim e a Você para sermos pescadores de almas onde quer que estejamos, para que o mundo veja em nós a face de Cristo.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Diante de tudo que você conquistou, você seria capaz de deixar tudo para ser um pregador do evangelho?
- ◆ Você já pensou em desistir quando os momentos difíceis chegaram?
- ◆ Você tem buscado intimidade com Deus?
- ◆ Você tem entregado o controle da sua vida a Deus?

5. DESAFIO PRÁTICO

Esta semana você deve se propor a ter um relacionamento mais profundo e íntimo com o Senhor.

1. APRESENTAÇÃO

A região da Galileia foi o lugar escolhido por Jesus para iniciar o seu ministério público, por volta dos 30 anos de idade. Quando sua fama começa a se espalhar, ele decide voltar à cidade em que foi criado, Nazaré. Registros indicam que Ele estava fora de sua terra por cerca de 2 anos, desde o seu batismo (**Mc 1.9**).

Em Nazaré, Jesus foi convidado para falar na sinagoga. Importante esclarecer que as sinagogas não eram templos, eram lugares onde o povo se reunia para orar e estudar a palavra de Deus. Já o templo, administrado pelo sumo sacerdote, era o lugar onde se faziam os sacrifícios. Naquela época, só havia um templo, que ficava em Jerusalém. Em cada sinagoga, havia duas figuras importantes: um “chefe”, que era responsável pela ordem e por escolher quem iria falar, e um “auxiliar”, que manuseava os rolos da escritura (**Lc 4.20**). O fato de Jesus ter sido escolhido para falar revela que sua fama de mestre realmente já havia chegado até a região.

Quando Jesus recebe o livro do profeta Isaías, Ele não lê aleatoriamente, mas escolhe a passagem que fala justamente sobre a sua vinda (**Is 61.1-2**). Ao citar que Ele veio para os pobres, cativos, cegos e oprimidos, não se trata apenas do sentido físico, mas espiritual também. Interessante observar que Ele para na metade do versículo 2, onde diz que o Messias virá proclamar “o ano da graça do Senhor”, omitindo a parte que fala do “ano da ira do nosso Deus”, que se refere à segunda volta de Cristo.

Assim que Jesus finaliza a leitura e diz que a profecia está se cumprindo nEle, as pessoas se espantaram, mas não conseguiram argumentar contra o que Ele estava dizendo. Então, o atacaram de forma pessoal, dizendo “não é esse o filho de José?”. Imagino que, na cabeça do povo, havia o seguinte pensamento: como alguém que foi criado entre eles, de forma simples, agora estaria dizendo que é o Messias de Israel? Apesar de admirarem o seu ensino, eles não conseguiram reconhecer a sua divindade, pois estavam interpretando o momento pelo olhar humano, que julga o exterior, e não pela sua essência.

Naquele momento, ao sondar os corações e perceber a incredulidade do povo, Jesus traz, então, dois exemplos que corroboram a sua fala de que “nenhum profeta é bem recebido em sua própria terra”. Primeiro, ele menciona Elias e como Deus usou uma viúva gentia para ajudar o profeta e ser ajudada por ele (**1Rs 17.1-16**), demonstrando que a graça de Deus ultrapassa a nacionalidade. Depois, Ele cita Eliseu, o profeta que curou um chefe do exército inimigo do povo de Israel. Isso aconteceu por que ele se humilhou e reconheceu o quão grande era o Senhor (**2Rs 5.1-17**).

Talvez, essas histórias não eram tão bem-vistas pelos judeus da época. Sabe aquelas partes da Bíblia que preferimos não estudar ou não usar no nosso cotidiano pois elas nos atingem de certa forma? Ainda hoje, o Espírito Santo usa essas passagens para nos confrontar e nos tratar, se assim permitirmos. No caso do povo de Nazaré, não foi diferente. Eles queriam ver os grandes feitos que ouviram que Jesus havia feito nas outras cidades, mas não queriam ser confrontados pela verdade. Queriam a bênção, mas rejeitaram o Deus que abençoava. Por causa disso, nenhum milagre foi feito naquele lugar, como descrito em **Mc 6.5-6**.

Após ser rejeitado pelos seus concidadãos, que, além de o expulsarem da cidade, tentaram matá-lo (**Lc 4.29**), Jesus vai embora sem muito alarde, fazendo o que ele mesmo aconselhou seus discípulos a fazer: “Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés” (**Mt 10.14**).

Jesus vai morar em Cafarnaum, escolhendo a cidade como base de seu ministério, cumprindo mais uma profecia de Isaías (**Mt 4.13-17**). Cafarnaum era uma cidade estratégica, pois ficava próxima ao mar, logo, era um importante e movimentado centro de pesca e comércio, e contava com uma população mista, de judeus e gentios. Assim, Jesus escolhe iniciar e concluir seu ministério entre os pagãos e os marginalizados. Ele ensinava e curava, mas também pregava um chamado ao arrependimento anunciando que estava próximo o reino de Deus (**Mt 4.17**).

Tal iniciativa é a demonstração de que o verdadeiro evangelho é a libertação dos cativos e oprimidos e, principalmente, uma convocação ao reconhecimento dos seus pecados. A exemplo de Jesus, o cristão não deve se intimidar diante de culturas diferentes ou até mesmo da rejeição. É preciso anunciar que Cristo é o único que liberta e que as mesmas promessas feitas no passado estão disponíveis a todos ainda hoje.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mc 6.1-6

Ter: Is 61.1-3

Qua: 1 Rs 17.1-16

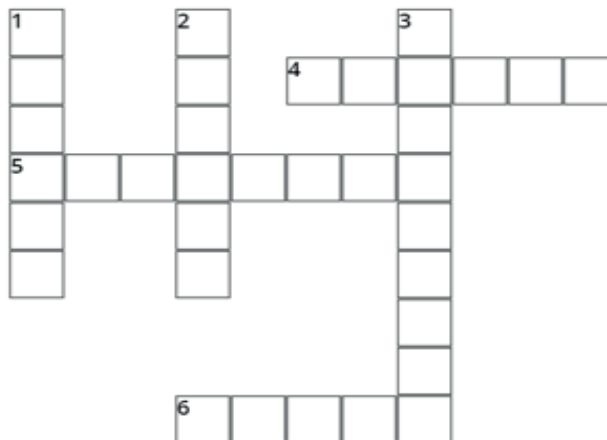
Qui: 2 Rs 5.1-19

Sex: Jo 4.43-45

Sáb: Mt 10.7-14

2. ATIVIDADES

Complete a palavra cruzada.



1. Um dos profetas mencionados por Jesus em seu discurso na sinagoga de Nazaré.
2. Cidade em que Jesus foi criado.
3. Cidade base do ministério de Jesus.
4. Livro lido por Jesus em seu discurso na sinagoga de Nazaré.
5. Local de oração e estudo da palavra de Deus.
6. Cidade que Jesus nasceu.

3. APLICAÇÕES

Existe uma frase que diz que “a intimidade diminui a honra”. Vamos tomar por exemplo um artista muito renomado. Nas ruas, as pessoas pedem autógrafos e fazem de tudo para estar próximas a ele. Mas é certo que dentro de sua casa, com sua família e amigos, não existe a mesma comoção. Assim aconteceu em Nazaré. O fato de terem visto Jesus crescer impediu que o povo o enxergasse para além das aparências.

Pode ser que isso aconteça com você, assim, é provável que sua família ou amigos mais próximos não queiram te ouvir ou até não acreditem na transformação que Jesus fez na sua vida. Ou pelo contrário, pode ser que você não sofra rejeição e não tenha qualquer problema com os mais chegados a você, e isso não pode fazer com que deixe de dar o exemplo e de pregar a palavra quando for oportuno. Ore por eles e lembre-se que é o Espírito, e não você, que convence do pecado, da justiça e do juízo (**Jo 16.8**). Não desista do seu chamado e não duvide das palavras daquele servo de Deus que não tem a sua família rendida aos pés do Senhor.

Da mesma forma, você também deve estar atento para acolher aqueles que, dentro da sua casa, são instrumentos usados por Deus para te trazer um conselho, um ensino ou uma advertência. O povo de Nazaré julgou as aparências e não a essência. Será que você não tem feito o mesmo? Recebe uma palavra de Deus e até admira

a coerência do ensino, mas o seu olhar humano rebaixa a ocasião por estar em uma igreja que não condiz com a sua tradição, por ouvir uma mensagem de vocabulário muito simples ou por ela vir de um pregador que você sabe que enfrenta batalhas em sua vida pessoal (ou até por ele ser próximo demais a você). Ao julgar o exterior, você deixa de se atentar ao que realmente importa e pode estar perdendo o melhor de Deus para a sua vida.

Por fim, Jesus te ensina a não se intimidar diante de uma plateia, seja de conhecidos ou de pessoas muito diferentes. Você deve tratar a todos com amor, mas não pode esquecer que a mensagem do evangelho é um chamado ao arrependimento e à mudança de vida. Você deve respeitar todas as religiões, mas não pode esquecer que a palavra de Deus afirma que Jesus é o único caminho para a salvação e a vida eterna.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Você tem alguma experiência de ter falado de Jesus para alguém próximo e ter sido rejeitado? Compartilhe esse momento e a sua reação.
- ◆ Você já julgou uma mensagem por causa das aparências? Conte o que aconteceu e como poderia ter feito diferente?
- ◆ Quantas pessoas hoje admiram a mensagem de Jesus, mas não creem que Ele é o filho de Deus. Como cristãos, o que podemos fazer para sermos mais efetivos na pregação do evangelho?
- ◆ Como pregar uma mensagem de arrependimento e mudança de vida sem parecer preconceituoso ou desrespeitoso com o próximo?

5. DESAFIO PRÁTICO

Você tem algum familiar ou amigo próximo que rejeita a mensagem do evangelho? Ore por ele todos os dias desta semana.

1. APRESENTAÇÃO

O texto que nós conhecemos como “Sermão do Monte” só existe no Evangelho de Mateus. Aparentemente, ao escrever seu evangelho, Mateus, propositalmente, fez a opção de condensar vários ensinamentos em um único texto. Se compararmos com Lucas, por exemplo, encontraremos os mesmos ensinamentos em vários momentos diferentes.

A opção de Mateus se deve ao objetivo de seu Evangelho. Primeiramente, ao retratar esse discurso no cenário que ele descreveu (Jesus, assentado no monte, falando com seus discípulos), além de apresentar um cenário comum, repete, simbolicamente, Moisés passando os ensinamentos de Deus ao povo recém-saído do Egito. Mateus, em um momento que Jesus ainda não é aceito pelo seu próprio povo, o retrata como um líder AINDA MAIOR que Moisés, que era tão respeitado.

Já o texto de Lucas (6.17-26), chamado por alguns de “Sermão da Planície” (pois Jesus parou num lugar plano), se equipara ao Sermão do Monte em estrutura geral, sequência e pensamento. Mas, de acordo com o objetivo do seu evangelho, Lucas omite boa parte do texto, que seria de interesse particular dos Judeus.

É senso comum que o Sermão do Monte foi proferido no início do ministério de Jesus – tanto que Mateus posiciona o texto logo após o relato do batismo e tentação de Jesus (Mt 3.1-17 e 4.1-11), quando Ele voltou para a Galileia, após a prisão de João Batista (4.13), e indo morar em Cafarnaum para cumprir a profecia (Is 9.1-2). Com os primeiros sinais (curas e milagres), Jesus começa a ficar famoso e uma multidão, inclusive da Síria, passa a se deslocar para encontrar-se com Jesus (Mt 4.23-25).

Os vários ensinamentos contidos nesse texto (quer tenham sido ensinados de uma única vez ou em várias oportunidades) podem ser considerados um CÓDIGO DE ÉTICA CRISTÃO. Os ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte elevam o padrão de conduta daqueles que se dispõem a ser seus discípulos e caracterizam a vida daqueles que pertencem ao Reino de Deus. O Sermão passa por sete temas/características básicas: a) Quem é abençoado por Deus (Mt 5.3-12) – ou as bem-aventuranças; b) As atitudes que caracterizam um cristão (Mt 5.13-48); c) As disciplinas espirituais: jejum, oração e boas obras (Mt 6.1-18); d) As preocupações da vida (Mt 6.19-34); e) Como tratar os outros (Mt 7.1-12); f) Os falsos profetas (Mt 7.13-23); g) O alicerce da vida (Mt 7.24-29).

A lição de hoje tratará justamente da primeira característica: O que é uma **bem-aventurança**? Algumas versões mais recentes da Bíblia têm alterado o termo “bem-aventurados” para “felizes”. A tradução, embora possível, é um tanto reducionista. O termo original, no grego, é *makarioi*, plural de *makarios*, que significa “abençoados”. Isso significa que, o termo utilizado por Jesus aqui, coloca aqueles que preenchem esses requisitos como “um crente em posição de receber as provisões de Deus”. Logo, Cristo demonstra que há uma predisposição Divina em intervir, mesmo em situações difíceis, desde que sejamos fiéis a Ele.

As oito características listadas aqui formam o caráter daqueles que serão aceitos pelo Divino Rei como seus súditos e não podem existir umas sem as outras.

Vejamos a lista:

Os humildes de espírito – porque dependem do Pai Eterno para todas as coisas – Cedem sua própria vida para Deus. Reconhecem que, sem Ele, nada podem fazer. Os autossuficientes não têm capacidade para entrar no Reino de Deus;

Os que choram – os que lamentam a existência do mal (não são insensíveis), tanto em si mesmos (reconhecem o próprio pecado), quanto o existente no mundo (o mal prepondera no mundo onde jaz no maligno). O mal causa sofrimento e miséria e a sensibilidade perante isso demonstra o amor que Deus deseja que manifestemos. Logo, os que sofrem com isso serão consolados por Deus, quando ele acabar com todo o mal;

Os mansos – os mansos suportam as ofensas por se humilharem diante de Deus, reconhecendo que nada podem fazer sem Ele, nem mesmo reagirem à injustiça. Mansos não denota fraqueza, mas sim **energia/força controlada**. São, assim, gentis no trato com os outros e não exercem sua própria justiça, mas dependem da Justiça Divina; eles sabem que, quando a Justiça Divina for exercida, serão os únicos a herdarem a Terra.

Os que têm fome e sede de justiça – buscam fazer o que é justo mesmo diante das injustiças do mundo. Anseiam pelo triunfo final de Deus sobre o mal e anseiam por fazer o que é justo e reto tal qual Deus faz.

Os misericordiosos – por se reconhecerem indignos da Misericórdia Divina, são misericordiosos com todos; sabem que, se Deus não tivesse misericórdia, eles não seriam apenas pecadores, mas pecadores condenados.

Os limpos de coração – íntegros, procuram se livrar do seu próprio mal e deixar de ser escravos do próprio pecado; desejam tanto o bem, que quase não são capazes de pensar no mal.

Os pacificadores – aqueles que buscam a reconciliação sempre; conflitos são comuns, mas a imposição de uma resposta não é o caminho adequado. Os pacificadores são aqueles que conseguem negociar (aquilo que é negociável, claro) e aproveitam a oportunidade de reconciliar.

Os perseguidos – aqueles que entendem que vale a pena ser perseguido pelo Nome do Senhor. Esses sofrem apenas por sustentarem os padrões Divinos de verdade, justiça e pureza, recusando-se a ajustar-se ao paganismo ou a curvar-se perante os ídolos que os homens erguem como substitutos de Deus.

O texto de Lucas (**Lc 6.17-26**), por sua vez, resume as bem-aventuranças a quatro (pobres, famintos, os que choram e os perseguidos), que correspondem a quatro “ais”¹ (ricos, fartos, os que riem e os que são reconhecidos). Jesus não está louvando nenhuma das quatro situações de bem-aventuranças e condenando qualquer das situações dos “ais”, mas sim, colocando as coisas em seu devido lugar. As bem-aventuranças não são um fim em si, e só serão benéficas se vividas em comunhão com Deus e suportadas através do discipulado de Cristo (**v. 22**), enquanto os quatro “ais” demonstram uma preferência pelas coisas terrenas às coisas celestiais.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mt 5.1-12

Ter: Lc 6.17-26

Qua: Is 9.1-8

Qui: Jr 31.33

Sex: Sl 40.17

Sáb: Sl 71.1-20

2. ATIVIDADES

Dinâmica – dividir a sala em 8 grupos. Cada grupo deve discutir brevemente a pergunta e respondê-la para a sala. Talvez, seja interessante iniciar um debate.

Grupo 01: O que é ser “**humilde de espírito**”? Exemplifique com alguma situação em que você é “humilde de espírito”. Por que isso é bom? Quando passa a ser ruim?

Grupo 02: Qualquer “chorão” será abençoado por Deus? De que tipo de “**choro**”, o texto está falando?

Grupo 03: O que significa ser “**manso**”? Você se lembra de alguma passagem em que o próprio Cristo dá exemplo de mansidão?

Grupo 04: O que uma pessoa que tem “**fome e sede de justiça**” faz? Qual deve ser a primeira preocupação de uma pessoa que tem essas características?

Grupo 05: O que significa ser “**misericordioso**”? Porque e, até quando, devemos perdoar?

Grupo 06: O que é ser “**limpo de coração**”? Como podemos nos tornar “**limpos de coração**”?

Grupo 07: Quem são os “**pacificadores**”? A paz deve ser alcançada a qualquer preço?

Grupo 08: Todo “**perseguido**” será bem-aventurado? De que “**perseguidos**” o texto fala?

¹ A palavra em português “ai”, talvez seja insuficiente para traduzir o original “ouai” usada por Jesus. No original, tal expressão denota pesar, lástima e compaixão e não uma ameaça. É algo como um “que terrível!” (MORRIS, 2011, p.121)

3. APLICAÇÕES

Os ensinamentos de Jesus não são meramente teóricos. É por isso que, ao ensinar a parábola (Mt 7.24-27), Jesus a compara aos homens que praticam e aos que simplesmente ouvem. O Sermão do Monte é uma passagem atemporal. A simples leitura do texto, ainda hoje, revela sua aplicabilidade para aqueles que seguem a Cristo. Seus axiomas, para usar a linguagem científica, se parecem com os imperativos categóricos kantianos² – regras de conduta individual que poderiam ser exigidas de todos.

Nós vivemos uma época em que o relativismo e o individualismo resultantes da globalização tornam insuficientes ou inadequados os sistemas de valores em sociedades tão pluralistas. Por outro lado, se observarmos com atenção o texto do sermão do monte, veremos que, não importa quão plural seja uma comunidade, os padrões cristãos são perfeitamente aplicáveis. Para tanto, propomos a reflexão sobre três conceitos:

a) O que é ética?

Ética deriva do grego *éthos*, que é traduzido por “hábito, costume, conjunto de valores culturais de uma civilização”. Logo ética tem relação com os princípios fundantes da prática humana como preservação da vida (KROHLING, 2011, p. 19). Assim, podemos dizer que ética é a “ciência do dever ser”.

b) Existe uma “ética Cristã”?

A partir do momento em que o próprio Cristo passa a estabelecer um padrão de comportamento para todos aqueles que desejam segui-lo, podemos dizer que sim. Existem valores que são inegociáveis para o seguidor de Cristo, independente das circunstâncias em que ele se encontra.

c) Qual a relação entre ética e compromisso?

Todavia, tal ética só é aplicável e exigível para aqueles que deliberadamente aceitam ser discípulos. A conversão é individual e voluntária. Deus nos ama de forma tão profunda e sincera, que nos deu o direito de escolher amá-Lo ou não. Mais do que isso, Ele nos amou primeiro (1Jo 4.19) e nos convence do amor por Ele (Jo 16.8). Mas a partir do momento que a escolha de amá-Lo é feita, em um relacionamento pessoal e perene com Ele, Ele exigirá um determinado comportamento, sob pena de questionar/invalidar a escolha.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

A partir destes três questionamentos, gostaríamos que você refletisse:

- ◆ Como tem sido seu comportamento ético desde que você se tornou cristão?
- ◆ Ele mudou em relação ao que era antes? Se se sentir à vontade, compartilhe isso com sua turma.

5. DESAFIO PRÁTICO

O desafio prático desta semana é bem simples: leia novamente e atentamente o texto das bem-aventuranças, tanto em Mateus quanto em Lucas. Em qual das colunas seu comportamento atual se encaixa melhor: nas “bem-aventuranças” ou nos “ais”?

² Immanuel Kant, filósofo alemão – 22.04.1724-12.02.1804 – foi um dos principais pensadores do iluminismo e, através de três obras (Fundamentação da metafísica dos costumes, Crítica da razão prática e Crítica do Julgamento) desenvolveu o que chamamos de filosofia moral. O “imperativo categórico” é algo como uma obrigação incondicional que todos devem ter em uma **sociedade ideal**, por exemplo: “Age de tal modo que a máxima da tua ação se possa tornar princípio de uma legislação universal”. (WIKIPEDIA, acesso em 28.09.2024). O objetivo de citar Kant nesta lição é simples: se no Século XVIII um pensador secular, influenciado pelo Cristianismo, chegou à conclusão empírica de que há compromissos morais a serem assumidos na construção de uma sociedade melhor, independente de existir ou não legislação sobre o tema, Paulo acertou em afirmar que contra os frutos do Espírito Santo não há lei (Gl 5.22-23).

1. APRESENTAÇÃO

As bem-aventuranças, estudadas na lição sete, no domingo passado, descrevem o caráter essencial dos discípulos de Jesus. No texto de hoje, Mateus narra que Jesus usa duas metáforas bem famosas e bem conhecidas para fundamentar a importância da influência do cristão para o bem no mundo. Não precisava ter dinheiro para entender o que é o sal e o que é a luz, pois todas as pessoas tinham uma lamparina e um pouco de sal, ainda mais naquela região, localizada perto do Mar Morto. Jesus usa essas duas figuras para mostrar claramente a distinção entre um discípulo e um não discípulo.

A simples ideia de que os cristãos podem exercer uma influência sadia num mundo tão corrompido pelo pecado, tão violento e agressivo, pode, a princípio, nos causar incômodo. Que influência duradoura poderia proporcionar o humilde e o manso, os que choram e os misericordiosos, ou aqueles que tentam fazer paz e não guerra? Não seriam simplesmente tragados pela enchente do mal? O que poderiam realizar aqueles cuja única paixão é o apetite pela justiça e cuja única arma é a pureza de coração? Essas pessoas não seriam frágeis demais para conseguir realizar alguma coisa, especialmente se são uma minoria no mundo? O mundo, sem dúvida, será incomodado e perseguirá a Igreja (**Mt 5.10-12**). Ao contrário de se esconder e fugir, a Igreja é chamada para servir a esse mundo que a persegue (**v. 13-16**). Rudolf Stier expressou: *“Vossa única vingança deve ser o amor e a verdade contra o ódio e as mentiras.”* Jesus ensina seus discípulos chamando-os de sal da terra e luz do mundo por causa do alcance que sua influência teria para o mundo da época.

A verdade básica por trás dessas metáforas é que a Igreja e o mundo são comunidades separadas. De um lado, está “o mundo”; de outro, “a Igreja Verdadeira”, que é o sal da terra e a luz do mundo. O mundo é evidentemente um lugar escuro, com pouca ou nenhuma luz própria, que precisa de uma fonte de luz externa para iluminá-lo e precisa ser alertado a todo tempo das consequências de suas ações. O mundo manifesta também uma tendência constante à deterioração. Está apodrecendo devido às suas escolhas e atitudes. O mundo sozinho não pode impedir a sua própria deterioração. Apenas o sal, quando introduzido de fora, pode fazê-lo. A Igreja, por outro lado, foi colocada no mundo com duplo papel: como sal, para interromper, ou pelo menos retardar, o processo da corrupção social; e, como luz, para desfazer as trevas e guiar os homens e as mulheres por um novo caminho.

Na época de Jesus, o sal era uma substância básica. Além do sabor, era utilizado para purificar e preservar os alimentos, pois não havia qualquer sistema de refrigeração. Tão importante era o sal que os soldados do Império Romano recebiam seu pagamento na forma de uma quantidade de sal. Daí, veio a origem da palavra latina “salário”, ou seja, remuneração na forma de sal.

A afirmação é direta: *“Vós sois o sal do mundo”* significa que, quando cada comunidade se revela como tal, “o mundo” se deteriora como peixe ou carne estragada, enquanto a “genuína Igreja de Cristo” pode retardar a sua deterioração. R. V. G. Tasker comentou: *“os discípulos são chamados a ser um purificador moral em um mundo onde os padrões morais são baixos, instáveis, ou mesmo inexistentes.”* Os discípulos de Jesus que nasceram de novo são os que podem preservar a deturpação do mundo.

Mas o sal só faz efeito fora do saleiro, pois a função da Igreja é trazer esperança às causas perdidas. Ao olharmos à nossa volta o grande crescimento das drogas, da prostituição, da violência doméstica e outras mazelas sociais precisamos perguntar: onde está a Igreja para parar essa podridão moral e social da sociedade moderna? A eficácia do sal está condicionada ao seu sabor. Isto é, tem que conservar a sua salinidade. O Dr. David Turk explicou que, naquele tempo, chamava-se de “sal” um pó branco (talvez apanhado à volta do Mar Morto), o qual, embora contivesse cloreto de sódio, também continha muita coisa mais. O resíduo de pó branco ainda parecia ser sal e, sem dúvida, era chamado de sal, mas não tinha o seu gosto e nem agia como tal. Não passava de pó do chão. Diferente da luz, o sal acaba sendo uma realidade oculta, que só descobrimos quando está faltando nos alimentos que

ingerimos, por causa da ausência do sabor. O sal é um produto resistente a quase todos os ataques, mas, ao ser contaminado por impurezas, torna-se inútil e até mesmo perigoso. O sal que perdeu a sua propriedade de salgar não serve nem mesmo para adubo. A salinidade do cristão é o seu caráter, conforme descrito nas bem-aventuranças, visível em atos e palavras. Para ter eficácia, o cristão precisa conservar a sua semelhança com Cristo. Se os cristãos forem abafados pelos não cristãos, deixando-se contaminar pelas impurezas do mundo, perderão a sua capacidade de influenciar. A influência do cristão na sociedade e sobre a sociedade depende da sua diferença e não da identidade. O Dr. Lloyd-Jones enfatizou: *“A glória do Evangelho é que, quando a igreja é absolutamente diferente do mundo, ela invariavelmente o atrai. É então que o mundo se sente inclinado a ouvir a sua mensagem, embora talvez no princípio a odeie”*. Caso contrário, se nós, os cristãos, formos iguais aos não cristãos, seremos inúteis. Teremos de ser igualmente jogados fora, como o sal sem sabor, “lançado fora” e “pisado pelos homens”.

O mundo é escuro e sem resposta, jaz nas trevas, e, para trazer resposta, Jesus usa a figura da luz: *“vós sois a luz do mundo” (V.14)*. Ele usa duas figuras sobre a luz: da cidade que não pode ser escondida e de uma lamparina que não adianta ser colocada debaixo da cama. A luz serve para apontar o caminho para o mundo e iluminar o ambiente. Nós somos a voz profética que, a todo o tempo, tem que dizer que este mundo está apodrecendo, anunciar o caminho para trazer solução para podridão dessa sociedade. Os que são da luz enxergam o futuro de forma clara, são vozes proféticas para um mundo caído, que não enxerga nem um palmo à sua frente. Jesus, em **Jo 8.12** diz: *“Eu sou a luz do mundo.”* E nós também a somos, pois refletimos a luz de Cristo no mundo. Como faróis na noite para os barcos a navegar, somos luzeiros para levar a mensagem de Jesus ao mundo sem esperança de salvação.

No **v. 16b**, Jesus afirma que essa luz são as nossas “boas obras”. A luz do cristão deve incluir o seu testemunho pessoal. A proclamação do evangelho deve ser considerada como uma das “boas obras” pelas quais a nossa luz brilha e o nosso Pai é glorificado. *“É bom lembrar-se de que crer, confessar e ensinar a verdade também fazem parte das ‘boas obras’ que evidenciam a nossa regeneração pelo Espírito Santo. Além da proclamação, as boas obras são evidenciadas pelo amor, pela misericórdia e pela fé. Elas expressam não só a nossa lealdade a Deus, mas também o nosso interesse pelos nossos semelhantes. Na verdade, o significado primário de ‘obras’ tem de ser atos práticos e visíveis gerados pela compaixão”* (Fatec). Quando os homens veem tais obras em nós, disse Jesus, glorificam a Deus. Sem elas, o nosso evangelho perde a sua credibilidade.

Assim como acontece com o sal, também a afirmação referente à luz foi seguida de uma condicionante: *“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens” (v. 16a)*. Se o sal perder seu sabor, a luz em nós pode se transformar em trevas. Isso acontece quando não cumprimos a sua missão essencial: trazer clareza, ou seja, resposta aos homens. Nossa luz não pode ficar limitada a mosteiros, a igreja ou a nós mesmos, ou então, de nada serve.

Temos de permitir que a luz de Cristo brilhe em nós de dentro para fora, a fim de que as pessoas a vejam. Nós somos convocados a ser farol, no sentido de quem está guiando os que estão perdidos e veem de longe uma esperança. Assim como a cidade de Jerusalém está localizada no alto de uma Montanha e era chamada também de cidade Luz, Jesus diz que não devemos ser como uma cidade ou vila aninhada em um vale, cujas luzes ficam ocultas, mas sim, como uma cidade edificada sobre um monte, que não se pode esconder e cujas luzes são claramente visíveis a quilômetros de distância. Devemos ser como uma lâmpada acesa, colocada no velador, numa posição de destaque na casa a fim de iluminar a todos que se encontram em casa, e não ficando “debaixo da gamela” ou “debaixo do balde”, onde não produz bem algum. Jesus está fazendo um alerta a muitos cristãos nominais que querem viver dentro das suas igrejas, dentro de quatro paredes, e querem ter uma santidade que não brilha nas trevas. Jesus estava com os pecadores, Jesus se sentava com as prostitutas, e deixou o exemplo aos seus discípulos para que fizessem o mesmo.

O Culto Pop, realizado todas as terças-feiras por esta igreja é um exemplo real de trazer luz para uma geração corrompida. A igreja, ao realizá-lo, incomoda comerciantes e moradores do entorno, porque é mais fácil não vê-los, ignorá-los. Quando a igreja mostra essa realidade do dia a dia e busca trazer dignidade (banho, comida, diálogo, respeito, relacionamento), oportuniza a esses homens e mulheres o direito de buscar em Jesus a mudança

de vida que eles tanto precisam. No estado de podridão que eles vivem com seus pares, não veem necessidade de mudança. No contato com a Igreja de Cristo, são despertados para voltar-se para uma vida de paz e dignidade. Isso é ser sal e luz!

Jesus finaliza com os (v. 17-20) usando escribas e fariseus como comparação. Jesus está dizendo que a nossa justiça deve ser superior à deles. O que Jesus está querendo dizer é que, mesmo que exteriormente os escribas e fariseus apresentassem uma vida exemplar, o seu interior não estava obedecendo a Deus. Ou seja, a justiça que excede os escribas e fariseus é a justiça que nasce do coração e não a justiça que se manifesta apenas externamente. Jesus desfaz a associação da lei apenas com as nossas ações e a associa ao nosso coração. Que o Senhor nos livre de sermos pessoas à semelhança dos escribas e fariseus hipócritas, que se dedicavam tanto em aparentar santidade e obediência, mas esqueceram-se de cultivar a obediência e o amor a Deus em seus corações.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Cl 4.6

Ter: Lc 14.34,35

Qua: Tg 1.17; Sl 104.2

Qui: Jo 3:21; 1 Pe 2.12

Sex: 2 Co 4.7-11

Sáb: Ef 5.15-21

2. ATIVIDADES

Pegue um espelho, entre numa sala onde tenha raios de luz solar e faça com que os raios solares incidam sobre o espelho e a projete pela sala. Se não houver um ambiente com entrada de luz solar, olhe o seu próprio reflexo no espelho. Você pode ver com clareza o seu rosto? Em seguida, use um marcador de quadro branco ou pincel atômico para colorir o espelho. Tente projetar a luz do sol pela sala novamente ou tente ver seu rosto no espelho depois de coberto pela tinta do marcador de quadro branco ou pincel atômico.

1. Com que clareza você pode ver seu reflexo, agora que o espelho está bloqueado?

2. O que eles podem aprender sobre como refletir a Luz de Cristo com essa demonstração?

3. APLICAÇÕES

O sal e a luz, figuras usadas por Jesus, têm muito a nos ensinar sobre nossas responsabilidades de cristão.

Responsabilidade de não nos conformar com o mundo (Rm 12.2). Algumas vezes, o mundo adota uma falsa aparência de Cristianismo, por outro lado, alguns cristãos parecem tomar a forma do mundo e, assim, negam o nome de cristão através das suas ações. Mas, a diferença essencial entre o mundo e a igreja permanece, Jesus disse que são tão diferentes como a luz e as trevas, tão diferentes como a carne temperada com sal e a que está em estado de putrefação. *“Quando tentamos reduzir ao mínimo esta diferença, não servimos a Deus, nem a nós mesmos, nem ao mundo. Os cristãos verdadeiros são por natureza diferentes e Jesus nos convoca a sermos diferentes na prática. A maior de todas as quedas da Igreja ao longo do tempo, tem sido a sua constância de conformar-se com este mundo em lugar de desenvolver uma contracultura cristã.”*

Responsabilidade de sermos autênticos. Nas duas metáforas faladas por Jesus (sal e luz) reunimos uma afirmação e uma condição, nelas a nossa responsabilidade se destaca. Vocês têm de ser o que são: vocês são o sal e, por isso, têm de conservar o seu sabor e não podem perdê-lo pela falta de cumprirmos a nossa missão; vocês são a luz e, por isso, devem deixar que a sua luz brilhe e não devem escondê-la de modo algum, quer seja através do pecado ou da transigência, pela preguiça ou pelo medo.

É nesse mesmo solo que podem brotar os guerreiros de Jesus, soldados comprometidos a propagar a revolução do amor, alegria e da paz que vêm de Jesus. *“E esta revolução pacífica é mais radical do que qualquer*

programa de violência, por causa dos seus padrões incorruptíveis e porque modifica as pessoas e as estruturas. [...] Portanto, apesar de tudo, não somos indefesos e impotentes! Temos Jesus Cristo, o seu evangelho, suas ideias e o seu poder. E o testemunho de que temos Jesus Cristo é todo o sal e toda a luz de que este mundo tenebroso e arruinado precisa. Mas precisamos ter o sal e a luz de Cristo em nós mesmos, devemos deixar que a nossa luz brilhe e que nosso caráter cristão tempere o mundo à sua volta.” (John Stott)

Responsabilidade de mudar a comunidade secular. Uma influência de impedir a sua deterioração e uma influência de produzir a luz nas trevas. Pois impedir a propagação do mal é uma coisa; e promover a propagação da verdade, da beleza e da bondade é outra. Os cristãos foram convocados por Deus, numa sociedade secular, para retardar o processo de deterioração social. Deus quer que penetremos no mundo. O sal cristão não tem nada de ficar aconchegado em elegantes e templos; nosso papel é o de sermos “esfregados” na comunidade secular, como o sal é esfregado na carne, para impedir que apodreça. *“O que significa, na prática, ser o sal da terra? Em primeiro lugar, nós, o povo cristão deveria ser mais corajoso, mais franco no alerta das mazelas e condenação do mal. Às vezes, os padrões de uma comunidade afrouxam-se por falta de um explícito protesto cristão. Se você quiser pregar o Evangelho e ajudar as pessoas terá de ser firme e esfregar sal nas feridas, mostrando ao mundo o outro lado e denunciando o que não está certo. O verdadeiro sal é a verdadeira exposição das Escrituras, que denuncia todo o mundo e não deixa nada de pé a não ser a simples fé em Cristo. Deveríamos, com ousadia, apoiar o que é verdadeiro, bom e decente em nossa vizinhança, em nosso colégio ou negócio” (Fatec).* O caráter do cristão faz efeito através de atos e também de palavras. Com demasiada frequência, os cristãos evangélicos têm interpretado a sua responsabilidade social em termos de apenas ajudar às vítimas de uma sociedade doente, nada fazendo para mudar as estruturas que provocam e alimentam a podridão da sociedade. Os médicos não se preocupam apenas com o tratamento dos pacientes, mas também com a medicina preventiva e a saúde pública, nós deveríamos nos preocupar com o que poderíamos chamar de “medicina social preventiva” e padrões mais elevados de higiene moral. Como Frederick Catherwood expôs: *“Tentar melhorar a sociedade não é mundanismo, mas amor. Lavar as mãos diante da sociedade não é amor, mas mundanismo.”*

Essa, então, é a grande bênção da vida semelhante à de Cristo, produz bênçãos para nós mesmos, mudança da sociedade à nossa volta, salvação para os outros e, finalmente, Glória para Deus.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ O que significa, na prática, ser o sal da terra e luz do mundo?
- ◆ Que mensagem temos, então, para essas pessoas que se sentem estranguladas pelo “sistema”, esmagadas pela máquina da moderna tecnologia, dominadas pelas forças políticas, sociais e econômicas que as controlam e sobre as quais elas não têm controle? Sentem-se vítimas de uma situação que não têm poder de mudar. O que podemos fazer?
- ◆ O que efetivamente, como Igreja, podemos fazer para trazer luz à sociedade à nossa volta?

5. DESAFIO PRÁTICO

Vamos efetivar a nossa ação como sal da terra e luz do mundo. Nesta semana, escolha um grupo à margem da sociedade (menores abandonados, viciados, pessoas em situação de rua e outros) escolha uma forma (visitação, estudo bíblico) e/ou outras ações que possam despertá-los de seu estado de deterioração física e espiritual. Leve as Boas Novas que podem mudar o mundo

1. APRESENTAÇÃO

Em Mateus 5, Jesus fala do reino de Deus, opera curas e milagres, convoca os discípulos e, então, os reúne junto à multidão, exercendo parte do seu ministério de ensino. Ele estava ali para comunicar a palavra da vida e para ensinar a base e o alicerce do evangelho para se viver uma vida prática.

Com o Sermão do Monte, Jesus valida os dez mandamentos (v. 17) e apresenta o alto padrão divino que o cidadão do Reino deveria alcançar. Ele explica a Lei nos seus mínimos detalhes para mostrar ao homem o tamanho da sua incapacidade em cumpri-la, mas, ao mesmo tempo, revelar por que Ele veio.

Os fariseus acreditavam que tomavam conta da Lei e zelavam por ela, porém, Jesus faz uma convocação para uma vida de santidade mais profunda que aquela apresentada pelos fariseus (v. 20). Lendo Mateus 5 (v. 21-26), se alguém pensa: “Por que ler sobre isso, se não sou homicida?”, não se engane. Jesus foi intencional e não descreveu sobre o que alguém pensa ser capaz de fazer, mas Jesus fala sobre a natureza humana e o que pode levar o homem a cometer tais atrocidades.

É necessário compreender o significado moral da Lei, que precisa estar em concordância não apenas com o exterior, mas com o interior ao espírito da Lei. Somente Ele sonda o coração do homem e sabe o que cada um nutre em sua alma. Assim, entre nós v. 21-26, Jesus mostra que não é apenas o ato de cometer o homicídio que leva seu povo ao julgamento, como os fariseus ensinavam, mas os preditores que antecedem o ocorrido, como irar-se, proferir um insulto ou uma ofensa, praticar a violência física ou psicológica.

Quando Jesus fala sobre oferecer um culto ao Senhor estando com pendências com outro irmão (1Co 6.7), além de desonrar a Deus, Ele mostra que facilmente o homem é capaz de enganar a si mesmo, de viver como sepulcro caiado e de perder o princípio para uma vida de santidade (1Pe 1.25-16).

Dessa forma, Jesus continua explanando, no mesmo sentido (v.27), que não é o ato do adultério apenas que o condena alguém, mas a falta de domínio próprio. Isso nos faz refletir sobre a batalha da mente, do autocontrole sobre seus pensamentos e de fazer escolhas conscientes (Rm 7.21-23). Nos versos 29 e 30, usa uma hipérbole para demonstrar a seriedade do pecado da luxúria e dos desejos malignos.

Jesus fala sobre o divórcio expondo apenas uma condição para que isso ocorresse, deixando claro sobre a traição (v.32 e 32). Ele tinha o conhecimento de que os rabis da época se apropriavam da passagem de Dt 24.1-4) e a usavam para regulamentar o divórcio. Achavam que os homens podiam separar-se por qualquer situação que os desagradasse, dando carta de divórcio. Em Mt 19.3-12, Jesus fala novamente sobre o divórcio nessa mesma perspectiva e completa que Moisés fez essa sugestão devido à dureza do coração do homem em perdoar.

Quando Jesus aborda a questão do juramento (v. 33-37), está se referindo à atitude leviana, profana e despreocupada das pessoas em usar esse recurso para enganar outras. Jesus sugere que todo nosso falar deveria ser como se estivesse sob um juramento de dizer a verdade, ou seja, que seja o “sim, sim; não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna”.

Jesus explicou que Ele veio cumprir a Lei de Deus na perfeição (Mt 5.17-18). Os mandamentos de Deus são muito mais que regras exteriores. Os seguidores de Jesus devem procurar um padrão mais alto, que começa no coração e depois se reflete nas ações.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mt 5.21-37

Ter: Mt 21.34-40

Qua: Jr 31.31-34

Qui: Rm 7.12-17

Sex: Gl 3.13-26

Sáb: Rm 8.1-6

2. ATIVIDADES

- Aprofunde seus estudos assistindo ao vídeo, por meio do QR Code ao lado.
- Estude e responda: como a Lei se cumpriu em Jesus e para quê?



3. APLICAÇÕES

A Lei de Deus está no Velho e no Novo Testamento, primeiro enviada no monte Sinai (**Ex 34**), depois cumprida pelo Filho de Deus (**Rm 8.3-4**). Jesus discursa e ensina sobre a Lei numa visão prática, mas profunda, acerca da ética e da moral do Reino de Deus.

Ele faz a descrição de como seus discípulos precisam ser e apresenta um novo estilo de vida a ser seguido, revelando o padrão que se deve alcançar (**Rm 8.7**). Entretanto, o esforço humano, nesse caso, é em vão. Jesus mostrou que os fariseus, durante séculos, zelaram pela Lei dada através de Moisés, mas de forma ineficiente (**Gl 3.19**).

O sermão do monte é uma passagem de exortação, como uma espada que fere nosso interior, dando consciência quanto às fraquezas dos filhos de Deus e confronta você a refletir sobre uma nova vida de santidade e de comunhão. Jesus veio para ser esse novo e vivo caminho que leva a essa novidade de vida, em que o Espírito Santo nos capacita a cumpri-la (**Rm 8.2-6**).

Quando nos submetemos a Ele em obediência e vivemos nesses novos padrões, estamos trazendo os sinais do Reino em nossa vida, os quais Jesus veio anunciar e concretizar através de sua vida e morte. Ele não quis nos dar bons conselhos, Ele veio trazer boas-novas e essa é uma diferença muito relevante. É necessário entender que Ele veio anunciar uma nova realidade, que já está em vigência. O Reino dos céus não é uma alusão metafórica a um futuro por vir, mas uma nova realidade que invade o presente daqueles que creem em Jesus (**Lc 17.20-21**).

Somos convocados a crer que Ele é o verdadeiro Messias e que, por meio Dele, a vida do Reino, no qual Deus é Rei, já deve tornar-se a realidade no mundo, transformando a Terra para ser conforme esses novos padrões. Os que seguem Jesus devem começar a viver de acordo com essas regras aqui e agora, vivendo o presente de forma que faça sentido com as promessas de Deus para o futuro, porque, em Jesus, esse futuro já chegou.

Importante compreender também que Jesus não pretendia abandonar a Lei e os profetas, pois todas as promessas e tudo de Israel se cumpriu Nele. Israel não conseguiu cumprir sua missão ao ficar preso em si mesmo, em leis, em dogmas e em cerimônias, deixando de se tornar luz para as nações. Mas Jesus abriu um novo caminho para Israel (**Is 42.6-8**) e, por meio dEle, para o mundo inteiro, houve mudança de comportamento não apenas pelo ensino, mas pela transformação da mente e do coração. Assim, Jesus tornou real tudo isso em sua pessoa, pois Ele é a luz do mundo e o sal da terra, que, através da cruz, tornou-se conhecido por todos e como farol levou esperança de uma nova vida através de um amor abnegado, que é o mais profundo cumprimento da lei e dos profetas (**Mt 24.14**).

1. APRESENTAÇÃO

Dando continuidade à seção de antíteses do Sermão do Monte, Jesus passa a adentrar nos temas de vingança e amor ao próximo, aprofundando-se nos princípios divinos que baseiam os mandamentos do Antigo Testamento.

O mandamento “olho por olho, dente por dente” encontra-se em **Êx 21.24**, mas se trata de um princípio de justiça bastante antigo e difundido em diversas civilizações ao longo das eras. É a chamada Lei de Talião, ou Lei da Retaliação, e sua aplicação mais antiga registrada está no Código de Hamurabi, da Mesopotâmia, datado de antes de 1700 a.C. A lógica por trás desse princípio e o objetivo divino desse mandamento no Antigo Testamento não são incentivar a vingança pessoal, mas garantir que ela obedeça a um limite de proporcionalidade.

Jesus, por sua vez, incentiva seus seguidores a renunciarem ao direito de retaliação. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que Jesus não está pregando a passividade extrema e a apatia em relação à violência. Interpretações equivocadas dessa passagem sugerem que os cristãos deveriam ser contrários à existência de polícia ou a forças armadas garantidoras da ordem. Jesus também não está afirmando que o cristão não deve recorrer às autoridades quando for vítima de crimes nem buscar seus direitos quando for vítima de injustiça.

O princípio por trás da ordenança de Jesus é o mesmo que o da Lei do Talião no Antigo Testamento. Porém, enquanto no AT o objetivo era que o judeu refreasse o seu ódio e limitasse a retaliação à mesma proporção da ofensa original, Jesus orienta seus seguidores a refrearem o ódio ao ponto de abrirem mão completamente da retaliação. A expressão “bater na face direita” representa um tapa com a parte externa da mão, com objetivo de ferir a honra do atacado, de humilhá-lo. Por isso, entendemos que o que está em questão aqui não é o cristão prejudicado abrir mão da justiça, mas, sim, o ofendido abrir mão da vingança, de reparar a sua honra. Fazer isso representa um conhecimento mais aprofundado das escrituras e da natureza de Deus. A Ele pertence a vingança (**Dt 32.35**) e é Ele quem exalta os que forem humilhados (**Lc 14.11**).

O texto em Mateus segue com outros três exemplos práticos: dar também a capa àquele que cobrar a túnica; andar duas milhas ao ser obrigado a andar uma; e dar a quem pedir emprestado (ficando subentendido que o credor não pagará, tendo em vista **Lc 6.34**). Jesus reforça que o alvo do cristão não é a retaliação, mas, sim, a reconciliação. Tanto Lucas como Mateus trazem o resumo de toda esta seção: “Amai aos vossos inimigos” (**Mt 5.44 e Lc 6.27**). No texto de Mateus, Jesus afirma: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo” (**Mt 5.43**). A primeira parte está em **Lv 19.18**. A segunda, porém, não se encontra no Antigo Testamento. Pelo contrário, em **Êx 23.4**, os judeus são orientados a tratar seus inimigos com gentileza. Evidentemente, alguns contemporâneos de Jesus argumentavam que a ordem de amar o próximo implicava no oposto – odiar os inimigos. Importante lembrar que Jesus usa a expressão “Ouvistes que foi dito” e não “Está escrito”.

Jesus é bastante direto: se amarmos os que nos amam, que recompensa teremos? Até os que não conhecem a Deus se prestam a retribuir o amor. Aos seguidores de Cristo, não basta agir conforme o restante do mundo; é preciso agir com amor sobrenatural. É esse amor que moveu Estevão a pedir que sua morte não fosse imputada como pecado a seus executores (**At 7.60**). A partir do momento que a revelação de Cristo foi completa, o cristão não possui inimigos, no sentido mais completo da palavra. “Nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (**Ef 6.12**).

Nosso inimigo é o Diabo, e nosso objetivo é atacar e enfraquecer o seu reino terreno. Aos demais seres humanos, nosso alvo é que também eles se sujeitem ao poderio de Cristo. C.S. Lewis diz que o Cristianismo é uma grande campanha de sabotagem contra as forças do inferno. Essa sabotagem se consiste em converter servos do

Inimigo em servos de Cristo e a nossa principal arma para isto é o amor. É esse amor que nos leva a dar a outra face, a bendizer os que nos maldizem a dar também a capa a quem nos pede a túnica, a andar outra milha, a orar pelos que nos perseguem. O resumo prático desse amor é: “E assim como quereis que os homens vos façam, fazei-lhes igualmente” (**Lc 6.31**). Está é a regra de ouro do Cristianismo.

Uma das máximas de Confúcio, sábio chinês do século V a.C., é: “Não faça aos outros o que você não quer que seja feito a você”. Essa mesma negativa é dada por uma variedade de sábios em diversas culturas. É significativo, no entanto, que Jesus nos dá a regra de forma positiva, o que ninguém havia feito antes. Não é suficiente que os cristãos se refreiem de fazer ao outro o que não gostariam que fosse praticado contra eles. É necessário ser ativo no bem.

Em **Mt 6.1-4**, Jesus inicia uma nova seção, agora relacionada aos atos de justiça e piedade judaica, começando pela caridade. O Mestre adverte que, ao darem esmola, seus seguidores não ajam como os hipócritas. Em grego, a expressão hipócrita era usada para representar os atores nos teatros. Dessa forma, o cristão deve evitar fazer seus atos de caridade com falsidade, fingindo ser generoso apenas para receber o louvor dos espectadores. Jesus afirma que de Deus esses não receberão nada. Se o intuito é receber o reconhecimento dos homens, essa será sua única recompensa. A motivação do cristão, ao fazer caridade, deve ser sempre de compartilhar o amor que recebeu de Deus e a principal recompensa que o cristão deve almejar é ver o próximo saciado de sua necessidade. Por isso, o ato da caridade deve ser feito preferencialmente de forma secreta. Dessa forma, o ajudado concentra sua gratidão no Senhor e somente a Ele dá glória. Os seguidores de Cristo devem ser como Paulo, não buscando agradar a homens, mas a Deus que prova o coração (**1Ts 2.4**).



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Êx 21

Ter: Dt 32.35

Qua: Lc 14.11

Qui: Lv 19.18

Sex: Êx 23.4

Sáb: Ef 6.12

2. ATIVIDADES

Responda às perguntas abaixo:

1. Qual o princípio bíblico por trás do mandamento “olho por olho, dente por dente”, no AT (**Êx 21.24**)?

2. Qual é a regra de ouro do Cristianismo (**Lc 6.21**)?

3. Qual deve ser a motivação do cristão ao fazer atos de caridade?

3. APLICAÇÕES

Desde que o mundo é mundo, o ser humano é movido pelo orgulho. Se somos agredidos, nosso primeiro objetivo é lançar mão da agressão. Se somos humilhados, queremos retribuir a humilhação. Somos ensinados desde cedo a “não levar desaforo para casa”. A mente daquele que segue a Cristo deve ir na contramão do padrão mundano. Jesus te convida a aceitar a humilhação ou a ofensa e dar ou fazer mais do que o necessário, se for esse o preço para resolver o conflito e se reconciliar com o seu adversário.

A fim de colocar tais atitudes em prática, é necessário que você consiga demonstrar o amor de Deus às pessoas ao seu redor. Paulo diz que o amor não se ira facilmente, não guardar rancor, tudo sofre e tudo suporta (**1Co 13.5-7**). Esse amor precisa ser sem distinção e não direcionado apenas aos que você tem maior afinidade. João diz que quem não ama não conhece a Deus (**1Jo 4.8**). Não basta se dizer cristão; é importante que você demonstre o agir do Espírito Santo por meio do amor ao próximo, mesmo quando for desagradável.

Por fim, uma das formas de demonstrar o amor de Deus ao seu próximo é por meio da caridade. A generosidade é característica fundamental ao cristão. Porém, não basta exercer a caridade; é necessário que, ao fazê-lo, você renuncie a receber qualquer tipo de reconhecimento ou louvor. A motivação para agir generosamente deve ser apenas compartilhar o amor que você recebeu de Deus. Hoje em dia, com o avanço das redes sociais, suprimir o impulso de compartilhar as suas boas ações não é tarefa fácil, mas é importante que você saiba que Deus vê as suas obras e se agrada quando você se esforça em fazer a Sua vontade. Não abra mão de agradecer a Deus para receber o louvor dos homens.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Você se considera uma pessoa orgulhosa? Como encara o mandamento de dar a outra face?
- ◆ Descreva algum exemplo de amor ao próximo que marcou a sua vida.
- ◆ Qual momento na sua vida foi mais difícil de demonstrar amor a alguém?
- ◆ Na sua opinião, como o cristão deve agir em resposta a pedintes?

5. DESAFIO PRÁTICO

Elenque as três pessoas com quem você mais tem necessidade de se relacionar e faça o exercício de orar por cada uma delas todos os dias desta semana.

1. APRESENTAÇÃO

Continuando nossos estudos sobre o Sermão mais notório do ministério de Jesus, hoje nos debruçamos sobre os ensinamentos acerca da oração. Em um episódio, narrado tanto no capítulo 6 de Mateus, quanto no capítulo 11 de Lucas, Jesus instrui seus discípulos com princípios valiosos a respeito da prática de orar. Como se pode perceber ao longo de todo o relato dos Evangelhos, uma das características mais marcantes de Jesus era sua constante vida de oração. Os momentos de comunhão e reflexão junto ao Pai eram parte integral de Seu ministério. Partindo desse exemplo, o Mestre ensina aos que o seguiam como deveriam proceder em suas orações.

De início, é importante esclarecer que a oração do Pai Nosso não reflete uma preocupação de Jesus com as palavras exatas a serem proferidas. De modo equivocado, alguns pensam que a sequência de frases em Mateus 6 constitui a única maneira correta de orar. Contudo, mais do que ensinar quais palavras usar, Jesus queria, de forma pedagógica, aprimorar o modo como os discípulos se relacionavam com Deus. Ele estava atento à postura, à convicção e à intenção daqueles que se aproximavam do Pai. Sob essa perspectiva, podemos extrair ensinamentos preciosos para construir uma vida de oração, tendo Cristo como exemplo.

De forma introdutória, Jesus condena dois tipos de conduta na oração. Em um primeiro momento, Ele se opõe veementemente à oração hipócrita (**Mt 6.5**). As pessoas que oram dessa maneira buscam prestígio e reconhecimento, utilizando-se da oração pública para ostentar uma aparência mais espiritual e santa. A prática de orar em público de forma ostensiva revela a carência de aprovação que essas pessoas possuem. Além disso, Jesus critica quem se vale das orações para obter uma posição de destaque sobre os outros. Nesse trecho, Ele se refere claramente aos fariseus e doutores da Lei que, por meio de rituais e discursos, exibiam seu conhecimento e falsa moralidade por todo o território de Israel. Entretanto, esse padrão comportamental permanece até os dias de hoje: há quem assuma o papel de santo, utilizando-se dos cultos e cerimônias para alimentar o próprio ego.

Há ainda outro tipo de conduta que Jesus alerta a seus ouvintes: a oração realizada de forma mecânica e sem entendimento (**Mt 6.7**). Mais do que vãs repetições, a oração é um momento de conexão entre você e Deus. Jesus adverte sobre aqueles que repetem palavras incessantemente, como se a quantidade fosse o caminho para alcançar o Pai. A falta de conhecimento acerca de quem Deus É faz com que a pessoa insista apenas no que imagina que Ele possa fazer, sem compreender Seu caráter e Sua vontade.

De maneira simples e objetiva, a oração tem como propósito santificar o povo de Deus. Ela é a chave que promove harmonia entre sua vida e a vontade divina. Trata-se do momento em que você se coloca diante do Altíssimo com tudo o que é — dúvidas, medos, anseios e gratidão. Não se resume apenas a falar, mas a um relacionamento de transparência e verdade, permitindo que a voz do Eterno alcance as áreas mais profundas do seu ser. Ao orar, você se posiciona para ouvir e se alinhar com a vontade Dele.

Esse é um diálogo no qual você aprende a confiar e a se submeter, ciente de que Deus o conhece melhor do que você mesmo. A oração expõe suas fragilidades e você entrega o controle, permitindo que Ele molde seu coração. E, ainda que as respostas não venham de imediato, o ato de orar transforma quem você é, pois, ao passar tempo na presença do Criador, você se torna mais sensível à Sua voz e mais firme na fé. Por isso, é crucial observar como Jesus ensinou aos discípulos a orar.

Para uma melhor compreensão, a oração do Pai Nosso pode ser dividida em duas partes:

Pedidos Relacionados à Pessoa de Deus. A primeira parte da oração busca engrandecer e glorificar o nome do Pai. Jesus, de maneira clara, instrui seus discípulos sobre como se dirigir a Deus e quais pedidos devem ser feitos ao Senhor.

"Santificado seja o Teu nome": Este primeiro clamor não é um pedido para que Deus se torne mais santo, mas sim para que nossas vidas sirvam como instrumento de Sua Santidade na Terra. Jesus nos ensina que a oração deve conter um anseio pelo nosso testemunho.

"Venha o Teu reino": Um pedido diretamente relacionado à expansão do Reino de Deus. Devemos orar por nossas igrejas, pelos trabalhos missionários e pelos esforços de alcance do Evangelho. A súplica "venha o Teu Reino" expressa a disposição de colocar nossas vidas à serviço da obra do Senhor.

"Seja feita a Tua vontade": Concluindo esse primeiro momento, Jesus nos ensina a orar pedindo submissão à vontade de Deus em nossas vidas. Devemos clamar para que nossa vontade não se sobreponha à vontade Dele para nós. O próprio Jesus fez essa oração no Getsêmani (**Mt 26.39**).

Pedidos Relacionados às Nossas Necessidades. Na segunda parte da oração, Jesus volta Seu olhar para as necessidades humanas. De maneira clara, o Mestre demonstra que nossas preocupações devem ser levadas a Deus para que possamos encontrar cura e provisão.

"O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje": Este pedido é uma demonstração de nossa dependência do Pai Eterno para subsistir. Orar pelo pão diário é reconhecer que nossa existência não depende de nossas capacidades ou força. É um reconhecimento de que, até para as necessidades mais básicas, como comer e se vestir, precisamos do Senhor, pois, sem Ele, nada somos.

"Perdoa as nossas dívidas": Jesus aborda a importância de tratar o pecado na oração individual. É necessário expor nossas falhas a Deus. Em nossa oração, deve haver o reconhecimento de nossas transgressões e o pedido sincero de perdão. Tratar o pecado deve ser um elemento essencial de nossas orações.

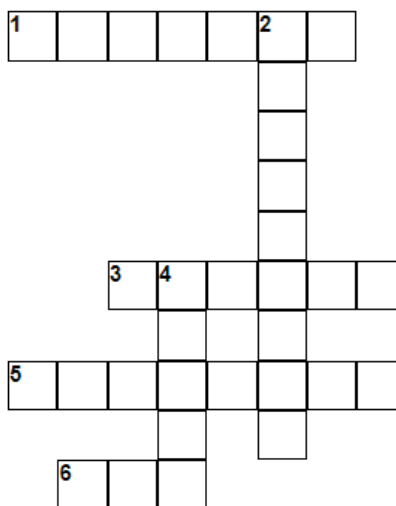
"Livra-nos do mal": Para concluir a oração, Jesus nos ensina a buscar proteção no Pai. Devemos orar para que as tentações não nos aflijam. Mais uma vez, Ele nos instrui sobre a necessidade de dependência do Senhor em nosso cotidiano.

Essa é a estrutura que o Mestre nos deixa e, a partir dela, podemos moldar nossas orações, seguindo Seu exemplo e buscando um relacionamento verdadeiro com o Pai.

2. ATIVIDADE

Preencha as palavras cruzadas, de acordo com as afirmações abaixo:

- 1- Local onde devemos buscar Deus em oração (**Mt 6.7**)
- 2- Jesus ensina que devemos orar para sermos livrados delas (**Mt 6.13**)
- 3- Momento individual de conexão com Deus
- 4- Devemos orar para que este, seja expandido na Terra (**Mt 6.10**)
- 5- Grupo de judeus que costumavam orar em público para se vangloriarem disso
- 6- Alimento que Jesus nos ensina a pedir diariamente ao Pai (**Mt 6.11**)





Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Jr 29.12

Ter: Tg 5.16

Qua: Mt 7.7

Qui: Dn 6.10

Sex: Jo 17.1-26

Sáb: Mt 26.36-46

3. APLICAÇÕES

O lugar e o poder da oração na vida cristã têm sido muito pouco compreendidos. Enquanto considerarmos a oração apenas um meio de manter nossa vida cristã, nunca alcançaremos seu pleno significado. Mas se aprendermos a considerá-la como a parte mais sublime do trabalho a nós confiado, como a raiz e a força de todo o empreendimento divino, mais nos conscientizaremos de que, acima de qualquer outra coisa, precisamos estudar e praticar a arte de orar corretamente. O Pai escuta, atentamente, cada oração de fé, a fim de nos conceder seja o que for que desejamos, ou pedimos, em nome de Jesus. Acostumamo-nos tanto a limitar Seu maravilhoso amor e Suas grandes promessas que não conseguimos ler as mais simples e claras afirmações de nosso Senhor sem estabelecer condições e sem levantar objeções humanas.

Jesus dedica parte do sermão do monte à oração por um motivo: ele deseja que você tenha uma vida constante e fervorosa de oração. Mais do que simples palavras faladas de maneira rápida e impensada. A oração pode se transformar em um momento de refrigério e contato com o Pai. Muitos cristãos, hoje em dia, limitam sua vida de oração a períodos específicos do dia, como o almoço, o acordar, e se esquecem do que Paulo diz aos Tessalonicenses: Orai sem cessar.

Deus quer de você uma vida de constante oração. E a primeira coisa que o Senhor ensina aos Seus discípulos é que eles devem ter um lugar secreto para oração; cada um deve ter algum lugar de refúgio onde possa estar sozinho com seu Deus. Ele já ensinou para a mulher samaritana em João 4 que a adoração não está mais limitada a tempo e lugar; que a adoração, a verdadeira adoração espiritual, é algo de espírito e vida; você deve, com todo o seu ser e por toda sua vida, adorar em espírito e em verdade. E mais: Ele quer que cada um escolha para si um lugar específico onde Ele possa diariamente encontrá-lo. Este quarto secreto ou lugar solitário é a sala de aula de Jesus. Esse espaço pode ser em qualquer lugar; pode mudar de um dia para outro se tivermos de mudar nossa residência; mas esse lugar secreto tem de ser um tempo tranquilo em que o aluno se coloca na presença do Mestre para ser preparado por Ele para adorar o Pai. Estabeleça para você hoje esse lugar. Se desafie a passar mais tempo a sós com Deus. Você verá como esse tempo será abençoador para você e para aqueles que estão a sua volta.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Qual é a importância de alinhar a sua vontade à vontade de Deus durante a oração?
- ◆ Como a prática da oração molda o seu caráter e relacionamento com Deus?
- ◆ De que maneira a oração particular (em segredo) é diferente e complementar à oração coletiva (em grupo)?

5. DESAFIO PRÁTICO

O desafio para essa semana é dobrar o seu tempo diário de oração. Por exemplo, se você passa 10 minutos orando, experimente ficar 20 minutos nessa semana. Você vai perceber que nos primeiros dias será um pouco difícil, entretanto, esse pequeno gesto pode impulsionar a sua vida de oração.

1. APRESENTAÇÃO

Nesse trecho do Sermão do Monte que iremos estudar, Jesus convida seus discípulos a refletirem sobre as suas prioridades. Inicialmente, temos a temática do amor às riquezas e ao acúmulo de bens e, depois, a questão da preocupação exagerada com as necessidades diárias. Em tempos em que líderes cristãos ostentam um estilo de vida luxuoso e a ansiedade é considerada o novo mal do século, a palavra de Deus não poderia ser mais atual.

Naqueles tempos e ainda hoje, é notável a relação dos judeus com o dinheiro. No judaísmo, é comum a ênfase nos bens materiais. Para eles, a riqueza é evidência da aprovação de Deus e também um meio de melhor servi-Lo. Jesus precisou trazer esse ponto à luz, advertindo os discípulos do perigo da idolatria ao dinheiro e da fragilidade dos bens desta terra. No contexto da época, ser rico era ter ouro, prata e vestes (roupas). Por esse motivo, Jesus utiliza a traça, a ferrugem e os ladrões como ameaças. Atualmente, os tesouros são outros, mas sua condição de vulnerabilidade continua a mesma.

Interessante notar que Jesus coloca a riqueza como sendo uma “entidade”, um chefe que requer dedicação exclusiva, ensinando sobre o perigo de colocar a sua confiança e seus esforços em algo tão exigente e, ao mesmo tempo, tão instável. Em contraponto, Ele reflete sobre a importância de se acumular tesouros no céu, um investimento que dura para sempre. Mas o que seriam esses tesouros? Entendemos que, ao utilizarmos os nossos recursos e as nossas habilidades para a promoção do reino de Deus, fazendo com que mais pessoas tenham a oportunidade de conhecer e se converter ao evangelho, estamos vivendo com um olhar na eternidade e, dessa forma, acumulando tesouros celestiais que vão além daquilo que é visível e finito.

Importante destacar que Deus não está condenando a pessoa que é rica ou que se beneficia do fruto do seu trabalho ou a pessoa que é precavida, aquela que possui uma reserva pensando no futuro. Inclusive, Provérbios nos ensina sobre a importância do trabalho (**Pv 6.9-11**), do planejamento financeiro (**Pv 21.5**) e de poupar (**Pv 21.20** e **Pv 13.22**). Fica claro, então, no discurso de Jesus, que o problema não consiste em ter dinheiro, mas, sim, em fazer dele o seu “senhor” (**Mt 6.24**), depositando toda a sua confiança nele (**Mt 6.21**).

Nesse contexto, Jesus ensina que nossos olhos devem ser como uma lâmpada, iluminando o caminho por onde andamos. Ele prega que devemos ter “bons olhos”, não no sentido físico, mas espiritual, ou seja, enxergando como Deus enxerga. Temos bons olhos quando analisamos as pessoas pelo seu interior e não pelo exterior, quando não invejamos a prosperidade do outro, quando não duvidamos de gestos generosos, entre outros exemplos. É preciso ter clareza de que a forma como vemos as coisas e as pessoas reflete nossos valores e nossa moral, mostrando-nos quem somos em Cristo.

Na sequência, Cristo aborda a questão das pessoas que vivem preocupadas com o dia de amanhã. Ele repete, por diversas vezes, no modo imperativo, os termos “não andem ansiosos” e “não vos inquieteis” e fornece vários argumentos que sustentam a sua ordem. Primeiro, alega que o Deus que fez coisas tão grandiosas como a nossa vida e o nosso corpo não deixaria de nos dar coisas menores como o alimento e as vestes (**Mt 6.25**). Depois, ele usa a lógica reversa, indagando como que o Deus que cuida de seres tão pequenos, como as aves e as flores, não cuidaria de nós, que fomos feitos a sua imagem e semelhança (**Mt 6.26,28**).

O exemplo dos lírios do campo é algo curioso de se estudar. Essas flores eram muito comuns naquela região e, quando floresciam, coloriam lindamente todo o vale da Judeia. Elas nasciam sem muito esforço e não precisavam ser regadas ou podadas, porém, suas flores só duravam poucos dias e, depois que morriam, eram usadas pelas mulheres como combustível para o fogão. Observar os lírios do campo é tomar consciência de que Deus cuida de tudo e que, tanto eles quanto nós, somos totalmente dependentes do favor e da misericórdia de Deus.

Jesus também argumenta que a inquietação é inútil, pois, por mais que você se preocupe, isso não tem o poder de mudar absolutamente nada (**Mt 6.27**). Além disso, Ele condena a ansiedade com um sinal de incredulidade (**Mt 6.32a**). Por fim, Jesus fornece a receita para uma vida menos ansiosa, que é através do foco nas coisas de Deus (**Mt 6.33**).

Sabemos que não é fácil vivermos o hoje sem nos importar com o amanhã. Violência, guerras, mudanças climáticas, desemprego, doenças... esses e outros temas perturbam nossos pensamentos. Essas preocupações são legítimas, mas não podem tirar nossa paz. A palavra de Deus afirma que “o Senhor conservará em paz aquele cuja mente está firme em ti, porque confia em ti.” (**Is 26.3**). Perdemos a paz porque deixamos de olhar pra Cristo. Quando confiamos nEle e nos envolvemos em sua missão, aprendemos a valorizar o que realmente importa e olhamos para o futuro com a certeza de que novo céu e nova terra nos aguardam na eternidade.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mt 19.16-24

Ter: Ec 5.10-20

Qua: Pv 6. 9-11

Qui: Sl 56.3

Sex: Fp 4. 6-9

Sáb: Mt 11. 28-30

2. ATIVIDADES

Marque as afirmações abaixo com V para verdadeiro e F para falso:

- () 1. O cristão não pode ter poupança, investimento ou qualquer tipo de dinheiro guardado, pois Jesus ordena não acumular tesouros sobre a terra.
- () 2. A única forma de acumular tesouros no céu é através de boas obras, como a doação de bens/dinheiro aos mais necessitados.
- () 3. O cristão não pode ter dois empregos, pois estaria servindo a dois senhores.
- () 4. Deus cuida de nós como cuida das aves e das flores, portanto, não é preciso trabalhar e ter uma reserva de emergência.
- () 5. A inquietação com o dia de amanhã é um sinal de falta de fé.

3. APLICAÇÕES

Em nossa cultura e sociedade, é muito comum a busca por bens materiais e melhores condições de vida. A Bíblia aborda bastante esse tema e deixa claro que o problema não consiste em ter dinheiro, mas na atitude que você tem em relação a ele. Se você tem bens, pode facilmente colocar toda a sua confiança naquilo que tem acumulado, e se você não tem, pode focar todas as suas energias na busca deles. Considerando o atual cenário de instabilidade econômica e consumismo desenfreado, se o seu contentamento depende da sua quantidade de posses, você irá viver eternamente preocupado ou para sempre insatisfeito. É por isso que a sua confiança deve estar no Senhor e os seus esforços empenhados na busca pela vontade de Deus.

Mas talvez o seu tesouro não é o seu dinheiro. Jesus pede que o jovem rico venda todos os seus bens para herdar o reino dos céus (**Mt 19.16-24**). Já Zaqueu, um homem rico, não foi questionado quando disse que iria doar ‘apenas’ metade dos seus bens aos pobres (**Lc 19.1-9**). Isso nos mostra que o jovem rico era preso ao dinheiro, mas Zaqueu mostra, por sua atitude proativa de doação, que havia sido liberto dessa atitude ao se encontrar com Jesus. Pense no que é realmente valioso pra você hoje. Pense no que mais consome seu tempo e sua atenção. Se é algo perecível ou que não reverbera na eternidade, então você está colocando seu foco no lugar errado.

A lista dos motivos pra nos sentirmos aflitos, sobrecarregados, emocionalmente esgotados e sempre atrasados é grande demais. Portanto, se você sente que a sua ansiedade está fora do controle, é importante procurar ajuda médica e espiritual. O Senhor te convida a entregar todos os seus desafios e as suas preocupações a Ele. Essa confiança pode tranquilizar seu coração com relação ao sofrimento do amanhã e te ajudará a passar por ele. Somente

com Cristo você vai experimentar a paz que excede todo o entendimento. Essa paz não vem do fato de não ter aflições, mas da certeza de que todas as suas necessidades serão satisfeitas pelo Senhor.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Como encontrar o equilíbrio entre ser precavido e não ser acumulador?
- ◆ O que pode ser considerado “tesouro na terra” nos dias de hoje, além do dinheiro?
- ◆ Você tem andado ansioso? O que tem tirado a sua paz?
- ◆ Qual conselho você daria para uma vida menos estressante?

5. DESAFIO PRÁTICO

Nesta semana, convido você a orar sobre o seu relacionamento com o dinheiro. Você tem investido seus recursos na obra do Senhor? Você tem comprado mais do que precisa? O seu foco tem sido ganhar mais dinheiro ou mais almas pra Cristo? A sua confiança e seu contentamento estão nos seus bens ou em Deus? Examine essas e outras questões e peça ao Espírito Santo para ajudá-lo(la) no que precisa ser mudado.

1. APRESENTAÇÃO

Há um ditado popular que diz: *“Aquele que tem telhado de vidro, não jogue pedra no telhado do vizinho”*. Na maioria das vezes, somos rápidos em estabelecer julgamentos sem conhecimento de causa e dos acontecimentos. Apontamos os erros alheios e esquecemos dos nossos próprios erros. O capítulo de número 7 do Evangelho de Mateus começa com uma série de breves instruções e exortações (**Mt 7.1-2**). No contexto de Mateus, se você pensa dessa maneira, está sendo um hipócrita, isto é, transparecendo crenças, virtudes, ideias e sentimentos que, na realidade, você não possui. Você está agindo com falsidade, com hipocrisia.

Mas isso não quer dizer que você esteja isento de uma correção, ou, como vemos em alguns textos na Bíblia, de “admoestação”. Admoestar é uma correção em amor, que motiva, ensina e consola. Assim, a Bíblia nos exorta a seguir e a obedecer a Jesus.

Os três primeiros Evangelhos dispostos no Novo Testamento são chamados de “sinóticos”, porque eles contêm um compilado de histórias comuns entre si, narradas na mesma sequência e, às vezes, com frases semelhantes. Acredita-se que o Evangelho de Mateus foi escrito para alcançar judeus, para mostrar que Jesus cumpriu as profecias do Antigo Testamento a respeito do Messias.

Já o Evangelho de Lucas é direcionado a Teófilo (**Lc 1.1-3**). Não se sabe muito sobre Teófilo. Alguns estudiosos acreditam que Teófilo era um gentio que se converteu ao Judaísmo e posteriormente ao Cristianismo.

Sobre o tema estudado na lição de hoje, os capítulos apresentam uma subdivisão que torna claro o seu entendimento.

Mateus 7.1-6 => amor e prudência no julgar;

Mateus 7.7-12 => perseverança na oração;

Lucas 6.37-38 => não cabe ao discípulo julgar o próximo;

Lucas 6.39-42 => parábola do cego que conduz outro cego;

Lucas 6.43-45 => a parábola da árvore e seu fruto.

O Evangelho de Mateus faz uma comparação entre arqueiro e trave, sendo o arqueiro comparado a um pequeno cisco que incomoda a visão, até que possa ser removido. Às vezes, você pode ficar preocupado com o arqueiro (cisco) no olho do irmão, enquanto traz uma trave em seus olhos, que é comparada a uma viga de madeira, que dá sustentação a uma casa. Ainda faz menção de lançar pérolas aos porcos, sendo a pérola considerada a maior preciosidade para o oriental. Segundo o comentário da Bíblia Vida Nova, dar aos cães o que é Santo é interpretado pela igreja primitiva como permitir aos hereges e aos não batizados, ou seja, não comprometidos com Cristo, participarem da Ceia do Senhor. E, por fim, encoraja os crentes a orar.

O agir com amor é o ato de ceder ao próximo aquilo que buscamos para o nosso próprio bem, caindo na graça da infinita bondade de Deus.

Em seu livro *“Cristianismo puro e simples”*, C.S. Lewis faz uma abordagem sobre o amor ao próximo: *“Nem mesmo aprecio a minha própria companhia. Então, tudo indica que ‘amar ao próximo’ não quer dizer que me sinta interessado por ele.”* Parece soar como uma declaração presunçosa, altruísta, arrogante, egoísta e individualista. Mas, como expressar um sentimento por outrem, se não expresse esse mesmo sentimento para comigo mesmo?

Já no Evangelho de Lucas, nos **versículos 39 a 42**, Jesus faz um alerta sobre o perigo de alguém querer assumir uma liderança espiritual sem estar preparado (**Tg 3.11**). Somente aquele que está na Luz que emana de Jesus Cristo poderá evitar os contratempos do erro e guiar os pecadores imaturos. O discípulo não será e nem estará mais certo que o seu mestre, Jesus, o Bom Pastor (**Lc 6.39**).



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mt 7.1-2

Ter: Jo 8.7

Qua: Mt 18.15-16

Qui: Tg 3.6-8

Sex: Lc 6.37

Sáb: Tg 3.18

2. ATIVIDADES

Ter crenças, virtudes, ideias e sentimentos que, na realidade, você não possui.
O texto acima faz referência a:

- () Amor
- () Egoísmo
- () Exortação
- () Hipocrisia

3. APLICAÇÕES

O sentimento de pertencimento faz com que os seres humanos se associem e se organizem em grupos com interesses comuns. Mas, à medida que você passa a integrar e a se envolver com pessoas de seu grupo, dá a oportunidade de conhecerem um pouco mais sobre você ou não. Poderá existir nesse mesmo grupo pessoas com as quais você terá um relacionamento mais íntimo e outras que serão tratadas mais formalmente. Isso acontece porque sempre haverá alguém que erroneamente estabelecerá um julgamento sobre a sua pessoa, sem ao menos ter dedicado um tempo para lhe conhecer melhor e criar laços de afetividade.

No livro de **Atos dos Apóstolos, no capítulo 2**, fala-se sobre os cristãos da igreja primitiva, que estavam juntos e tinham tudo em comum. E essa mutualidade somente é possível pelo Amor de Jesus Cristo, através de seu sangue derramado na cruz. Igreja, apesar de ser um ajuntamento de pessoas santas, é também uma comunidade de pessoas que buscam, nesse ajuntamento, encontrar amor, apoio e consolo.

Quando há julgamentos maliciosos, passa a existir uma ruptura desse laço de fraternidade. Há tantas situações em nossas vidas que precisam ser trabalhadas e revistas diariamente que não lhe dá o direito de julgar o seu próximo. Vemos muitos ciscos nos olhos de nossos irmãos, mas não olhamos a quantidade de traves que estão sobre os nossos olhos. Daria para edificar um arranha-céu.

Não escolha textos isolados da Bíblia para querer justificar o seu julgamento. Em **Lc 6.36**, a Bíblia nos diz para sermos misericordiosos, como nosso Pai (Deus) é misericordioso. Que você possa ser reconhecido pelos bons frutos que produz, afinal, não se colhe figos de espinheiros. O objetivo é chegar a medida da estatura completa de Cristo (**Ef. 4:13**).

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ O que te leva a julgar os outros?
- ◆ Você se considera superior às pessoas com as quais você se relaciona, no grupo secular ou na sua igreja?
- ◆ Você costuma olhar as pessoas com desdém ou com compaixão?
- ◆ Você costuma usar textos isolados da Bíblia para justificar o seu ponto de vista?

5. DESAFIO PRÁTICO

Se você é o tipo de pessoa que vê erro em tudo e em todos, peça a Deus que lhe conceda um coração misericordioso, antes de julgar os pequenos erros de seu irmão. Afinal, há uma grande diferença entre um cisco e uma trave.

1. APRESENTAÇÃO

Concluindo o valiosíssimo Sermão do Monte, Jesus apresenta mais alguns ensinamentos fundamentais para todo aquele que busca segui-Lo.

Em **Mt 7.13-14**, Jesus nos apresenta duas opções: a porta larga, cujo caminho é amplo e espaçoso, e a porta estreita, cujo caminho é apertado. Em **Jr 21.8**, são chamados de caminho da vida e caminho da morte. O texto deixa claro que não há terceira opção.

A porta estreita representa a salvação e a vida eterna e são poucos os que a acham. A porta que leva à salvação é estreita justamente para representar que há apenas uma forma de alcançá-la, que é por meio do próprio Cristo. Ele é tanto o Caminho (**Jo 14.6**), quanto a Porta (**Jo 10.7-9**). Em nenhum outro há salvação (**At 4.12**).

Justamente por isso, que o caminho que leva à perdição é largo e espaçoso. Não apenas para representar que muitos passam por ele, mas também para ilustrar a infinidade de opções que ele engloba. Se apenas em Cristo é possível alcançar salvação, todas as alternativas, sejam religiões, ideologias, crenças e afins, levam à perdição.

Jesus, então, começa a trazer algumas influências que levam os homens a seguir o caminho largo. Em primeiro lugar, Ele alerta para os falsos profetas (**Mt 7.15-20**): aqueles que se apresentam como servos de Deus, mas cujos corações e ações estão longe da verdade. Desde o Antigo Testamento, o Povo de Deus estava sujeito à ação dos falsos profetas (**Dt 13.1-5** e **Ez 8.1-15**). Eles enganam pelas aparências, mas seus frutos (suas obras e atitudes) revelam sua verdadeira natureza. Somente uma inspeção mais atenta permite ver que tais ovelhas, na verdade, são lobos disfarçados. Paulo já afirmava que, após sua partida de Éfeso, “lobos vorazes” invadiriam o rebanho dos cristãos (**At 20.29**). É importante discernir os verdadeiros líderes espirituais pelas suas vidas e não apenas pelas palavras. Jesus ensina que o credo e a prática são vitalmente relacionados. Por mais atraentes que sejam, à primeira vista, as filosofias falsas e doutrinas errôneas produzirão imoralidade. Por isso, devem ser descartadas com a mesma dureza usada pelos homens que jogam ao fogo árvores que não dão bom fruto.

Entretanto, não são somente os falsos mestres que tornam o caminho estreito difícil de achar. É possível enganar-se dolorosamente e imaginar sinceramente que se está andando pelo caminho certo, quando não se está (**Mt 7.21-23**). É possível ainda empregar o vocabulário do crente, repetir as fórmulas, recitar o credo e tomar parte nas atividades do crente, sem ser crente de verdade. O verdadeiro crente é aquele que faz a Vontade do Pai (**Mt 7.21**). Terrível coisa é ouvir do Deus Onisciente que Ele nunca te conheceu e do Deus Onipresente, que você se afaste dEle.

O crente verdadeiro é aquele que faz a vontade do Pai. E fazer a vontade de Deus é simplesmente ouvir as Suas Palavras e praticá-las (**Mt 7.24-27** e **Lc 6.47-49**). Jesus comprova que, na esfera espiritual, o ouvir não tem valor se não resultar em ação. O modo cristão de viver somente pode ser praticado se tiver como base alicerce sólido. E o único alicerce seguro é o próprio Cristo (**1Co 3.11**). Aquele, cuja fé em Cristo é real e sincera, edificará sobre a sua fé o seu caráter cristão, que resistirá a qualquer tempestade, seja desapontamento, cinismo, dúvida, sofrimento ou perseguição. Por outro lado, aquele que com seus lábios confessa a Cristo, mas seu coração está longe dEle, não tem alicerce sólido para construir seu caráter cristão. Embora seu caráter possa parecer seguro, não resistirá quando chegar o dia da provação severa.

Na seção final do Sermão, Jesus deixa claro que estar no caminho que leva à vida não é simplesmente cumprir meras burocracias. Muitos de seus ouvintes acreditavam que ser israelita e fazer parte do “povo escolhido de Deus” garantiria acesso à Vida Eterna. Mas é necessário ter uma vida de obediência e dedicação genuína a Deus.

Mateus conclui o Sermão do Monte (**Mt 7.28-29**) dizendo que as multidões se maravilhavam com o ensino de Jesus. Eles ficavam impressionados com Sua autoridade, pois Ele não ensinava como os líderes religiosos da

época, que se baseavam em tradições humanas, mas falava com a autoridade divina. Jesus não apenas conhecia a lei de Deus, Ele era a própria Palavra Viva.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Jr 21.8

Ter: Jo 10.7-9; 14.6

Qua: At 4.12

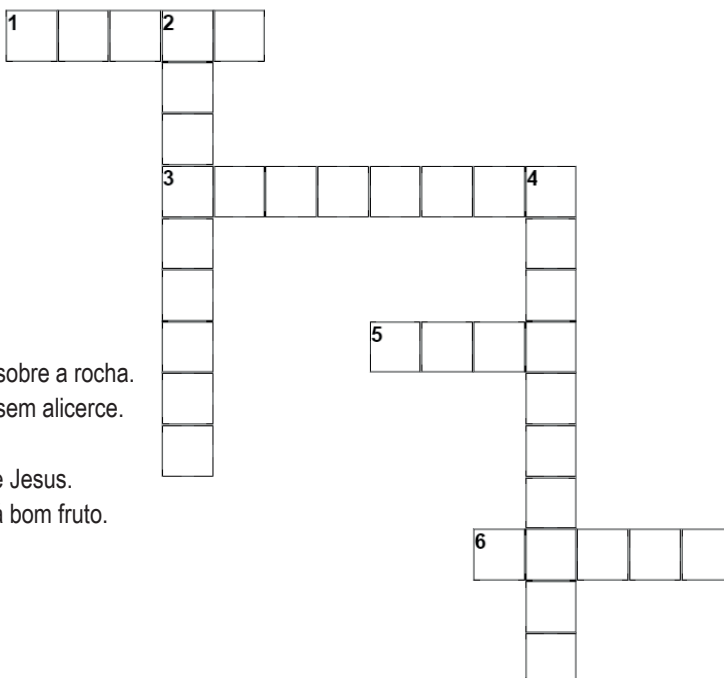
Qui: Dt 13.1-5

Sex: Ez 8.1-15

Sáb: 1 Co 3.11

2. ATIVIDADES

Complete a palavra-cruzada abaixo, com base nas dicas ligadas ao texto estudado.



1. Aquele que edifica sua casa sobre a rocha.
2. Aquele que edifica sua casa sem alicerce.
3. Porta que leva à vida eterna.
4. Fator diferencial no ensino de Jesus.
5. Destino da árvore que não dá bom fruto.
6. Porta que leva à perdição.

3. APLICAÇÕES

Em contraste com o caminho estreito, vemos que o caminho que leva à perdição é amplo e espaçoso, sendo muito mais atrativo e confortável. C.S. Lewis diz que “*o caminho mais seguro para o Inferno é o gradual — o declive suave, macio sob os pés, sem curvas abruptas, sem marcos de sinalização, sem placas indicativas*”. Por isso, é importante que você tenha convicção de estar no caminho certo. Cristo ressalta a possibilidade de se viver uma vida inteira acreditando ser um crente verdadeiro, mas ser condenado no Dia do Juízo. É possível que você tenha crescido na igreja, tenha participado de diversos ministérios, tenha partilhado da comunhão, mas não tenha uma experiência genuína com Deus. É preciso ter certeza de que o Senhor te conhece.

Outro ponto fundamental é que não basta que você confesse a Cristo como Senhor. É preciso que você demonstre o senhorio de Cristo na sua vida de forma prática. É necessário que os seus frutos exteriores comprovem a realidade espiritual interior. Tiago diz que até os demônios creem que há um só Senhor (**Tg 2.19**). É preciso, além de crer, fazer a vontade do Pai.

1. APRESENTAÇÃO

No evangelho de Mateus, os milagres que estudaremos hoje são descritos logo após o Sermão do Monte (“descendo Ele do monte...”), aparentemente, com o objetivo de retratar a autoridade de Jesus enquanto Deus encarnado. O primeiro milagre é a **cura de um leproso**. A lepra, nos tempos bíblicos, era o nome dado a uma variedade de enfermidades, sendo que algumas eram curáveis e outras incuráveis. Assim, a única defesa do mundo antigo contra esse tipo de enfermidade era a quarentena (que nós precisamos reaprender recentemente³). Ao relatar esse milagre, Lucas nos informa que o enfermo estava “coberto pela lepra” – um termo aparentemente médico para um caso adiantado/grave (MORRIS, 2011, p. 109). A realização desse milagre tem uma peculiaridade, Jesus tocou no leproso (o que era proibido **Lv 13.45-59**), exibindo, assim, autoridade sobre a doença e sobre a lei. Neste ponto, o relato de Marcos é esclarecedor ao afirmar que Jesus estava “profundamente compadecido”, indicando que a razão para o descumprimento da lei foi o amor, também determinado na lei.

Todavia, após a realização do milagre, Jesus instrui o leproso a apresentar-se ao sacerdote, cumprindo a lei (**Lv 14.2-32**) – demonstrando o equilíbrio entre a sua autoridade sobre a lei e a disposição que Cristo tinha em cumpri-la. Marcos ainda relata que, além de orientar o curado a apresentar-se ao sacerdote (e cumprir a lei), orientou-o a não revelar o caso a ninguém, com o objetivo específico de manter Jesus discreto. Jesus pretendia pregar em cidades próximas, mas a fama de curandeiro difundida pelo curado começa a se tornar um obstáculo para sua missão pregadora (**Mc 1.40-45**). Por fim, o texto de Lucas (Lc 4.12-16) nos concede um detalhe importante: apesar da fama e das dificuldades por ela criadas, Jesus habitualmente retirava-se para os desertos e orava.

O segundo milagre é a **cura do servo do centurião romano**. O relato mais detalhado deste milagre encontra-se em Lucas (**Lc 7.1-10**). O que chama a atenção neste caso é a autoridade da humildade e da fé do centurião: “Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra e o meu criado sarará, pois também eu sou homem sob autoridade e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu criado: faze isto, e ele o faz” (**Mt 8.8-9**). Tais palavras maravilham Jesus, que aproveita a oportunidade para ensinar algo muito importante – lembrando que Ele estava em Cafarnaum (**v.5**): o evangelho é para todo o que crê, inclusive os gentios. A fé é algo pessoal, logo, não adianta nascer em uma família ou nação cristã, se sua fé não for exercida.

Em seguida, Jesus **cura a sogra de Pedro**. Não há maiores detalhes sobre esse milagre, apenas um conciso relato de que Jesus a tocou e ela sarou. Sobre tal milagre, podemos observar poucas coisas, entre elas, o caráter prático do ministério de Jesus: ele não ministra somente nos lugares de adoração. Qualquer lugar, em qualquer circunstância, onde houver manifestação de fé para honra e glória de Deus, é lugar para agir. Podemos perceber a sua cura imediata pelo fato de que, tão logo ela se curou, passou a servi-los (**v.15**). Mateus aproveita esse milagre para ressaltar o papel messiânico de Jesus, profetizado por Isaías (**Is 53.4**). O texto de Marcos (**Mc 1.29-39**) nos dá um detalhe adicional: a sogra de Pedro tinha febre.

Por fim, temos o milagre da **cura do paralítico de Cafarnaum**. Se os milagres anteriores demonstraram a autoridade de Jesus sobre a doença, a natureza e os demônios, agora o milagre revela seu poder sobre o pecado. Ao afirmar expressamente o perdão dos pecados do paralítico, Jesus é acusado de blasfêmia pelos escribas. **Blasfêmia** é uma afronta verbal à majestade de Deus, um delito punido com a pena de morte (**Lv 24.15-16**). Tal

³ Esta lição foi escrita em outubro de 2024, 4 anos e meio depois do início da pandemia de COVID-19. Durante quase dois anos o mundo precisou viver em uma espécie de “quarentena” ou isolamento social para minimizar os riscos de morte em razão da doença. Ainda assim, estima-se que 15 milhões de pessoas morreram no mundo pela doença (BBB, acesso em 03.10.2024), quase 700 mil no Brasil (Ministério da Saúde, acesso em 03.10.2024).

acusação seria justa se Jesus não fosse o próprio filho de Deus. Repare que os escribas o acusavam em secreto, duvidosos de sua própria acusação. A resposta de Jesus é arrebatadora: ao curar o paralítico, Ele demonstra ser aquele que tem autoridade para perdoar pecados. Há ainda outro detalhe: a resposta de Jesus à fé dos amigos do paralítico mostra a eficácia da fé em nome dos outros. Nunca deixe de orar por alguém!

O texto de Marcos (**Mc 2.1-12**) é o primeiro de uma série de acontecimentos que ilustram o conflito entre Jesus e os líderes religiosos. Jesus, em sua resposta aos escribas, usa a expressão “Filho do homem” (**v.10**), um título messiânico originado de Daniel (**Dn 7.13**), ao invés de “filho de Davi”, que carregava implicações nacionalistas e materialistas. Jesus estava ciente de seu papel político e, exatamente por isso, demonstra qual é a sua prioridade.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mt 8.1-17

Ter: Mt 9.1-8

Qua: Mc 1.29-2.12

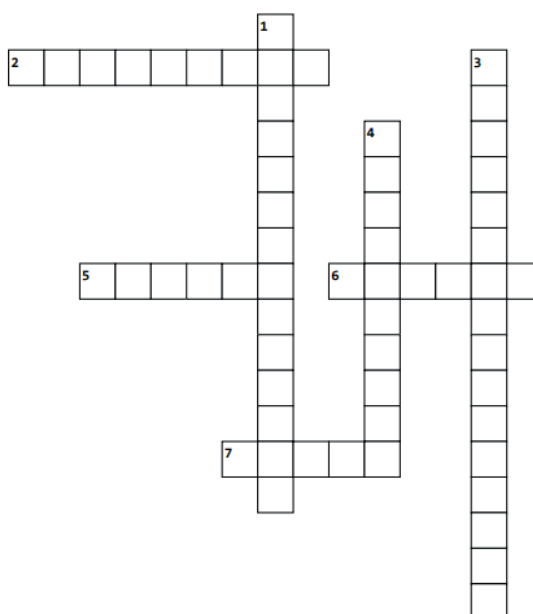
Qui: Lc 4.38-44

Sex: Lc 5.12-26

Sáb: Lc 7.1-10

2. ATIVIDADES

MILAGRES DE JESUS



Across

- 2.** Acusação feita pelos religiosos acerca da ação de Jesus com o Paralítico
- 5.** Hábito que Jesus realizava costumeiramente
- 6.** Ação que demonstrou a cura da sogra de Pedro
- 7.** Doença, ou conjunto de doenças infecciosas dos templos bíblicos

Down

- 1.** Título messiânico preferido de Jesus
- 3.** Homem dotado de autoridade que maravilhou Jesus com sua fé
- 4.** Única solução para a doença naquele tempo

3. APLICAÇÕES

A lição de hoje tratou especificamente da disposição de Jesus em curar. Os milagres demonstram, ao mesmo tempo, o amor de Deus por nós, bem como o Seu poder intangível, para que nós não duvidemos de que Deus é Deus.

O leproso, entretanto, começa sua oração/petição com “Se queres, bem podes limpar-me” (**Mc 1.40**). Ele tinha **certeza** de que Jesus era **capaz** de curá-lo, mas tinha **dúvidas** se era **Sua vontade**. Muitas vezes, parecemos fazer o oposto: **desejamos** que Deus nos **cure**, mas **duvidamos** de sua **capacidade** de nos curar, ao que, quase sempre, oramos fazendo uso da muleta: “Se for da tua vontade”. Essa não pode ser uma expressão vazia e repetidamente utilizada sem sentido. O próprio Jesus nos ensinou a orar assim (**Mt 6.10** – mais detalhes na lição 11), mas devemos, como o leproso, **ter fé na capacidade de Deus** e, simultaneamente, **submissão à Sua vontade**, até porque não podemos viver intencionalmente na violação da vontade de Deus e esperar que Ele cumpra suas promessas. De fato, precisamos obedecer para ter fé e, com fé, louvá-lo por sua compaixão e disposição de curar.

O texto de Mateus, no que se refere à cura da sogra de Pedro, faz questão de mencionar a profecia de **Isaías 53.4**. Tal texto é comentado também por Pedro (**1Pe 2.24**). Ali, Pedro deixa claro que Cristo é o nosso exemplo e redentor. A morte vicária de Cristo torna possível nossa resposta à morte dos pecados (arrependimento) e vida em Deus (justiça). Essa é a verdadeira conversão cristã. Pedro procura nos mostrar que a nossa integridade pessoal (mental, psicológica e espiritual) só é possível a partir dessa conversão.

No que tange à cura do paralítico, o milagre demonstra o princípio da inter-relação da paralisia deste homem com o pecado (não revelado pelo texto) que ele havia cometido. Ao lidar com o pecado, Jesus o curou, demonstrando, inclusive, sua autoridade para curar pecados. Além disso, Jesus tinha convívio com pecadores reconhecidos publicamente, o que desafiava o sistema social aceito, demonstrando, assim, sua autoridade sobre os costumes impostos pelo homem, os quais desdenhavam das leis de Deus.

Podemos concluir, portanto, que Jesus é Senhor sobre nossos corpos – qualquer enfermidade – bem como sobre o Juízo do Universo – o que inclui nossos pecados. Pelo Seu poder e autoridade, Jesus exerce seu perfeito juízo, tanto nos curando das mazelas no dia a dia, quanto perdoadando ou não, nossos pecados. O veredito será dado a partir da nossa conduta, revelando nossa manifestação de fé. Como você tem exercido sua fé?

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Você já foi curado ou presenciou alguma cura milagrosa? A que você atribui esse evento? Compartilhe com sua classe.
- ◆ Por outro lado, alguma vez você já esperou por uma cura ou milagre que não aconteceu? Como isso interferiu na sua fé?
- ◆ Eventualmente, você pode não ter passado por nenhuma das situações anteriores, mas o próprio Cristo deixa claro que a missão dele não era ser um curandeiro e, sim, pregar o Evangelho. Como tem sido sua participação na disseminação do evangelho de Cristo?

5. DESAFIO PRÁTICO

Na lição de hoje, aprendemos que Jesus, costumeiramente, parava para orar. Sabedor de que tinha deveres urgentes, Ele achava necessário ficar quieto e orar quando as coisas não corriam como Ele desejava, estabelecendo suas prioridades com o Senhor. O desafio prático desta semana é imitar a Cristo. Se você tem decisões importantes a tomar ou se as coisas não estão a correr como você deseja, tire um tempo de meditação e estabeleça suas prioridades diretamente com Deus!

1. APRESENTAÇÃO

O episódio no qual Jesus acalma a tempestade e cura endemoninhados tem seu relato nos três Evangelhos sinóticos: Mateus, Marcos e Lucas. Entretanto, é Marcos quem fornece maiores detalhes, que permite um melhor conhecimento de todo o trajeto da travessia para a cidade de Gadara, assim como a recepção que tiveram quando lá chegaram. Contudo, com uma particularidade: enquanto **Mt 8.28** afirma que são dois endemoninhados, **Mc 5.2** e **Lc 8.27** relatam apenas um.

Essa diferença entre a quantidade de endemoninhados nas narrativas trata-se de uma aparente contradição. Chamamos a contradição apenas de “aparente” porque existem possíveis explicações plausíveis para as diferenças. Uma das explicações mais aceitas é a de que eram mesmo dois homens, mas Marcos e Lucas se concentram apenas naquele sobre o qual tinham maiores detalhes ou era mais importante para a mensagem a ser transmitida. É comum que, quando duas pessoas narram um mesmo fato de forma independente, elas deem ênfase em certos aspectos, que nem sempre coincidem. Por exemplo, leia duas notícias sobre um mesmo assunto, escritas por jornalistas independentes, e provavelmente eles darão maior atenção a determinado ponto de vista, que nem sempre vai coincidir. Então, essa aparente contradição entre os Evangelhos, na verdade, é um indício de que os evangelistas realmente fizeram um trabalho de pesquisa e não simplesmente copiaram o texto um do outro.

O milagre realizado em meio às adversidades da natureza fornece material não só pedagógico, mas também teológico, para o leitor aprofundar seu conhecimento a respeito da divindade de Jesus como Filho de Deus, com autoridade e poder sobre todas as coisas. **Mc 4.38** revela a natureza humana de Jesus, sujeita ao cansaço de um dia de trabalho, ao relatar que Ele dormia sobre o travesseiro. A interpretação dessa passagem é frequentemente vista como um convite à confiança em meio às tempestades da vida. Entretanto, essa passagem está muito além da confiança em meio à tempestade.

O fato de Jesus estar dormindo não significa que Ele estava alheio às demandas do momento; apenas confirma a veracidade da doutrina da encarnação, onde afirma que Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, conferindo-Lhe condição exclusiva, restrita e intransferível de ser o Único Mediador entre Deus e o homem (**1Tm 2.5**).

Os feitos de Jesus durante o seu ministério aqui na terra tiveram o objetivo de confirmar que Ele é o Messias. O Novo Testamento afirma essa verdade quando registra, na pessoa de Jesus, o cumprimento das profecias a respeito do Messias. Davi, em **Sl 8.6**, diz que ao Messias seria dada autoridade sobre todas as coisas. O próprio Jesus, em **Mt 28.18**, confirma que toda autoridade foi dada a Ele no céu e na terra.

A tempestade em questão não deveria ser motivo do terror que se apoderou dos apóstolos, visto que, até pouco tempo, aquele tinha sido o local de trabalho de alguns deles. Por isso, eles estavam acostumados às tempestades naquele lago. Entretanto, aquela não seria mais uma tempestade, mas sim, mais uma lição para os discípulos a respeito de fé e do ponto central da questão: a demonstração de poder do verbo encarnado.

É uma cena de puro contraste. A tempestade que aterrorizava experientes homens do mar, um barco que a qualquer momento poderia naufragar e Jesus, dormindo profundamente, dando a entender que estava alheio à situação. Mas não estava, porque “*o guarda de Israel não cochila nem dorme*” (**Sl 121.4**). Ele sabia de tudo que se passava, tanto na natureza, quanto nos corações dos discípulos. Ele esperava apenas o momento de ser solicitado para intervir. Os textos sinóticos mostram, de três formas distintas, o pedido de ajuda: em **Mt 8.25**, o tom é registrado em forma de súplica; em **Mc 4.38**, acusatório; e em **Lc 8.24**, apenas um aviso de que estavam perecendo.

O contraste entre as súplicas não altera o resultado final, que é a sujeição dos elementos da natureza ao seu calmo comando: “*Cala-te! aquieta-te!*”. Em resposta, tudo volta à sua normalidade, com exceção dos discípulos,

que, passivos da reprimenda do Mestre a respeito do medo devido à falta de fé, estavam, talvez, mais aterrorizados do que antes e perguntavam entre si: “*Quem é este que até as ondas e os ventos lhe obedecem?*”.

Essa é uma resposta didática e profundamente teológica, que todos querem e precisam saber. É o próprio Jesus quem responde, quando Ele, a exemplo de Deus Pai, se auto declara ser o EU SOU (**Jo 8.24**), a Luz do Mundo (**Jo 8.12**), a Porta das Ovelhas e o Bom Pastor (**Jo 10.7-14**). Pedro também responde ao dizer “*És o Cristo de Deus*” (**Lc 9.20**), dentre tantas outras confirmações ao longo da Bíblia. Contudo, a didática do momento não é apenas nos feitos de Jesus. Agora, o mundo espiritual das trevas contribui para mais um aprendizado e cumprimento da profecia feita pelo profeta Isaías: que Jesus veio para libertar e curar os cativos (**Is 61.1**). Os próprios demônios, através de um homem aprisionado por eles, se prostram, adoram e declaram que eles sabiam quem era Jesus, sua procedência e divindade, e que o tempo deles está se esgotando e o juízo final é certo (**Mc 5.6-7**). Reconhecem que eles não têm nenhum poder diante de Jesus.

A libertação do gadareno e o pedido dos demônios para serem lançados nos porcos são provas que encerram qualquer dúvida que alguém possa ter a respeito de que eles não têm autonomia e nem poder; são limitados. Outro fator que deve ser dito, apesar da Bíblia não mencionar, mas o texto permite deduzir, é que o julgo demoníaco não estava apenas em um ou dois habitantes daquela cidade, mas comprometia a capacidade de percepção da profundidade do milagre que Jesus acabara de realizar. Vemos aqui, também, um dos primeiros missionários enviados por Jesus, visto que Jesus recusa o pedido dele em ficar e seguiu-Lo e manda que ele volte para os seus e anuncie o que havia acontecido.

Cabe lembrar, aqui, que o fato de Jesus perguntar o nome do demônio na hora da libertação não significava que Jesus não sabia o que estava acontecendo com aquele homem. Sim, ele sabia, mas a multidão que seguia Jesus, assim como os discípulos, não sabia da gravidade da situação. Eles nunca presenciaram, e talvez nem eram conhecedores, que uma única pessoa poderia hospedar uma legião de demônios em si mesma, sabendo que uma legião compreendia um agrupamento de 3.000 a 6.000 soldados. Percebe-se que apenas um Ser Superior e dotado de poder poderia subjugar e vencer o inimigo.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Fp 4.6-7

Ter: Cl 1.13-16

Qua: Sl 121. 1-8

Qui: Rm 8. 28

Sex: Is 42.6-9

Sáb: Sl 107.28-30

2. ATIVIDADES

O que a reação dos discípulos pode nos ensinar hoje?

Os discípulos perguntaram “quem é esse”? Independente da resposta dada no texto, faça a seguinte pergunta: quem é Jesus para mim?

3. APLICAÇÕES

Assim como os discípulos temeram e foram passivos da reprimenda de Jesus, você também é digno de reprimenda quando não exerce total confiança em Jesus nos momentos das adversidades da vida. Usando o exemplo que recorreram ao Mestre, você pode e deve depositar toda sua confiança no poder de Jesus. Quando eu e você

ancoramos nossa confiança em Jesus, podemos navegar confiantes que a tempestade será acalmada e o barco da vida navegará em segurança até seu destino.

Quando você enfrenta problemas, o apóstolo Pedro lhe dá uma dica que deve ser acatada. Ele é claro ao dizer: *“humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte, lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós” (1Pe 5.6-7)*. Pedro aqui faz uso de um imperativo, ou seja, exige uma ação imediata que não deixa margem para questionamentos. Apenas faça e o resultado será surpreendente.

Lembre-se que Jesus não está dormindo. Ele apenas espera a sua ação de recorrer e confiar, para Ele agir na sua vida. A humildade será o elemento chave para você reconhecer que precisa de ajuda, que não pode lutar sozinho e nem mesmo sabe lidar com as tempestades da vida. Independentemente da situação, cabe a você escolher lutar com seus próprios punhos ou se recusar a lutar e deixar Jesus agir para que em tempo oportuno você desfrute da bonança que ele pode proporcionar.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ De que você acha que a calma de Jesus pode nos ensinar?
- ◆ Você consegue reconhecer a autoridade de Cristo em todas as áreas da sua vida?
- ◆ Você é uma pessoa que confia exclusivamente no Senhor nas horas das adversidades?
- ◆ Você já questionou qual lugar Jesus ocupa em sua vida?

5. DESAFIO PRÁTICO

Durante esta semana reveja suas atitudes em momentos de crise.

1. APRESENTAÇÃO

Os paralelos de Marcos 2.14 e Lucas 5.27-29 são a fonte informativa do protomarcos (uma fonte comum que alguns estudiosos acreditam ser uma espécie de esboço do evangelho de Marcos). Lucas e Marcos chamam Mateus de Levi. Alguns creem que esse Mateus foi o autor do Evangelho que leva seu nome, mas, de fato, o autor não é identificado. O que cremos acerca disso depende de nossa aceitação ou rejeição dessa tradição.

Mateus era publicano, isto é, funcionário público. Mais exatamente, um cobrador de impostos. Alguns deles lesavam o próprio governo com relatórios falsos, aceitando suborno. Esses homens eram considerados, juntamente com as prostitutas, como pertencentes à classe mais vil de pecadores. Os publicanos não eram bem-vistos pelo povo em face de sua desonestidade e da violência que empregavam para extorquir dinheiro, roubando, por meios legais, viúvas e outras pessoas destituídas

Eram considerados publicanos os responsáveis pela arrecadação de taxas, tributos e impostos, no âmbito da Antiga Roma Imperial. Eles eram detestados e rejeitados pelos judeus, que não admitiam a cobrança de impostos, a qual, segundo os fariseus, que tinham como função zelar pela doutrina hebraica, ia contra a Lei de Moisés. Como sua profissão assumia, de certa forma, um grau de periculosidade, já que eles eram vistos com maus olhos pelo povo judaico, muitos preferiam ignorar a forma como os publicanos ampliavam suas fortunas. Era fato, porém, que muitos deles, inescrupulosamente, cobravam em demasia das pessoas, contribuindo, assim, para o comprometimento de todos os coletores de impostos públicos, mesmo dos que eram realmente honestos.

Alguns estudiosos estabelecem que havia dois tipos de publicanos: os gerais, a quem cabia velar pelos tributos cobrados dos judeus ante o Imperador; e os representantes de cada região, designados entre as próprias populações de quem as taxas eram arrecadadas. Estes eram considerados os verdadeiros ladrões e, portanto, pecadores diante da Lei Mosaica.

A palavra publicano no Novo Testamento traduz o grego *telones* e significa basicamente “cobrador de taxas e impostos” ou “arrendatário”. Na verdade, desde antes de 200 a.C., existia, em Roma, os *publicani* romanos, que devem ser diferenciados dos publicanos que aparecem no Novo Testamento. Essa classe de homens, os *ordo publicanorum*, geralmente vivia na capital do império e era responsável por arrendar, em leilões promovidos pelo governo romano, os direitos de arrecadação das rendas públicas de províncias e regiões, mediante o pagamento de uma quantia de repasse ao tesouro público. Ou seja, um publicano romano se comprometia a entrar para o tesouro público, isto é, *in publicum*, e por isso receberam esse nome.

Os publicanos romanos podiam vender parte dos direitos de arrecadação que recebiam em determinada província ou empregar vários agentes de coleta subordinados a eles, a fim de se encarregarem das cobranças. Esses publicanos geralmente estavam relacionados à ordem equestre romana, que era uma das classes aristocráticas de Roma. Já seus subordinados, os coletores ou subcoletores, que eram contratados para realizarem a cobrança nas próprias províncias, podiam ser nativos das regiões onde as taxas e os impostos seriam cobrados. Portanto, os contratadores centrais dificilmente estavam envolvidos com as províncias das quais recolhiam os impostos através de seus empregados. Mesmo em Roma, esses publicanos eram identificados, muitas vezes como sendo pessoas que pertenciam a um sistema corrupto e inclinado ao abuso, em que, em alguns casos, o próprio governo precisava interferir.

Ao ouvir a expressão “segue-me”, imediatamente Mateus seguiu Jesus, demonstrando que o publicano conhecia a vida de Jesus, pois provavelmente manteve contato com Ele, posto que morava na mesma cidade. Certamente, estava a par dos milagres e talvez tivesse ouvido Jesus pregar na sinagoga. Talvez até mesmo tivesse pensando muito sobre a autoridade de Jesus e desejado ser seu discípulo. Assim sendo, o terreno estaria preparado, então, bastou o convite de Jesus para completar o princípio do discipulado.

O chamado de Mateus e o fato de Jesus comer ao lado de publicanos (**Mt 9.10-13**) demonstraram sua missão de chamar os pecadores ao arrependimento. O “pano novo” e o “recipiente de couro novo” prefiguram a aperfeiçoada justiça da graça em contraste com a veste e os odres velhos das ordenações legais. (**Mc 2.21-22; Lc 5.36-39**).

O chamado de Mateus por Jesus (que mais tarde escreveu o Evangelho com esse nome) demonstra que o Filho de Deus veio para todos os pecadores. Ninguém estava tão perdido que a graça de Deus não pudesse alcançá-lo. Os publicanos eram considerados os piores entre os piores, mas Jesus escolheu um cobrador de impostos e o adicionou ao Seu círculo de amigos. Supunha-se que os cobradores de impostos não tinham esperança e, portanto, não eram dignos de perdão. Mas Jesus passou três anos destruindo essas rígidas opiniões religiosas.

Provavelmente, o propósito de Jesus era ter um apóstolo vindo dessa classe, a fim de demonstrar mais claramente a graça de Deus, e também para que ele fosse um instrumento especial para alcançar essa classe vil de homens. Os fariseus consideravam os publicanos como homens sem esperança, sem direito ao arrependimento. Jesus mostrou que não há quem não possa arrepender-se e que do meio dos homens mais vis Deus pode tirar quem quiser, para ser usado especialmente.

Isso demonstra que o nosso Deus não faz acepção de pessoas para o trabalho. Ele simplesmente chama quem quiser, capacita quem quer, envia quem quiser e sustenta, porque Ele é Deus e pode todas as coisas. Que, assim como Mateus foi chamado por Jesus para fazer uma grande obra, estejamos atentos para o chamado de Jesus para fazer o que ele mandar. Que possamos de fato seguir Jesus.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mt. 9.9-13

Ter: Mc. 2.13-17

Qua: Lc. 19.1-10

Qui: Lc. 8.9-17

Sex: Lc. 5.29

Sáb: Lc. 15.1-7

2. ATIVIDADES

Qual era a função do publicano?

Como os fariseus consideravam os publicanos?

Qual foi o propósito de Jesus para ter chamado Mateus como discípulo?

3. APLICAÇÕES

O chamado de Jesus é audível. Todos que são chamados por Ele irão aceitar ou irão recusar. Quando chama, Jesus capacita, envia e sustenta. Assim como Mateus ouviu Jesus e o seguiu, precisamos nos atentar ao chamado do Mestre e segui-lo por onde quer que Ele nos enviar.

Mateus poderia muito bem ter ficado na coletoria até o fim dos seus dias. Porém, escolheu abrir mão da vida de ódio que tinha em seu coração para seguir o amor de Cristo. Que o amor de Cristo esteja em nossos corações e venhamos a obedecer ao seu chamado.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

◆ Mateus tinha dificuldades para estar no meio do povo de Israel. Por ser publicano, era odiado por todos. Então, uma guarda romana era colocada para proteger os publicanos. No meio de nós, há pessoas que são odiadas? Se sim, o que estamos fazendo para mudar esse quadro?

◆ A lição nos mostra que Jesus não faz acepção de pessoas. O Mestre ama a todos de igual modo. Ele chama um publicano para andar com ele, o que na época era inimaginável. O que estamos fazendo por aqueles que são deixados de lado pela sociedade? Como Jesus não fez distinção, temos em nós esse mesmo sentimento?

5. DESAFIO PRÁTICO

- Pessoas com determinada crença também precisa ser alcançada por Jesus. Precisamos quebrar essas barreiras porque elas também precisam do amor Deus dado por meio de Jesus Cristo.
- Orar na semana por uma pessoa que tenho dificuldade de me relacionar.

1. APRESENTAÇÃO

O jejum é a prática de se abster voluntariamente, ou circunstancialmente, de ingerir alimentos. Essa era uma prática comum entre os judeus, pois havia sido prevista na Lei de Moisés. Por exemplo, no Dia da Expição, o povo deveria “se humilhar”, literalmente “afligir a alma”, por meio do jejum (**Lv 16.29-30; SI 35.13**). Essa prática do jejum estava associada à expiação do pecado, isto é, ao sacrifício pelo pecado, e era obrigatória para todas as pessoas.

Ainda no Antigo Testamento, eventualmente, uma autoridade religiosa poderia convocar todo povo para um jejum, como ocorre, por exemplo, quando Neemias chamou o povo para jejuar e fazer confissão dos pecados (**Ne 9.1-2**). Observe que, novamente, esse jejum está associado ao perdão dos pecados. Mas esse jejum do Antigo Testamento também era praticado por iniciativa particular, como quando Davi jejuou pedindo pela vida do filho que teve no adultério com Bate-Seba (**2Sm 12.15-17**). Veja que, aqui, além de lamentar por seu pecado, Davi também jejuava buscando o favor de Deus para que seu pedido fosse atendido.

Era com base nessas práticas que os fariseus e os discípulos de João Batista jejuavam. Incomodados pelo fato de os discípulos de Jesus não jejuarem, eles questionam o Senhor (**Mt 9.14-17; Mc 2.18-22; Lc 5.33-39**). A explicação de Jesus para eles está baseada no fato de que o jejum, na Nova Aliança, adquire um novo significado, da mesma forma que ocorreu com os sacrifícios. Não faria mais sentido praticar o jejum associado ao sacrifício pelos pecados, pois esse sacrifício seria realizado de forma perfeita e definitiva na cruz.

Na vida cristã, o jejum tem a utilidade de ser uma mortificação da carne (vontades e desejos) para promover o fortalecimento espiritual e para nos tornar mais sensíveis à voz de Deus em nossa vida. Observe que foi nesse sentido que Jesus praticou o jejum antes de ser tentado pelo Diabo no deserto (**Mt 4.1-2**). Foi nesse sentido também que a igreja jejuou antes de enviar Banabé e Saulo para o campo missionário (**At 13.1-3**). E foi também nesse sentido que Jesus disse aos seus discípulos que a expulsão de demônios só poderia ser feita mediante jejum e oração (**Mc 9.28-29**).

Portanto, os discípulos de Jesus praticarem o jejum como forma de purificação ou com o objetivo de obter perdão era como colocar um remendo novo (Nova Aliança) em uma roupa velha (Antiga Aliança). Ou como colocar o vinho novo (Nova Aliança) em um odre velho (Antiga Aliança). A roupa velha não irá suportar a resistência do pano novo. O odre era um recipiente hermético de couro que, se fosse feito de material velho, ressecado, iria estourar pela fermentação do vinho novo. Em suma, as práticas cerimoniais da Antiga Aliança não cabem mais na Nova Aliança. A Antiga e a Nova Alianças não podem ser misturadas. A expressão utilizada pelo Senhor em **Lc 5.19** (“E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo, porque diz: ‘O velho é excelente.’”) é uma condenação irônica aos fariseus, que privilegiavam o passado e rejeitavam a chegada do Reino e Deus e a Nova Aliança.

Além disso, Jesus explica que os seus discípulos não estavam jejuando no momento daquele diálogo porque precisavam acompanhar o Mestre em Seu ministério e desfrutar de Seus ensinamentos e de Seu exemplo, além de testemunhar Seus milagres. Eles deveriam aproveitar a presença do Senhor, assim como os convidados de um casamento aproveitam a festa. No entanto, chegaria o tempo em que Jesus seria preso, morto e depois não estaria mais com eles, ou seja, o noivo iria embora, a festa acabaria. Aí, sim, eles precisariam muito se fortalecer espiritualmente e, por isso, jejuariam.

Mas o Senhor Jesus também alertou sobre como o jejum deve ser praticado (**Mt 6.16-18**). Os fariseus, que gostavam de reconhecimento público, muitas vezes se mostravam abatidos para parecerem aos outros que jejuavam. Jesus explica que quem aproveita a prática do jejum para se mostrar piedoso aos homens terá uma recompensa humana e terrana, que é o reconhecimento das pessoas, mas não terá a recompensa divina, que é o fortalecimento

espiritual. Pelo contrário, o jejum deve ser praticado em secreto, pois é uma questão íntima com Deus. Por esse motivo, as igrejas evangélicas tradicionais evitam a convocação de jejuns coletivos. Por outro lado, é preciso incentivar o jejum individual.

Esse alerta do Senhor chama a atenção para o fato de que o jejum, em si mesmo, não é uma fórmula mágica e não pode produzir efeitos se a vida do praticante não estiver consagrada a Deus em santidade e devoção sincera. O simples fato de deixar de comer alguma coisa não produz efeitos espirituais de forma automática, se o coração do praticante do jejum não for sincero diante de Deus e não estiver buscando uma vida piedosa mesmo quando não jejua.

Observe o alerta do profeta Isaías ao povo de Israel, que praticava o jejum, mas, ao mesmo tempo, oprimia os pobres, não repartia o pão com o faminto, não acolhia os desabrigados e não fornecia vestimenta aos que precisavam (**Is 58.4-8**). O jejum deve ser praticado como fruto de uma vida que busca fazer a vontade de Deus e o fato de renunciar a coisas desse mundo pode potencializar essa caminhada em direção à vontade de Deus.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Lv 16.29-30

Ter: Ne 9.1-2

Qua: 2Sm 12.15-17

Qui: Mt 4.1-2

Sex: At 13.1-3

Sáb: Is 58.4-8

2. ATIVIDADES

Marque **V** para verdadeiro e **F** para falso. Em sala, conversem sobre as afirmações falsas.

() No Antigo Testamento, o jejum estava associado ao perdão dos pecados. Mas isso não se aplica mais à Nova Aliança, pois o perdão foi providenciado por Cristo e é recebido mediante o arrependimento.

() O crente pode utilizar o jejum para obter uma graça especial diante de Deus, tal como uma cura ou um novo emprego.

() No Novo Testamento, há várias passagens em que a igreja primitiva conclama um jejum coletivo, de forma que essa prática deve ser comum também atualmente.

() Ao fazer um jejum de alimentos, você deve tomar os cuidados relativos à saúde, principalmente se possui alguma condição de risco preexistente, como a hipoglicemia.

3. APLICAÇÕES

O jejum pode ser uma estratégia poderosa para potencializar sua vida espiritual, caso associado, obviamente, a uma vida de piedade. Além do jejum de alimento, reflita sobre aquilo que mais atrai sua atenção, toma seu tempo ou que desperta seus desejos. Talvez sejam as redes sociais, a questão estética, as séries, os videogames, os esportes ou até mesmo as compras. A abstinência voluntária daquilo que pulsa em você pode ser um interessante exercício para mortificar os desejos da carne e fortalecer a vida espiritual de forma geral. Mas não adianta apenas deixar de fazer alguma coisa, sem preencher o vazio que será deixado. O tempo que será liberado pela atividade que foi deixada deve ser substituído por outras atividades que edifiquem sua vida espiritual, tais como a oração, a adoração, o estudo da Palavra e a comunhão, com um bom bate-papo com pessoas piedosas que podem abençoar sua vida.

Lembre-se de que o jejum não tem como objetivo receber bênçãos materiais, conseguir um emprego, conquistar uma pessoa amada, alcançar uma cura física, ganhar causas na justiça, etc. O jejum é útil para alimentar a chama do Espírito Santo, mas desde que você esteja buscando a santificação e procurando afastar da sua vida de

tudo que vai contra a vontade de Deus, como a promiscuidade sexual, o amor ao dinheiro, todo tipo de maldade contra o próximo e a insensibilidade para com os que precisam de ajuda, entre outras situações. Sem a busca pela santificação, o jejum será apenas uma dieta.

Por fim, seguindo a orientação do Senhor Jesus, sempre que você estiver fazendo algum jejum, seja de alimento ou seja de outro tipo, não faça questão de anunciar aos outros. Aliás, evite sempre divulgar as coisas que você tem renunciado pelo Reino. Isso vale para tudo na vida espiritual. Ao dizer por aí o valor que você dispendeu em uma oferta, o tempo que você dedicou a um ministério ou as perseguições que sofre por ser cristão, verifique sempre qual é sua intenção: se é estimular os outros, e mostrando que ainda é pouco o que você faz, ou se é receber reconhecimento e elogios. Caso a intenção seja essa última, além do risco de soar como presunçoso, você poderá trocar a recompensa de Deus pelo elogio dos homens. Sua recompensa espiritual poderá ficar prejudicada.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Qual era o objetivo do jejum na Lei de Moisés e por que isso não se aplica aos cristãos, atualmente?
- ◆ De que maneira o jejum, combinado com a oração, pode ser positivo para o crente?
- ◆ Você já fez ou costuma fazer algum tipo de jejum? Como foi essa experiência?
- ◆ Qual é o jejum que você precisaria fazer atualmente?

5. DESAFIO PRÁTICO

Escolha alguma coisa que atrai muito sua atenção e desejos, ou toma muito seu tempo, e faça um jejum disso nesta semana. Aproveite o tempo que foi liberado para se dedicar mais à oração e à meditação na Palavra.

1. APRESENTAÇÃO

Na região da Galileia, Jesus continuava manifestando seu poder, por meio de curas milagrosas, com o objetivo de exercer compaixão pelos que sofriam e de comprovar que sua mensagem vinha da parte de Deus. Nas passagens estudadas nesta lição, veremos como o Senhor, além de curar uma mulher e dois cegos e de libertar um endemoniado mudo, realizou a ressurreição de uma menina. Vejamos quais lições podemos tirar dessas maravilhas realizadas pelo Senhor.

A filha de Jairo. Jairo era o chefe de uma sinagoga (veja a explicação sobre a sinagoga na lição 06). Isto é, era uma autoridade religiosa local. Por essa razão, poderia ter a tendência de ser alguém arrogante. Entretanto, diante da gravidade da doença da filha, ele reconhece sua limitação e recorre, em desespero, ao Senhor Jesus. Jairo percebeu que seu dinheiro, seu prestígio e seu conhecimento não teriam valor diante da realidade da fragilidade da vida humana. Somente Jesus poderia ser a resposta para sua aflição.

Jairo estava com medo, assim como tem medo toda pessoa que se depara com uma situação tão impactante, como a perda de alguém querido. O medo faz parte da realidade humana, que se vê impotente frente a uma possível tragédia. Mas Jesus mostra que o antídoto para o medo é a fé e a confiança nEle (*"Não temas; crê somente"*). De fato, muitas ameaças se apresentam diante da nossa vida e da nossa família. Em muitos casos, não temos forças ou capacidade para evitá-las. Por isso, somente a confiança na soberania e no cuidado de Deus podem acalmar nosso coração e trazer paz.

O Senhor Jesus mostra sensibilidade diante da dor humana ao mudar seu trajeto para atender ao chamado do pai em desespero. Ele vai repetir a atitude ao parar para atender a mulher com hemorragia. Algumas pessoas pensam que Deus está ocupado demais para se importar com pessoas tão pequenas como nós. Mas a verdade é que Cristo nos ama profundamente e, para Ele, todo problema é importante se está nos trazendo sofrimento. Nossa dor está sempre na agenda de Deus.

As pessoas riram de Jesus, quando Ele disse que a menina estava apenas dormindo. Jesus queria dizer que aquela morte não era definitiva. Mas as pessoas não compreenderam o que Jesus dizia, pois interpretavam suas palavras literalmente. Muitas vezes, as pessoas criticam ou debocham da Palavra de Deus, por ignorância, porque não a compreendem (ou não a querem compreender). Por exemplo, muitos zombam do relato da criação, dizendo ser impossível, cientificamente falando. Fazem isso porque não compreendem que a linguagem daquele relato é semipoiética e não literal.

Jesus não discutiu ou tentou convencer os ignorantes de que estava certo. Para impedir que os zombeteiros atrapalhassem sua atuação naquela casa, Jesus colocou para fora os instrumentistas e os curiosos. Somente os pais da menina, além de Pedro, Tiago e João, puderam presenciar o milagre. Jesus não jogava pérolas aos porcos. Somente aqueles que possuem intimidade com Ele e um coração aberto podem participar de Seu Ministério.

A mulher do fluxo de sangue. É interessante observar como Jairo, por mais que tivesse um caso urgente, não reclamou quando Jesus parou para atender a mulher. Ele demonstra generosidade e sensibilidade, pois sabia o que era sofrer com uma enfermidade. Além disso, confiava que Jesus sabe o tempo certo de cada coisa e não era ele quem pautaria a atuação do Senhor.

Essa mulher havia gastado todo seu dinheiro com médicos, na tentativa de conter um fluxo de sangue semelhante ao menstrual, mas que ocorria de forma contínua. Naquele tempo, a medicina era rudimentar, além do que, certamente, havia aproveitadores. Sem Deus, as pessoas buscam auxílio para seu vazio e para suas necessidades naqueles que não podem ajudar, sejam eles intelectuais, artistas, *influencers*, consultores, amantes etc.

Também em desespero, assim como Jairo, a mulher recorre a Jesus. Pela fé, entendeu que apenas ao se aproximar do Mestre e tocar suas vestes receberia a ajuda de que precisava. Pelas características de sua

enfermidade, essa mulher talvez sofresse também com algum tipo de anemia. Em sua fraqueza, ela talvez não conseguisse sequer se destacar na multidão. Quando não sabemos o que dizer, basta se aproximar de Jesus, mesmo calados, e falar com o coração, pois o Senhor ouve o íntimo do nosso ser. Jesus, parando para atender aquela mulher em específico, mostra que conhece cada um de maneira especial. Sua vida é um livro aberto para Deus e Ele lê você completamente. Não há nada a esconder. Você precisa se apresentar diante dEle para ser tratado em todas as suas questões.

Devido ao seu fluxo contínuo de sangue, essa mulher era considerada constantemente impura, segundo a Lei de Moisés (**Lv 15.25**), o que impedia seu contato com outras pessoas ou sua participação em cerimônias religiosas. Talvez, esse fosse o motivo de buscar a cura de forma anônima, pois devia ter vergonha de sua própria condição. Mas Jesus, ao curá-la, faz questão de tornar a cura pública, para que os que já a conheciam soubessem que estava livre de suas limitações.

O simples toque dela nas vestes de Jesus faria com que o Senhor também se tornasse impuro. Mas o poder de Jesus faz com que o efeito seja contrário: ao invés de a impureza ser transmitida da mulher para Jesus, o poder purificador de Jesus é transmitido para ela.

Dois cegos e um mudo. Ao curar os dois cegos, Jesus os adverte que não contassem a ninguém sobre esse milagre. Fica evidente aqui, primeiro, que o objetivo de Jesus não era se promover com esse milagre, mas trazer alívio àqueles homens. Além disso, Jesus sabia que ainda não era tempo de se manifestar publicamente, para evitar atrair perseguição de forma prematura.

Enquanto os cegos tinham somente uma limitação física, a cura do homem mudo é diferente, pois esse estava endemoniado. Provavelmente, a possessão de seu corpo por um demônio era a causa de sua mudez. Isso também é relatado em **Mt 12.22**. Geralmente, nos outros relatos sobre endemoniados, as pessoas falam. Evidentemente, não podemos afirmar que as pessoas enfermas, ou com condições físicas limitantes, seja a mudez ou a cegueira, estão sob poder de demônios. Mas concluímos que a operação de espíritos malignos na vida das pessoas ocorre de formas diversas, muitas vezes, imprevisíveis. Talvez até não facilmente detectáveis.

A Bíblia não oferece muitas explicações sobre os efeitos da possessão demoníaca. O presente relato, inclusive, tinha como objetivo somente mostrar que Jesus tinha um poder nunca visto mesmo em Israel, terra de tantos profetas poderosos. Mas os relatos sobre possessões são sempre negativos e em tom de alerta, mostrando o perigo que é se aproximar, brincar ou dar abertura para atuação de espíritos em nossa vida.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Is 41.10-14

Ter: Sl 28.6-9

Qua: Jr 17.5-10

Qui: Lv 15.25-30

Sex: Jo 7.1-9

Sáb: Mt 12.43-45

2. ATIVIDADES

Complete as lacunas na frase abaixo, segundo a alternativa que melhor representa as palavras que estão faltando.

C.S. Lewis, em seu livro *"Milagres"*, defende a ideia de que milagres são _____ divinas na ordem natural do mundo. Ele argumenta que, embora a natureza tenha suas _____, isso não significa que Deus não possa intervir nelas. Lewis propõe que os milagres são uma forma de Deus se _____ com a humanidade, mostrando que existe uma realidade além do mundo _____.

- a. exceções; esquisitices; estranhar; invisível.
- b. intervenções; leis; comunicar; material.
- c. necessidades; belezas; abraçar; cósmico.

3. APLICAÇÕES

Assim como Jairo, talvez você já tenha experimentado (ou esteja experimentando nesse momento) o medo. O medo, que está relacionado à ansiedade, pode provocar diversos efeitos em seu corpo e sua mente, causando, por exemplo, dificuldade para dormir ou para se concentrar, dor de cabeça, falta de ar e choro. O medo se intensifica se você tentar lidar com o seu problema de forma simplesmente racional. Lembre-se que sua capacidade intelectual e material é limitada. Por isso, muitas vezes, você não vai encontrar solução viável ou totalmente eficaz para o que lhe aflige ou ameaça. Lembre-se de quem é o Deus a quem você serve. Ele não desampara você. Busque colocar sua confiança em Deus, e então você poderá ouvir o Senhor dizendo de forma amorosa ao seu coração: *“não temas; crê somente”*.

Da mesma forma que Jesus colocou para fora os zombadores que estavam atrapalhando seu ministério, você precisa blindar sua vida de pessoas que atrapalham seu relacionamento com Deus e seu progresso espiritual. Todo mundo tem, ao seu redor, pessoas que vivem criticando sua fé, convidando para atividades que te afastam do convívio com a igreja e estimulando você com coisas que prejudicam sua santidade. Evidentemente, a Bíblia não manda você cortar laços com as pessoas do mundo, mas é preciso sabedoria para saber que existem momentos em que você precisa se afastar dos que não se importam com sua vida espiritual ou mesmo dos que gostariam de ver você mais longe do Senhor.

O Senhor Jesus mostrou conhecer de forma íntima e pessoal a mulher com o fluxo de sangue. Assim, também, Jesus conhece seu coração de maneira profunda e detalhada, quer você aceite isso ou não. A pior coisa que você pode fazer é tentar esconder coisas de Deus ou aliviar sua consciência enganando a si mesmo com o pensamento de que Deus não está se importando com sua vida. Aproveite o privilégio de o Deus Eterno se importar com sua vida e conhecer você muito mais do que qualquer outra pessoa. Desfrute da possibilidade de ser tratado e curado por Deus. Permita que o Senhor revele aquilo que nem você mesmo sabe sobre si. É transformador quando Deus sonda sua alma e mostra o que há de bom e de ruim em seu coração.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Quais situações podem provocar medo em nós? Como exercitar a fé de forma a superar o mesmo? Você já passou por essa experiência?
- ◆ De que maneira as pessoas ao nosso redor podem acabar prejudicando nossa caminhada cristã? Como podemos blindar nossa vida daqueles que convivem conosco, mas querem nos afastar do Senhor ou esfriar nossa fé?
- ◆ Como você se sente sabendo que Deus conhece tudo em sua vida de forma íntima? Você se lembra disso durante sua rotina cotidiana? Que diferença faz em nossa vida ter essa consciência o tempo todo?

5. DESAFIO PRÁTICO

Faça uma lista das pessoas com quem você convive e que têm atitudes que prejudicam sua caminhada de Fé com o Senhor. Trace estratégias para não permitir que você seja influenciado negativamente por elas.

1. APRESENTAÇÃO

A Lei de Moisés prescrevia que o sábado deveria ser um dia de descanso (**Êx 20.8-11**). Por isso, o povo não deveria trabalhar nesse dia. Ou seja, não poderia plantar, colher, arar a terra, confeccionar mercadoria, comprar ou vender. Deus sabia que, se não houvesse tal proibição, as pessoas tenderiam a trabalhar todos os dias, resultando em desgaste e esgotamento físico, psicológico, familiar e social, causando também impactos negativos na vida religiosa. O povo não teria um tempo reservado para desfrutar da criação de Deus e da companhia uns dos outros e para adorar o Senhor. A lei era uma proteção, inclusive, para os empregados contratados, que teriam garantido um dia de descanso em sua jornada.

Mas os fariseus, que eram um grupo de religiosos apegados à observância das tradições judaicas, observavam não apenas a *Torá* (cinco primeiros livros da Bíblia, que contempla a Lei de Moisés), mas também o *Talmude*, que é uma coletânea das discussões e interpretações dos rabinos (mestres) sobre essas leis. Uma das obras do *Talmude* é a *Mishná Shabat*, que trata das leis que devem ser observadas em relação ao dia de sábado.

Essa *Mishná* prescreve uma lista de 39 trabalhos que não poderiam ser realizados no sábado, incluindo “separar”, “moer”, “fazer massa”, “assar”, “cozinhar”, “fritar”, “lavar”, “acender” ou “apagar” (fogo) e “transportar” (de propriedade particular para pública e vice-versa). Para se ter uma ideia, era proibido carregar qualquer objeto para fora de casa a uma distância equivalente a 2 metros. Essas regras praticamente inviabilizavam a vida das pessoas no dia de sábado, o que não era a intenção original da Lei Mosaica. O sábado, que era para ser um dia de bênção para o povo, tornou-se um peso, uma espécie de prisão.

É nesse contexto que o Senhor Jesus é confrontado pelos fariseus pelo fato de seus discípulos terem colhido espigas para comer no sábado. Para ensinar os fariseus, o Senhor recorre ao exemplo de Davi, quando comeu dos pães da proposição, que ficavam dentro do Templo (**1Sm 21.1-6**), e que só poderiam ser comidos pelos sacerdotes (**Lv 24.5-9**). Do ponto de vista literal da lei, Davi fez algo errado.

Entretanto, Jesus mostra que a interpretação da Lei de Moisés deveria levar em conta as necessidades humanas. Isto é, a Lei Mosaica havia sido feita para servir ao povo de Deus e não o povo de Deus havia sido feito para servir à Lei. O sábado não havia sido feito para trazer sofrimento (no caso, a fome) para as pessoas, mas para satisfazer suas necessidades e abençoá-las. A proibição da Lei de Moisés sobre o sábado estava claramente associada ao trabalho que visava o investimento na própria propriedade, o acréscimo de bens, o lucro ou o enriquecimento pessoal. De forma nenhuma havia proibição para que alguém colhesse uma fruta, uma verdura ou um pouco de grãos para se alimentar.

Se os fariseus tivessem misericórdia em seu coração, conseguiriam interpretar a Lei de forma menos legalista e com mais graça, sendo sensíveis às necessidades das pessoas que estavam condenando sem motivo.

E Jesus acrescenta que, se os companheiros de Davi não foram condenados por estarem colhendo as espigas sob autoridade daquele rei, muito menos culpa têm os discípulos de Jesus, que estão sob a autoridade do Rei dos Reis, que é maior que o Templo e que é Senhor do sábado.

Em outro momento, Jesus percebe que os fariseus estão apenas aguardando ele curar um homem enfermo no sábado para confrontá-lo. O Senhor, então, indignado e entristecido, intencionalmente cura o homem naquele momento para poder confrontá-los primeiro. Sua pergunta sobre se era lícito fazer o bem, curar ou salvar uma vida no sábado ficou sem respostas por parte dos fariseus. Além de não haver tais proibições na Lei de Moisés, a pergunta deixava evidente que o legalismo dos fariseus havia sido colocado acima da misericórdia e do amor.

Compreendendo perfeitamente que a guarda do sábado fazia parte da Lei Mosaica e que agora vivemos sob uma Nova Aliança, a igreja primitiva passou a guardar o primeiro dia da semana, o domingo, como Dia do Senhor

(At 20.7; 1Co 16.2). Muito provavelmente, isso se deve ao fato de o Senhor ter ressuscitado no primeiro dia da semana.

Embora haja alguns que defendam que o imperador Constantino, no ano 325 d.C., supostamente mudou o dia de adoração da igreja para o domingo, já que este era o dia de adoração do deus Sol, tal afirmação não procede. Observe que, João, ao escrever o livro de Apocalipse, no ano 95 d.C., já utilizava a expressão “Dia do Senhor” (Ap 1.10), que em latim se diz “*dies Dominicus*”, e que posteriormente passou a se chamar simplesmente “domingo”.

Além disso, os pais da igreja, muito antes do ano 325 d.C., já dão testemunho de que a igreja guardava o domingo. Inácio de Antioquia escreveu, no ano 100 d.C.: “*Aqueles que estavam presos às velhas coisas vieram a uma novidade de confiança, não mais guardando o sábado, porém vivendo de acordo com o dia do Senhor*” (Carta aos Magnésios).

Portanto, para o cristão, não faz sentido nem se apegar ao mesmo dia guardado pelos judeus, segundo a Lei de Moisés, nem praticar as mesmas restrições ali existentes. O mais importante é o princípio de que o Dia do Senhor, para o crente, é um dia de descanso, de desfrutar da presença da família, de adoração e de agradecer ao Senhor pela vida e por Sua criação.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Êx 20.8-11

Ter: 1 Sm 21.1-6

Qua: Lv 24.5-9

Qui: At 20.7

Sex: 1 Co 16.2

Sáb: Ap 1.10

2. ATIVIDADES

Observe o que é dito sobre o Dia do Senhor na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira.

A. Nesse dia os cristãos devem abster-se de todo trabalho secular, excetuando aquele que seja imprescindível e indispensável à vida da comunidade. Devem também abster-se de recreações que desviem a atenção das atividades espirituais.

B. Com o advento do Cristianismo, o primeiro dia da semana passou a ser o dia do Senhor, em virtude de haver Jesus ressuscitado neste dia.

C. Deve ser para os cristãos um dia de real repouso em que - pela frequência aos cultos nas igrejas e pelo maior tempo dedicado à oração, à leitura bíblica e outras atividades religiosas - eles estarão se preparando para “aquele descanso que resta para o povo de Deus”.

Agora, associe as afirmações da declaração aos versículos referência.

() Jo 20.1,19,26; At 20.7; Ap 1.10 () Hb 4.9-11; Ap 14.12,13 () Ex 20.8-11; Jr 17.21,22,27; Ez 22.8

3. APLICAÇÕES

Embora os cristãos não estejam mais debaixo da lei da guarda do sábado, o princípio contido nos dez mandamentos para guardar o Dia do Senhor deve receber sua atenção. O Dia do Senhor, no nosso caso, o domingo, não deve ser um dia igual aos outros. Você tem seis dias da semana para se dedicar ao trabalho, aos estudos e aos demais compromissos sociais (grupo de corrida de rua ou de pedalada, futebol com os amigos etc.). O Dia do Senhor deve ser separado para você estar na presença de Deus, em comunhão com a igreja e desfrutando da convivência com sua família. Ou seja, o Dia do Senhor permite que você se desconecte das coisas desse mundo, pelo menos

uma vez na semana, para se dedicar de forma mais profunda àquilo que normalmente sofre com a concorrência das demais atividades semanais. Como exemplo, todos sabemos como é difícil tirar um tempo de qualidade durante a semana para estudar a Bíblia e orar. O Dia do Senhor existe justamente para que, pelo menos um dia da semana, você tenha tranquilidade para se dedicar a isso.

Evidentemente, o princípio do Dia do Senhor não tem o mesmo rigor que tem o sábado na Lei de Moisés. Quando, eventualmente, você precisa trabalhar, estudar ou cumprir um compromisso social no domingo, não sofrerá uma punição de Deus ou da igreja. Entretanto, caso você banalize o Dia do Senhor, certamente, com o tempo, começará a sentir os prejuízos na sua vida com Deus e até familiar, como o esfriamento espiritual, o enfraquecimento na fé e a ausência de direção ao precisar tomar determinadas decisões.

Além disso, cuidado para não fazer do Dia do Senhor o dia exclusivo de adoração. Todos os dias são santos para o cristão. Isto é, em todos os dias da semana você deve andar na presença de Deus e em obediência ao Senhor. Toda sua vida deve ser um culto. O culto cristão é individual durante a semana e coletivo no Dia do Senhor.

Por fim, cuidado também para não fazer do Dia do Senhor um dia de ativismo. Na intenção sincera de ser útil para Deus e de servir aos irmãos, você pode se ver tão sobrecarregado de atividades no domingo que esse dia acaba se tornando um dia de cansaço, ao invés de dia de descanso, e você acaba ficando até sem tempo de estar com sua família e de ter seus momentos com Deus. A depender do seu ativismo no domingo, você pode fazer tantas atividades na igreja, com tantas preocupações, que a última pessoa com quem você conversa nesse dia é o Senhor.

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

- ◆ Você faz do Dia do Senhor um dia especial? Ou para você é um dia praticamente como os outros?
- ◆ De que maneira o crente pode fazer do Dia do Senhor um dia especial, de adoração e comunhão com a igreja e a família?
- ◆ Quais são os prejuízos à vida espiritual do crente se ele fizer do Dia do Senhor um dia como qualquer outro?
- ◆ Como conciliar o fato de o Dia do Senhor ser ao mesmo tempo um dia de descanso (do trabalho) e de serviço (no Reino)?

5. DESAFIO PRÁTICO

Faça uma lista de todas as coisas importantes que você gostaria de fazer no domingo (aproveitar a família, estudar a Bíblia, descansar etc.) e ponha em prática no próximo domingo.

1. APRESENTAÇÃO

Na Lição 3, estudamos que o Ministério de João Batista terminou em uma prisão e com a sua cabeça servida em uma bandeja à filha de Herodias, como presente pela dança que ela ofereceu à Herodes em sua festa de aniversário (**Mt 14.6-10**). Porém, João Batista inaugurou a era messiânica, preparando o caminho de Jesus para a chegada do Reino dos Céus, conforme previram os Profetas do Antigo Testamento.

Esse reino, desde os dias de João Batista, vem sofrendo violência e é tomado à força (**Mt 11.12**). Uma primeira evidência disso é a prisão e morte cruel de João Batista, após Jesus ser batizado por ele e iniciar o seu ministério. O próprio Jesus alertou que sua vinda não traria paz à terra, mas espada (**Mt 10.34**), e que seus seguidores seriam odiados de todos por causa de seu nome. Mas aquele que perseverasse até ao fim, esse seria salvo. Por isso, há necessidade de esforço para ser parte desse Reino e de promover unidade da Igreja pela qual Jesus orou (**Jo 17**).

Antes de ser preso, João Batista batizou Jesus e testemunhou que o Espírito Santo desceu sobre ele, enquanto orava, *“em forma corpórea, como pomba; e, ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo”* (**Lc 3.22**). Mesmo sendo testemunha dessa manifestação gloriosa da trindade na união do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e tendo ouvido falar das obras e ensinamentos de Jesus (**Mt 11.1**), João Batista, da prisão, envia dois discípulos seus para confirmar com o próprio Jesus se, de fato, Ele era o Messias ou esperava-se outro.

Ao ouvir essa pergunta, Jesus não criticou João, mas mostrou com ações que seu poder não poderia vir de homens, mas sim do Pai Eterno. Jesus, então, diante dos enviados de João, *“na mesma hora, curou muitos de enfermidades, e males, e espíritos maus, e deu vista a muitos cegos”* (**Lc 7.24**). Jesus, além de mandar dizer a João os milagres que fazia, curando cegos, surdos, coxos e leprosos e ressuscitando mortos, mostrou que o Evangelho era pregado aos pobres. Dessa forma, Jesus apresenta-se como alguém muito preocupado em atender às necessidades especiais das pessoas, mas sem deixar de suprir as necessidades espirituais dos pobres, em ações de ensino e pregação do Evangelho, isto é, as Boas-Novas anunciadas nas Palavras de Deus.

Após a saída dos discípulos de João, Jesus começou a dizer para a multidão acerca de João: *“Que saístes a ver no deserto? Uma cana abalada pelo vento?”*. Veja que, na didática de Jesus, para ensinar alguma coisa aos discípulos e às multidões, Ele se utilizava de perguntas, metáforas, comparações e frases atrativas, que provocavam reflexões e ficavam na memória das pessoas. Em seguida, Jesus se utilizou das mesmas perguntas, porém, mencionando quem tem o seu lugar nos palácios reais e veste roupas finas: *“Mas que saístes a ver? um homem trajado de vestes delicadas?”* (**Lc 7.25**). Por certo, com suas palavras, Jesus quis que João não fosse esquecido.

Além disso, Jesus exaltou João considerando-o como mais do que um profeta e *“Aquele de quem está escrito: Eis que envio o meu anjo diante da tua face, o qual preparará diante de ti o teu caminho”* (**Lc 7.27**). Assim, Jesus apontou João Batista como seu precursor, porque o chamado dele para preparar o Caminho do Senhor foi declarado por profetas, como Isaias e Malaquias, e pelo anjo Gabriel, que anunciou o nascimento de Jesus. Mas, mesmo sendo João alguém tão grande na visão humana, na lógica do Reino dos Céus, menos é mais. Por isso, Jesus disse que o menor no Reino de Deus é maior do que João (**Lc 7.28**).

Assim como aconteceu com João, a mensagem de Jesus foi rejeitada pelos fariseus e intérpretes da Lei, embora fossem eles os mais conhecedores da Lei e dos Profetas. No entanto, segundo Jesus, eles rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, pois, quem os livraria das condenações futuras?

Por meio de um provérbio, Jesus então comparou os fariseus e intérpretes da Lei aos meninos que, nas praças, clamam em tom de lamentação: *“Tocamos para vocês flauta, e não dançastes; cantamos para vocês lamentações, e não chorastes”* (**Lc 7.32**), significando que os indiferentes à Palavra de Deus não conseguem reagir de acordo com a mensagem transmitida, seja ela de Boas-Novas ou de tristeza.

Jesus também criticou os fariseus e intérpretes da Lei que, em atitudes de soberba, hipocrisia e indiferença, julgavam como endemoniados os que não comiam pão e nem bebiam vinho, como João Batista, e, como comilões, bebedores e amigos de pecadores aqueles que comiam e bebiam, como Jesus. Dessa forma, consolidando um histórico bíblico de rejeição aos Profetas de Deus e de apego às tradições, a elite religiosa deixava de entrar no Reino e impedia outros que nele queriam entrar (**Mt 23.13**). Por isso, segundo Jesus, sofrerão a condenação eterna.

Por outro lado, o povo e os publicanos que se arrependeram e foram batizados com o batismo de João, justificaram a Deus (**Lc 7.29**) e herdaram o Reino dos Céus. Embora eles fossem pecadores e menos conhecedores dos mandamentos do Altíssimo, eles foram mais receptivos à mensagem de Deus, sendo mais humildes ao reconhecerem que eram pecadores e ao demonstrarem arrependimento e o desejo de fazerem a Vontade do Pai. Por isso, Jesus bem disse: *“Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus. Porque João veio a vós no caminho da justiça, e não o crestes, mas os publicanos e as meretrizes o creram; vós, porém, vendo isto, nem depois vos arrependestes para o crer”* (**Mt 21.31-32**).

Essa rejeição da elite religiosa a Jesus foi por Ele denunciada na Parábola dos Lavradores Maus (**Mt 21.33-46**), na qual comparou os chefes de sacerdócio e fariseus àqueles que mataram os servos e o filho de um proprietário de vinha. E, entendendo que a parábola se referia a eles, quiseram prender Jesus. Todavia, Ele lhes disse: *“Portanto, eu digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino”* (**Mt 21.43**). A partir dessas palavras de Jesus, da morte de João de Batista e da perseguição sofrida pelos cristãos, desde os apóstolos até os dias de hoje, compreende-se porque o Reino de Deus vem sofrendo violência e é tomado à força pelos que o perdem e pelos que a ele se opõem.

A partir do que foi exposto nesse estudo, destacam-se as seguintes lições a serem aprendidas com o ensinamento de Jesus: confirme, como Jesus, quem você é com ações e não apenas com palavras; alegre-se com os que se alegram e chore com os que choram (**Rm 12.15**). Como diz a poesia de Vinícius de Moraes, *“rindo meu riso e, derramando meu pranto ao seu pesar ou seu contentamento”*. Para Deus, “menos é mais”. Por isso, será maior no Reino dos Céus o mais humilde e o que tem menos “eu” crescendo. Seja uma influência fazendo a diferença, sendo muito diferente, como João em seu estilo de vida, ou como Jesus, sendo mais próximo do povo. Seja bom e inclusivo, como Jesus, que, sendo Deus, acolheu àqueles que mais precisavam de ajuda e atenção.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Is. 35.5-6

Ter: Is. 61.1

Qua: Mt. 3.1

Qui: Mt. 4.5-6

Sex: Mt. 21.33-46

Sáb: Rm. 12.15

2. ATIVIDADES

i. De acordo com o versículo *“Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele”* (**Lc 7.30**), por que essa elite religiosa é mais condenável do que aqueles que não creem ou se opõem a Jesus?

ii. Comente a parte do texto da lição que mais chamou a sua atenção.

iii. Ordene a frase a seguir e descubra o que Jesus disse de João Batista.

ESTE É AQUELE : EIS QUE ENVIO DIANTE, DIANTE DE TI O TEU CAMINHO DE QUEM ESTÁ ESCRITO O MEU ANJO O QUAL PREPARARÁ DA TUA FACE (LUCAS 7:27).

Resposta: _____

iv. Descubra a palavra que explica quem era Jesus e que João Batista queria saber.

S	I	S	M	S	A	E
---	---	---	---	---	---	---

3. APLICAÇÕES

O estudo bíblico veio mostrar como Jesus se apresenta como o Messias esperado por Israel e como as pessoas reagiram a esse conhecimento. João Batista teve dúvidas se de fato Jesus era o Messias e procurou saber a resposta enviando os seus discípulos a Jesus. Mas os fariseus e os intérpretes da Lei rejeitaram a João e a Jesus, mesmo conhecendo o que a Lei e os Profetas disseram a respeito deles. Já os publicanos, não tendo todo o conhecimento da Lei e dos profetas, como a elite religiosa, receberam a mensagem de Jesus e foram batizados com o batismo de João, demonstrando arrependimento, fé e mudança de vida. Observe que, depois de ter o conhecimento de Jesus, os “indecisos” nem são citados, pois, para fazer parte do Reino dos Céus, não há meio termo, já que o próprio Jesus disse: “*Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha*” (Mt 12.30). Por isso, conhecer a Cristo implica uma decisão de aceitá-lo ou rejeitá-lo. Se você já conhece Jesus, precisa se decidir, caso contrário estará do lado que se opõe ao reino de Deus. Qual a sua decisão em relação a Jesus: aceitá-lo ou rejeitá-lo? Tudo o que Jesus ensinou e fez te convenceram como convenceram a João Batista? O que Jesus precisa responder para que você creia nela e seja salvo?

4. REFLEXÃO E COMPARTILHAMENTO

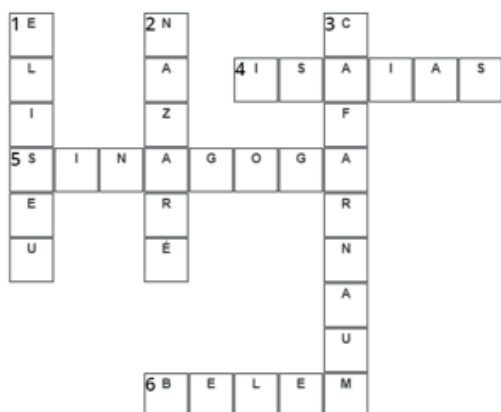
- ◆ Como você pode chorar com os que choram e se alegrar com os que se alegram? Que conselhos você daria para uma pessoa que se posiciona como indiferente?
- ◆ Você, como Jesus, tem acolhido pessoas deixando de lado preconceitos?
- ◆ Como a Igreja pode vencer a perseguição sofrida por causa da violência contra o Reino dos Céus?
- ◆ O que o seu batismo significou para você?

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

LIÇÃO 02

1.E; 2.C; 3.B; 4.A; 5.D

LIÇÃO 06

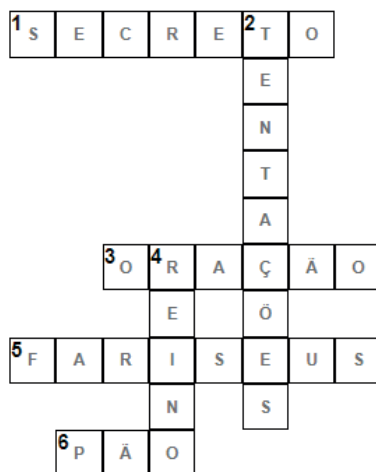


1. Eliseu
2. Nazaré
3. Cafarnaum
4. Isaías
5. Sinagoga
6. Belém

LIÇÃO 10

1. Vingança proporcional;
2. Tratar o próximo como gostaria de ser tratado;
3. Compartilhar o amor que recebeu de Deus.

LIÇÃO 11



LIÇÃO 12

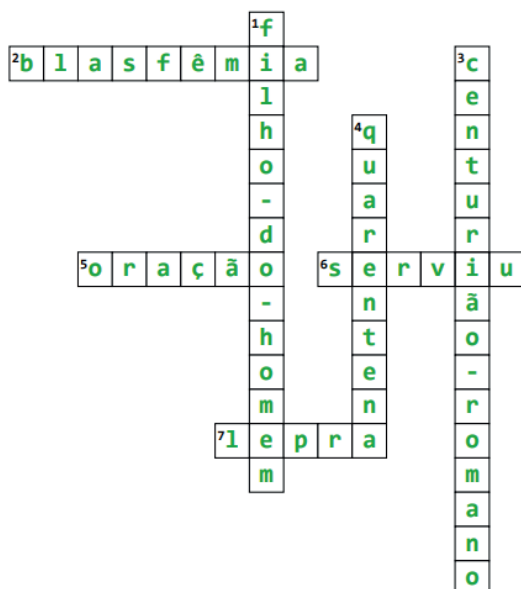
1. Falso. O problema não está em ter dinheiro e, sim, em ter foco no dinheiro. “O amor ao dinheiro é o princípio de todos os males” (1Tim 6.10).
2. Falso. Acumulamos tesouros no céu com ações que reverberam na eternidade. Nem sempre essas ações envolvem a utilização de recursos financeiros.
3. Falso. A Bíblia, em Mateus 6.24, refere-se aos senhores: Deus e riquezas.
4. Falso. A Bíblia condena a preguiça e nos ensina sobre a importância do trabalho em Pv. 6. 9-11.
5. Verdadeiro. Jesus afirma, em Mt6. 32, que os pagãos se preocupam com o que vão comer, beber ou vestir, mas nós devemos confiar que o Pai celestial sabe do que precisamos.

LIÇÃO 14

1. Sábio, 2. Insensato, 3. Estreita, 4. Autoridade,
5. Fogo, 6. Larga.

LIÇÃO 15

Milagres de Jesus



Across

- ✓2. Acusação feita pelos religiosos acerca da ação de Jesus com o Paralítico
- ✓5. Hábito que Jesus realizava costumeiramente
- ✓6. Ação que demonstrou a cura da sogra de Pedro
- ✓7. Doença, ou conjunto de doenças infecciosas dos templos bíblicos

Down

- ✓1. Título messiânico preferido de Jesus
- ✓3. Homem dotado de autoridade que maravilhou Jesus com sua fé
- ✓4. Única solução para a doença naquele tempo

LIÇÃO 18

V – F – F – V

LIÇÃO 19

B

LIÇÃO 20

B – C – A

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E LEITURAS AUXILIARES

LIÇÃO 02

MORRIS, Leon L. (2008) Lucas – Introdução e Comentário. Ed. Vida Nova

TASKER, R.V.G. (2008) Mateus – Introdução e Comentário. Ed. Vida Nova

MONTEIRO, Tiago. Lucas 2 – Leitura Bíblica Comentada. Participação de: Carol Simão e Tiago Moreira.

Ichtus Podcast, São Paulo. Maio 2022. 74 min. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/6FpgYZ7U7XyYe3dPvxiHvN?si=289657c6ee704224>. Acesso em: 24 set. 2024.

LIÇÃO 06

A Bíblia da Mulher – Editora Mundo Cristão e Sociedade Bíblica do Brasil

NEVES, Claudio – ipmandacaru – Jesus é rejeitado em Nazaré. Youtube, 27 de Julho de 2016.

<https://www.youtube.com/watch?v=iCNrXnB8AQI>

LIÇÃO 07

KROHLING, Aloísio. **A Ética da Alteridade e da Responsabilidade**. Curitiba: Juruá, 2011.

WIKIPEDIA, disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Immanuel_Kant>, acesso em 28.09.2024.

LIÇÃO 08

STOTT, Jon. A Mensagem do Sermão do Monte, de John Stott: ABU Editora, 2023.

FERGUSON, Sinclair. O Sermão do Monte. São Bernardo do Campo: Editora Trinitas, 2019.

PFEIFFER, Charles. Comentário Bíblico Moody: Volume 2. São Paulo: Editora Batista Regular, 2019.

PINK, A. W. As Bem-aventuranças. São Paulo: O Estandarte de Cristo, 2022.

WESLEY, John. Comentário Bíblico.

WESLEY, John. O Sermão do Monte. São Paulo: Editora Vida, 2012.

WIERSBE, Warren. Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento: Volume I. São Paulo: Geográfica editora, 2006.

LIÇÃO 10

MORRIS, Leon L. (2008) Lucas – Introdução e Comentário. Ed. Vida Nova

TASKER, R.V.G. (2008) Mateus – Introdução e Comentário. Ed. Vida Nova

LIÇÃO 12

A Bíblia da Mulher – Editora Mundo Cristão e Sociedade Bíblica do Brasil

Attali, Jacques. Os Judeus, o dinheiro e o mundo. Benvirá, 2011.

Lopes, Augustus Nicodemus – compartilhando o caminho – O pão nosso de cada dia. Youtube.
<https://youtu.be/Rweo01n0XQQ>

Magalhães, Ageu– Ipvilaguarani – Vencendo a ansiedade. Youtube. <https://youtu.be/l0KGd--Ct14>

LIÇÃO 14

MORRIS, Leon L. (2008) Lucas – Introdução e Comentário. Ed. Vida Nova

TASKER, R.V.G. (2008) Mateus – Introdução e Comentário. Ed. Vida Nova

LIÇÃO 15

BBC NEWS BRASIL, Número real de mortes por covid no mundo pode ter chegado a 15 milhões, diz OMS. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581>>. Acesso em 03.10.2024.

BRASIL, Ministério da Saúde – COVID-19 NO BRASIL. Disponível em <
https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em 03.10.2024.

MORRIS, Leon L. Lucas: introdução e comentários. Série Cultura Bíblica. São Paulo/SP, Ed. Vida Nova, 2011.

MULHOLLAND, Dewey M. Marcos: introdução e comentários. Série Cultura Bíblica. São Paulo/SP, Ed. Vida Nova, 2014.

TASKER, R. V. G.. Mateus: introdução e comentários. Série Cultura Bíblica. São Paulo/SP, Ed. Vida Nova, 2014.